

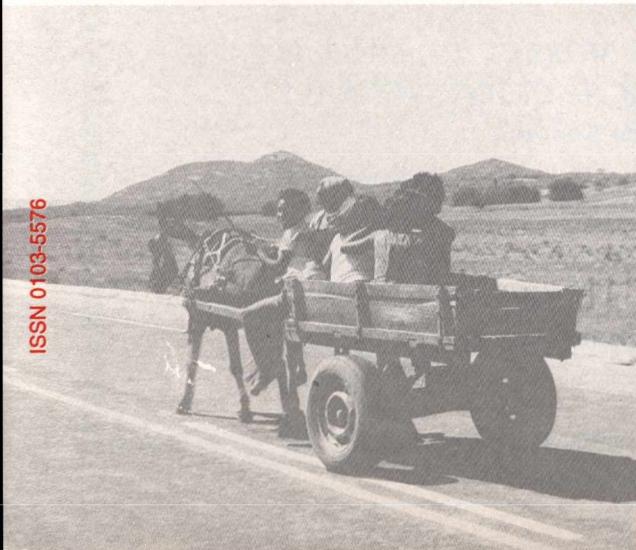
TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano VIII, número 22, Maio-Agosto/95



ISSN 0103-5576



TRAVESSIA

Revista do Migrante

CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J. B. Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

Diretor

Sidney da Silva

Editores

Dirceu Cutti
Sidnei M. Dornelas

Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MTB 3081)

Conselho Editorial

Carlos B. Vainer
Cláudio Ambrózio
Francisco Nunes
Heins Dieter Heidemann
José Giacomo Baccharin
José Guilherme C. Magnani
José Jorge Gebara
Luiz Bassegio
Wanderluce Pessoa Bison

Conselho Consultivo

Alfredo J. Gonçalves
Edgard Malagodi
Ermínia Maricato
Hermilo E. Pretto
Marilda A. Menezes
Marília P. Sposito
Milton Schwantes

Capa

Arte: 2M Criação e Produção Gráfica Ltda

Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

Impressão

Gráfica e Editora Peres Ltda - F:011-709.1387

Endereço para correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade
CEP 01514-030 São Paulo/SP - BRASIL
Fone: (011)278.62.27 - Fax: (011)278.22.84

ÍNDICE

5 MIGRAÇÃO DE RETORNO O QUE É ISSO?

Sidnei Marco Dornelas

8 ESTAR AQUI, ESTAR LÁ... O RETORNO DOS EMIGRANTES VALADARENSES OU A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TRANSNACIONAL?

Gláucia de Oliveira Assis

15 OS MOVIMENTOS DE REPATRIAMENTO

Marcia Anita Sprandel

23 ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE EMIGRAÇÃO E RETORNO NO NORDESTE

R. Parry Scott

ENTREVISTAS

28 "EU MORRIA DE SAUDADE DE VER AS QUARESMEIRAS"

Sérgio Kamada

37 "ELAS VÃO FAZER COMIGO O QUE EU FIZ COM MEUS PAIS"

Joaquim Heleno Costa

Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores

“... quando a gente deixa o Brasil a gente pensa que está fazendo a coisa mais difícil da vida, mas pode ter certeza que a volta é muito mais difícil que a vinda...”

(Trecho de uma carta de um emigrante brasileiro residente nos EUA, dirigida ao pai em 1994. Apud Assis: 1995)

A periodicidade da revista *Travessia* não é das que facilmente acostumam o leitor à data do seu recebimento. Nem por isso, nos 21 números já publicados, deixamos de ser rigorosos na pontualidade das remessas. Quando definimos o tema da presente edição - Migração de Retorno -, não imaginávamos que fosse difícil chegar à sua confecção final. Não faltou, inclusive, a atenção para adiarmos a publicação deste tema. Mas o compromisso da palavra dada falou mais alto e, embora com atraso, aqui está o número de *Travessia* tratando do Retorno.

Stricto sensu, o conceito em questão pressupõe algo bem definido em termos espaciais - o local de origem. Mas que local é este? O “pedaço” onde o migrante nasceu, o município, a Unidade da Federação, a Região, o país? Além destas, há outras perguntas que também podem ser feitas: Quem retorna? Quantos retornam? Como se dá o retorno? Enfim, as questões são múltiplas e todas, de alguma forma, pertinentes. Há um dado, porém, que perpassa a cada uma delas - a complexificação dos processos migratórios na atualidade. Cada vez mais o binômio origem-destino, pressuposto da categoria retorno, tomado como espacialidade de opostos, parece não dar conta do quadro referencial que busca entender a mobilidade humana.

Embora quantitativamente poucas, cremos que as contribuições aqui existentes pontualizam a contento a riqueza da discussão que o tema suscita.

Além da voz do Sérgio e do Heleno, dois migrantes que falam de suas experiências de retorno, o Dornelas vai de encontro à intriga “migração de retorno, o que é isso?”, alertando para os limites da utilização de uma categoria única de análise. Reconhece a importância do dado demográfico mas sinaliza até mesmo para a dimensão subjetiva que a decisão de migrar e, sobretudo a de retornar, implica. Sprandel, no contexto das novas formas de globalização, em especial do Mercosul, e a partir do retorno organizado dos brasiguaios, aponta para as mudanças que o movimento social imprime, quer nas esferas de poder, quer em nível do próprio movimento, quando os camponeses postulam para si o direito ao repatriamento. Assis, com base no fluxo que se estabeleceu entre Governador Valadares-EUA, através do conceito de transmigrantes, busca entender a identidade dos “novos migrantes”. Scott, por sua vez, analisa a migração inter-regional, a partir da diáde específica Pernambuco-São Paulo, e demonstra como emigração e retorno constituem estratégias familiares indispensáveis das áreas emissoras de mão-de-obra na obtenção de recursos, porém, estratégias por si só incapazes de superar o quadro de carências existente.

PS: Após termos enviado à gráfica os fotolitos do presente nº, chegou à redação o artigo - **O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante** - de autoria de Abdelmalek Sayad. O atraso deveu-se a motivos de saúde por parte do autor. Informamos que o texto será publicado como “janela aberta” na próxima edição de *Travessia*.

Direção Catti

BIBLIOTECA DE MIGRAÇÕES

O CEM (Centro de Estudos Migratórios), dispõe de um Centro de Documentação, com uma Biblioteca Específica de Migrações. Reúne livros, artigos, teses, monografias, revistas nacionais e internacionais, bem como periódicos que dizem respeito à questão migratória.

Horário de Atendimento:

A Biblioteca está aberta ao público, de segunda à sexta-feira, das 8:30 às 12:00 hs.

Temáticas do Acervo

MIGRAÇÃO INTERNA
MIGRAÇÃO INTERNACIONAL
IMIGRAÇÃO NO BRASIL
TERRA
URBANIZAÇÃO
DADOS DEMOGRÁFICOS E ESTATÍSTICOS
CULTURA
ECONOMIA
Religião

Solicitamos doações de teses e monografias atinentes ao tema Migração

CONHEÇA, LEIA E DIVULGUE

TRAVESSIA - Revista do Migrante

Assine e Adquira os Números Atrasados

Números Publicados

- 01 - Sazonais
- 02 - Cidade
- 03 - Fronteira Agrícola
- 04 - Violência
- 05 - Voto
- 06 - Barragens
- 07 - Cultura
- 08 - Trabalho
- 09 - Família
- 10 - Religião e Religiosidades
- 11 - Estrangeiros
- 12 - Educação
- 13 - Pena de Morte
- 14 - Migrar e Morar
- 15 - Tempo e Espaço
- 16 - Desemprego e Subemprego
- 17 - Imagens
- 18 - Novas Tecnologias
- 19 - Identidades
- 20 - Saúde
- 21 - Emigração

Escreva ou telefone para:

REVISTA TRAVESSIA
RUA VASCO PEREIRA, 55
SÃO PAULO - SP
01514-030
FONE: (011) 278.62.27
FAX : (011) 278.22.84

Escolha os números que deseja receber, faça você mesmo as contas e junto ao pedido envie um cheque nominal ao **CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS** no valor correspondente.

Valor da assinatura

- () Ass. válida por 1 anoR\$ 7,00
- () Ass. válida por 2 anos.... R\$ 14,00
- () Ass. válida por 3 anos.... R\$ 21,00
- Número avulso..... R\$ 3,00
- Exterior (1 ano).....U\$ 20,00

MIGRAÇÃO DE RETORNO O QUE É ISSO ?

Sidnei Marco Dornelas*

Nos últimos tempos, muita expectativa tem-se criado em torno das tendências que o Censo de 1991 revelaria a propósito da mobilidade da população brasileira. Esta expectativa foi aumentada com a divulgação dos resultados preliminares do Censo, e as novidades que eles estampavam. Além do fato maior da queda vertiginosa das taxas de fecundidade e, conseqüentemente, da desaceleração do ritmo de crescimento da população como um todo, esses resultados apontavam na direção de uma redistribuição espacial da população. Certos indicadores surpreenderam: o saldo migratório negativo para o município de São Paulo, as evidências de uma desaceleração no crescimento das Regiões Metropolitanas (RMs), ou ainda, os sinais de uma desconcentração do processo de urbanização da população brasileira (que continua, mas num ritmo mais lento). Se esses resultados contrariam as previsões de um crescimento urbano cada vez mais concentrado, com RMs cada vez mais inchadas, por outro lado eles parecem consequentes com as características relevantes da década de 80. A chamada "década perdida" assistiu ao esgotamento da Fronteira Agrícola e Amazônica em todos os seus aspectos (projetos de colonização, grandes obras, etc), à crise econômica que levou a uma recessão crônica que reduziu as possibilidades de emprego urbano e industrial (bem como as oportunidades de ascensão social para as classes de baixa renda), à modernização agrícola que reduziu o emprego rural e intensificou a tendência à concentração fundiária, etc. A confluência desses fatores, somados à percepção de uma estabilização e mesmo crescimento da população nordestina em algumas sub-regiões do Nordeste(NE), levaram muitos a se perguntarem sobre a incidência de uma migração de retorno nesse processo de

redistribuição da população brasileira.¹

A facilidade com que essa hipótese sobre a emergência de uma migração de retorno nos anos 80 se difunde faz com que questões mais direcionadas sejam formuladas: como constatar empiricamente tal fenômeno? como medi-lo quantitativamente? como caracterizá-lo socialmente? Na verdade, tais questões mostram-se mais difíceis na medida em que se deseja sair do mero nível impressionista e afrontar a complexidade crescente dos processos sociais em curso atualmente no Brasil. Os dados preliminares do Censo revelam apenas a faceta mais superficial dessa surpreendente complexidade. A sociedade brasileira, urbana e diferenciada socialmente, pede que essa realidade em rápida mutação e de difícil compreensão seja abordada por diferentes ângulos e instrumentais de análise. Talvez a hipótese de uma migração de retorno possa contribuir para tal análise... Mas, então, de que retorno estamos falando?

Os limites de uma categoria de análise

Há questão de 10 anos atrás, Hélio Moura já levantava a suspeita de que uma migração de retorno estaria agindo na redistribuição da população brasileira, tendo em vista a crise econômica que ele testemunhava na época.² Na ocasião, ele já se perguntava sobre as possibilidades de identificar o migrante de retorno a partir do Censo, não só para medir quantitativamente o fenômeno, mas também para caracterizá-lo a partir de indicadores sociodemográficos. Assim, Moura empenha-se em mostrar como seria possível identificá-lo, a partir das questões do Boletim de Amostra do Censo de 80, diferenciando-o do migrante que não retornou

e do não migrante. A divulgação dos dados preliminares do Censo de 91 pareceu confirmar essa suspeita, e mesmo a reforçou. No entanto, o atraso na divulgação das tabulações completas do Censo desanimam aqueles que demandam pelas tabulações especiais com o cruzamento de informações que permitiriam a identificação do migrante de retorno. Enquanto isso, seguem-se as especulações em torno da pertinência em se falar de uma migração de retorno. Assim, pergunta-se: no balanço emigração/imigração das RMs, em que medida pode-se dizer que a população que está saindo é a mesma que um dia para lá migrou? Em que medida as RMs não estão se tornando um ponto de passagem dentro de uma mobilidade mais intensiva, em que atua uma mão-de-obra avulsa em busca de ofertas de trabalho cada vez mais precárias? Não estaria havendo uma diversificação ainda maior dos locais de destino para a população que emigra das RMs, ou das antigas frentes pioneiras? Moura já previa a complexidade dessa situação e o esforço que demandaria uma análise estatística e demográfica na identificação e mensuração dessa migração de retorno:

"Certamente, uma das dificuldades da realização de estudos mais abrangentes e quantitativos sobre o tema prende-se à necessidade de se poder dispor de uma base informativa que possa contemplar um elevado número de áreas de origem e destino bastante heterogêneas quanto a suas características sócio-demográficas e, quando menos, três referências espaciais temporalmente defasadas entre si com relação a cada fluxo que for objeto de consideração: o local de nascimento, o local (ou locais) de residência anterior e o local de residência atual."

Essa identificação seria possível, então, sempre se posicionando no local de "retorno", e supondo a trajetória já com-

pletada no momento da coleta de informações. No fundo, o que interessaria para esse autor, seria a nova fase de recepção de migrantes pelo Nordeste, encerrando um longo período de emigração de população rural nordestina para todo o Brasil. Nota-se, portanto, a partir desse ponto de vista, que a migração de retorno estaria sendo impregnada pela ótica da questão regional nordestina. Isto nos levaria a concluir sobre a existência de diferentes perspectivas para abordar o tema, conforme o posicionamento do pesquisador dentro do plano nacional. Com efeito, a relatividade de ângulos de abordagem de um tema coloca em questão a sua dimensão epistemológica, já que diferentes condicionamentos sociais levam o pesquisador a apresentar diversamente o problema, conforme a particularidade de sua posição no espaço social (e geográfico). Assim, estar no Nordeste, ou em São Paulo, implica em colocar diferentemente a questão da migração de retorno. Em outras palavras, a percepção de Moura nos leva a problematizar a própria categoria de "migração de retorno".

Independentemente das possibilidades e dificuldades de uma tentativa de identificação e mensuração da migração de retorno a partir do Censo, pode-se questionar os limites do uso da categoria "migração de retorno" enquanto tal. Quando se fala de migração de retorno, o que vem à mente seria uma inversão de um fluxo migratório realizado numa determinada direção, e para uma determinada região. Por exemplo, das diferentes regiões do Nordeste para os centros urbanos do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, etc). Ora, a migração de retorno nada mais seria que a inversão de uma concepção já convencional de migração (origem-destino). Tal concepção se aproxima da prática das ciências que abordam a mobilidade populacional nos seus aspectos quantitativos, como a demografia. O senso comum já se acostumou a classificar a migração como fato demográfico, que se aprecia pelo volume de população que se desloca de um lado para outro. Nada mais natural, então, que neste contexto de crise, e com os primeiros números do Censo, imaginar a migração em sentido inverso, com a população se deslocando para o seu antigo local de origem. A suspeita dos estudiosos se somaria ao imaginário do senso comum, intensificando um anseio geral pela informação numérica que confirmaria a existência de uma migração de retorno.³ Mesmo considerando

o valor imprescindível da demografia na constatação e análise desse fenômeno, parece-nos que esta categoria é muito restrita quanto ao seu potencial explicativo, não dando conta da significação social dos fatos que o fenômeno implica.

A percepção de Moura, numa perspectiva mais ampla, do fim da era emigratória do Nordeste para o resto do País, iria no sentido de uma diversificação dos fluxos migratórios quanto à sua direção e constituição, o que ultrapassaria de muito a idéia de uma migração de retorno. A nova realidade do Brasil dos anos 80-90 se revelaria na nova configuração dos deslocamentos de população. A percepção da complexificação dos processos sociais deve levar a uma problematização crescente das categorias utilizadas para tratar da questão migratória. Assim, mesmo confirmada uma migração de retorno considerável para o Nordeste, em que medida pode-se dizer que essa migração é uma "volta"? Não seria antes uma nova migração? Quando se sabe que, pela primeira vez na história, a população rural nordestina diminuiu em números absolutos na década de 80, que sua realidade econômica se diversifica com rapidez (projetos de irrigação, expansão da lavoura de soja no Cerrado baiano, indústria do turismo, avanço do Proálcool, etc), e que os centros urbanos caminham para a metropolização - o dito "retorno" deveria, no mínimo, ser considerado com outros olhos.

No entanto, mesmo quando se percebe uma "volta" às origens, o que significa isso? Estudos sociológicos, de diferentes níveis vêm colocando a questão do retorno, "periódico" ou não, como parte das estratégias de sobrevivência empregadas por famílias camponesas para permanecer unidas e ascenderem socialmente em realidades extremamente precárias, como o Agreste e Sertão nordestinos. Nesse sentido, o "retorno" não seria mais que um capítulo de uma migração temporária já incorporada na cultura dessas famílias camponesas. Ainda nesse caso, pode-se perguntar se aquele que volta, volta o mesmo. O que se evidencia é uma alteração progressiva das relações sociais na localidade de origem, fazendo com que a mentalidade e certos problemas de natureza "urbana" se apresentem antes que a urbanização propriamente dita realmente ocorra. E isso por obra também da influência daqueles que são retornados. Que dizer então daqueles grupos que fazem do retorno um objeto de reivindicação política,

como os brasiguaios que lutam por um lugar no Brasil, na demanda por terra e cidadania. A remigração aqui, mais do que um deslocamento populacional ganha uma conotação de iniciativa política, que tende a configurar a identidade social daqueles que participam dela diretamente. O retorno como reivindicação política ganha sentido num contexto em que as fronteiras internacionais são flexibilizadas em função da globalização do mercado capitalista, ao mesmo tempo que se fecha ao trânsito dos trabalhadores migrantes. A categoria "migração de retorno", como aquelas de exilado, refugiado político ou repatriamento, neste panorama, passa a ser totalmente repensada.

Dessa maneira, arriscaríamos dizer que onde a categoria do "retorno" parece mais caducar é quando nos referimos à experiência dos "novos migrantes" na cena internacional. Nos estudos feitos em nível internacional, onde a perspectiva do retorno tem sido enfocada com mais frequência, percebe-se que, se todo imigrante quando parte tem por objetivo um dia retornar, por outro lado, este propósito acaba sendo relativizado na medida em que ele se instala, cria relações relativamente estáveis e constitui família no país que o "acolheu".⁴ Esta problemática é particularmente sentida na Europa, onde, no período de forte crescimento do pós-Guerra, a vinda de imigrantes do Terceiro Mundo era tida como temporária. Paradoxalmente, os anos de recessão a partir de 1973 trouxeram as evidências de uma crescente sedentarização destes imigrantes e suas famílias, colocando em xeque a concepção generalizada (inclusive entre os imigrantes) de que todo imigrante deveria retornar, depois que tivesse realizado uma poupança satisfatória. Assim, tem-se multiplicado os estudos e iniciativas públicas no sentido de visualizar como favorecer o retorno e a reinserção do imigrante no seu país de origem. Tudo isso num contexto em que cresce a xenofobia no sentimento da massa da população residente, se intensificam as medidas governamentais (e inter-governamentais) no sentido de coibir a entrada de novos migrantes, e se mantêm - apesar de tudo - os fluxos de migração clandestina e de "refugiados" (políticos, econômicos e outros).

Outro aspecto que se evidencia cada vez mais é que, com o aperfeiçoamento crescente dos meios de comunicação social e as facilidades de transporte internacional, as distâncias se encurtam, aproximam-

do as pessoas no espaço e no tempo. Este aspecto é ainda reforçado pela globalização do comércio internacional, onde são agilizadas e generalizadas as trocas de mercadorias, atingindo mesmo a veiculação de cultura e costumes. De tal maneira, que em qualquer parte do globo terrestre se pode ter contato com bens culturais de toda a parte do mundo. Nesse mundo "globalizado", o fato de "migrar" ou "retornar" é imensamente relativizado, já que se pode ter um contato diário com os familiares na terra de origem através do telefone, adquirir comidas típicas do "torção natal" em pleno país estrangeiro, fazer-se presente no vilarejo de origem através do terreno que se comprou e da casa que aí se construiu, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância. É neste contexto que se justificam a construção de categorias alternativas como a de "transmigrante", que tentam compreender este estranho fenômeno de identidades sociais que se formulam para além de um "migrar" e um "retornar", numa simultaneidade entre origem/destino, onde elas se situariam e procurariam se definir.

Na verdade, este questionamento suscitado pela percepção de um mundo "globalizado" em relação ao novo estágio das migrações internacionais, serviria para questionar também a abordagem das migrações internas na nova fase do desenvolvimento da sociedade brasileira, em que a integração nacional, com todas as suas perplexidades e contradições, se torna cada vez mais um fato dado. A facilidade dos transportes, a modernização e expansão do sistema de comunicações, a urbanização do território nacional, e a dinamização e diversificação do mercado interno têm influências decisivas na configuração da mobilidade humana em nosso País. Isto deve levar logicamente à formulação de categorias mais adequadas para a sua compreensão, bem como da complexificação do processo cultural que daí resultaria.

O retorno como drama

A abordagem da migração de retorno revelou-se de constatação empírica e quantitativa difícil, sendo que a perspectiva demográfica não consegue sinalizar os processos socioeconômicos cada vez mais complexos aí implicados. Na problematização dessa categoria percebeu-se a dificuldade de compreensão do(s) significado(s) de um fato social que se apresenta com múltiplas facetas. Nesse

sentido, os problemas colocados em torno da migração de retorno se mostrariam apenas como uma dessas facetas das dificuldades e ambiguidades que cercam a noção mais ampla de "migração". Poderíamos reafirmar aquilo que já foi dito em outros lugares, que a migração se apresentaria como um "fato social total", na qual a totalidade da sociedade se revelaria em suas diversas dimensões. Através da migração, permitir-se-ia uma abordagem dessa multiforme realidade social em seus diferentes aspectos.

No entanto, para além das estatísticas e das análises macrosociológicas, o retorno pode se inscrever no itinerário percorrido pelo migrante e sua família, e nesse caso ele se torna um fato marcante de sua história de vida. É nessa dimensão que o retorno pode adquirir uma conotação de "drama". Enquanto parte de uma trajetória individual, a decisão de migrar traz para o seio do fato coletivo toda uma carga subjetiva que certos instrumentos de análise social não conseguem reconhecer ou trabalhar. Sobretudo quando essa decisão equivale a um "retorno", colocando o seu agente de maneira inusitada diante do processo social do qual ele não é mais que um personagem. O "retorno" se descortina em drama, quando este homem, em sua singular história de vida, se "volta" contra esse processo social que o envolve e o coage, e entra em choque com ele. Tal experiência, social e subjetiva, leva o migrante à consciência atordoante da mobilidade e fluidez do mundo, provocando o questionamento da identidade e do sentido de sua história.

Na verdade, a possibilidade do "retorno" é um aspecto marcante dessa carga subjetiva que pesa sobre o migrante. No seu projeto migratório, ele se sente em obrigação, como "emigrante", com sua terra de origem, ao mesmo tempo que se encanta com as possibilidades novas da terra de imigração. Ele está sempre dividido entre as chances de uma aposta no futuro, e as exigências do passado. Com efeito, o ato de migrar implica sempre uma ruptura com o quadro original de socialização. Tal ruptura pode ser mais ou menos sofrida e definitiva, conforme as estratégias de ressocialização mobilizadas no meio que o acolhe. No entanto, a subjetividade do migrante se ressent sempre, de alguma maneira, do acontecimento migratório, principalmente sob duas formas: uma desestruturação corporal e cultural, e o sentimento de culpa. Essa desestruturação

se mostraria de maneira mais ou menos evidente numa crise de valores referenciais, e por conseguinte na experiência da "anomia". O sentimento de culpa, de "obrigação" para com tudo o que representa o meio de origem, se expressa na experiência corriqueiramente conhecida como "saudade".⁵

O "retorno" ganha conotação de drama quando, contra toda "probabilística" sociológica, a subjetividade do migrante, personagem do processo migratório, se volta contra esse processo que o produziu. Vivido como salvação ou como desastre obscuro, não há análise social que dê conta das pequenas tragédias que se redesenham nos depoimentos e histórias de vida desses migrantes. Como resgatar a dramaticidade de experiências humanas resumidas em palavras simples como "saudade" ou "besteira"? Com que palavras um homem pode descrever que ele se sente como que preso numa "armadilha do destino"? Como expressar o "estranhamento" diante de um mundo que nos obriga a renegar todo um "imaginário" sustentado durante anos, uma "ilusão" de recuperar um passado que não existe mais? É neste momento que o pesquisador deve voltar a ser mero e atento ouvinte, para vislumbrar como se recompõe o universo humano na voz desses "retornados", ao reconstruírem sua identidade e seu mundo.

* Sidnei M. Dornelas é padre carlista e faz parte da Equipe do CEM

NOTAS

- 1) MARTINE, George, "A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80", Brasília, IPEA, 1994;
- 2) MOURA, Hélio A., "A identificação do migrante de retorno através da informação censitária", in: Geonordeste, n.1, ano 1, pp. 36-42;
- 3) Poder-se-ia fazer referência ao discurso oficial de "fixar o homem no campo", "fazer com que o migrante volte ao seu local de origem", que faz eco no imaginário do senso comum, ao pensar o campo ainda de maneira bucólica, mas que dessa forma "maquia" a sua rejeição generalizada ao migrante.
- 4) Para uma bibliografia internacional sobre o tema: TARAVELLA, Louis, "Le retour et la réinsertion des migrants", Paris, Agence pour le Développement des Relations Interculturelles, 1986.
- 5) Para uma abordagem da condição do emigrante e seu sentimento de culpa: SAYAD, A., "L'immigration, ou les paradoxes de l'altérité", Bruxelas, De Boeck Université, 1991.

ESTAR AQUI, ESTAR LÁ... O RETORNO DOS EMIGRANTES VALADARENSES OU A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TRANSNACIONAL?¹

Gláucia de Oliveira Assis*

INTRODUÇÃO

Os fenômenos migratórios contemporâneos, devido à sua complexidade e implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, constituem-se numa questão relevante para as ciências sociais neste final de século.

As imagens e notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa mostrando albaneses chegando em barcos frágeis na Itália, vietnamitas à deriva no mar da China, cubanos e mexicanos que tentam de todas as formas emigrar para os EUA e, mais recentemente, brasileiros deportados dos aeroportos internacionais nos indicam um "Planeta em movimento"². Os novos movimentos da população mundial constituíram-se ainda, num dos principais temas da Conferência Mundial sobre População realizada pela ONU, em setembro de 1994, no Cairo.

Neste contexto situa-se o recente fluxo da população brasileira em direção ao estrangeiro, notadamente para os EUA, Canadá, Japão e Portugal. Embora com dados apenas estimativos, segundo informações da Polícia Federal, entre 1985 e 1987, cerca de 1,25 milhões de brasileiros deixaram o país e não voltaram (SALES 1991, STYCER, 1991), inserindo o Brasil neste quadro de população em marcha.

As primeiras tentativas de explicar o fenômeno foram realizadas por acadêmicos, que literalmente se depararam com os brazucas³ ao transitar nas universidades americanas. Nos anos 90, os primeiros estudos⁴ sobre o fenômeno evidenciaram a importância desse fluxo, buscando compreender como um país, que atraiu milhares de imigrantes no início do século, viveu ao longo dos anos 80 a inversão dessa situação.

Este artigo parte desta temática geral, para pesquisar um movimento específico verificado particularmente na cidade de Governador Valadares⁵ (MG) - conhecida nacionalmente pelo significativo número de valadarenses nos EUA - procurando problematizar um dos aspectos deste fluxo de grande impacto na vida cotidiana da cidade: o caráter temporário da migração.

O projeto do emigrante valadarense de "Fazer a América", em geral, consiste em trabalhar de 02 a 05 anos para conseguir capital para comprar uma casa, um carro, ou montar um negócio e retornar ao país de origem. Para executá-lo, estes emigrantes contam com aqueles que ficaram para financiar a viagem, cuidar dos filhos, fazer os investimentos na terra natal e esperar pelo retorno. O projeto torna-se, portanto, familiar, afetivo e econômico envolvendo aqueles que não

migraram nesse processo.

Neste sentido, analiso como é complexo classificar os fluxos migratórios contemporâneos utilizando categorias como: "temporários", "permanentes", "retorno de emigrantes". O que pretendo demonstrar é que, dadas as características dos recentes fluxos internacionais de população, o migrante contemporâneo vivencia um singular campo social que vem sendo denominado transnacional⁶.

Assim, se por um lado o processo migratório nos coloca diante do fenômeno da partida, dos que deixam a terra natal em busca de outras oportunidades, por outro, os seus desdobramentos, - a vivência da espera por aqueles que ficam, as várias idas e vindas dos emigrantes, e a ampliação do tempo de permanência nos EUA - instigam-nos a questionar: como os novos migrantes, diferentemente dos fluxos migratórios do início do século, mantêm múltiplas ligações entre a sociedade para a qual emigraram e sua terra natal?

Falar dessa vida estruturada entre dois lugares implica em demonstrar que, mais do que partir ou retornar, ser emigrante temporário ou permanente, o emigrante valadarense vivencia duas temporalidades. Para tanto, inicialmente desenvolvo algumas considerações em torno do que chamo de "novos migrantes", a seguir discuto o

caráter transnacional destes fluxos e, por fim, analiso a questão do retorno dos valadarenses à terra natal buscando evidenciar que, embora alguns emigrantes efetivamente retornem ao país, uma parcela significativa permanece vivendo entre dois lugares.

NOVOS E VELHOS EMIGRANTES: QUAL A DIFERENÇA?

Os novos fluxos da população mundial, embora representem apenas 2% da população total do planeta, deixam apavoradas as autoridades dos países que recebem estes emigrantes e são vistos como ameaça para os habitantes nacionais, muitos deles filhos ou descendentes das migrações do início do século. Desta forma, tanto em alguns países da Europa, como nos EUA, nações constituídas em grande parte por contingentes migratórios, adotam-se neste final de século, medidas cada vez mais restritivas que tentam conter estes fluxos⁷ de “novos migrantes”.

Mas afinal, quem são os “novos migrantes”? Em que se diferenciam dos antigos? A mobilidade populacional é um fenômeno que, desde as migrações provocadas pelos grandes descobrimentos, às emigrações em massa da Europa nos anos que antecederam as duas grandes guerras mundiais, inquietam os governantes e pesquisadores que têm que lidar com a questão. Há sempre uma tentativa de tentar categorizá-los, explicar o seu movimento respondendo a questões como: porque emigraram? como? para onde? são temporários ou permanentes?

O termo **novos migrantes**, elaborado por estudiosos da questão, refere-se a tais fluxos que expressam, no plano da divisão internacional do trabalho, a mundialização crescente da economia, ao mesmo tempo que indicam relações estabelecidas num mundo cada vez mais globalizado culturalmente. Desta forma, o emigrante vive sua vida atravessando fronteiras o que lhes possibilita estar aqui - investindo no Brasil, mantendo suas relações afetivas, ascendendo socialmente - e estar lá - trabalhando temporariamente, freqüentando associações, planejando o retorno ou um

passeio à terra natal.

As razões para emigrar, tanto no século passado, como neste século são inúmeras. Dentre elas, as perseguições políticas e religiosas, as crises econômicas e/ou o desejo de tentar uma vida melhor em outro lugar. O lugar pode ser a “América”, para os emigrantes do século passado e início deste século, ou os países industrializados: França, Alemanha, EUA, Inglaterra -que desde o final da II Guerra Mundial receberam contingentes populacionais de suas ex-colônias ou de outros países do chamado “Terceiro Mundo”.

Tais lugares são carregados de significados para os que desejam mudar de vida. Os emigrantes, “novos” ou “velhos”, depositaram, ao partir para estas terras distantes, a esperança e o desejo de uma vida melhor, os projetos de poupança, o sonho de voltar. É interessante observar que a perspectiva da volta à terra natal estava implícita no projeto de migrar. Nos vários relatos de emigrantes do início do século⁸, a viagem imaginada - era de ida e volta - uma volta, que muitas vezes não se concretizou. Assim, com o passar dos anos, os emigrantes foram constituindo famílias, escrevendo a outros amigos e parentes estimulando-os a vir para terras desconhecidas tentar a vida, e o tempo foi passando... O projeto de migração temporária transformou-se em migração permanente. A história da migração é feita desses relatos de vidas que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas.

SALES (1992:51) e RIBEIRO (1992), afirmam que as migrações internacionais estão relacionadas ao novo quadro de relações estabelecidas entre os países no pós-guerra. Neste cenário, países não capitalistas e nações recém libertas do sistema colonial foram incorporadas ao sistema econômico mundial expressando a internacionalização cada vez maior da economia. Este fenômeno é decorrência do próprio desenvolvimento do capitalismo e resultou na expansão desse modelo econômico em escala global. Esta expansão foi denominada por WALLERSTEIN (1976:346) “Sistema Mundial - uma arena, ou divisão do trabalho, dentro do qual mais de um grupo ‘cultural’ existe, mas que pode ou não estar politicamente unificado”.

Esta imigração de mão-de-obra fazia parte de programas governamentais de recrutamento de trabalhadores imigrantes temporários que ocorreram em vários países do primeiro mundo como argelinos para a França, turcos na Alemanha e indianos na Inglaterra. Na França, Alemanha e Suíça foram denominados os “Guest Work Program”; nos EUA, de “Bracero Program”. Estes programas de migração temporária são considerados por vários autores como causadores dos fluxos clandestinos que os sucederam (SALES, 1991:24).

O novo caráter destes movimentos migratórios está intrinsecamente ligado ao fato de que tais fluxos ocorrem num mundo cada vez menor⁹, com a aniquilação do espaço pelo tempo, como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação, transporte e informática. Desta forma, as relações entre aqueles que partiram e aqueles que permaneceram, os investimentos na terra natal, os movimentos de mão-de-obra processam-se de maneira mais intensificada e complexa apontando para o contexto transnacional desses novos fluxos.

Ao analisar os recentes fluxos para os EUA, PORTES (1992:08), demonstrou que existem similaridades e diferenças entre os emigrantes do início do século chamados “velhos imigrantes” e os “novos emigrantes”. As similaridades seriam: a migração para áreas urbanas, sua concentração em algumas cidades portuárias e sua capacidade de aceitar os serviços menos remunerados. No que se refere à composição étnica destes fluxos, os “velhos” migrantes eram na maioria europeus e brancos, já os “novos migrantes” constituem-se em larga escala de não-brancos provenientes de países do Terceiro Mundo, evidenciando as diferenças entre os mesmos.

O autor ainda observa que os americanos em geral possuem uma imagem do emigrante como sendo “pobre e mal educado” quando, na realidade, a composição dos grupos de imigrantes recentes para os EUA é de vários países, de diferentes back-grounds econômicos e sociais e emigraram por várias razões. Portanto, aponta para a diversificação das migrações que procedem de vários países sendo de com-

posições étnicas, de gênero muito amplas.

A década de 80 marcou o retorno da caracterização dos EUA como nação de imigrantes. Segundo PORTES (1992:7-8), os estrangeiros nascidos nesse país¹⁰ representavam em 1980, 14,1 milhões da população americana ou seja, 6,2% do total da população. Embora este número seja inferior aos do início do século, é um dado crescente.

Portanto, os novos migrantes são uma expressão contundente da re-articulação entre o global e o local, criando um campo social entre os dois lugares - transnacional. A possibilidade de "estar aqui...e estar lá..." permite ao imigrante contemporâneo atravessar as fronteiras nacionais em busca de trabalho e ao mesmo tempo manter suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino.

Desta forma, o local e o global estão bem mais inter-relacionados que nas primeiras vagas migratórias. Isto não quer dizer que os primeiros fluxos migratórios ocorreram sem que as comunidades de origem se modificassem, mas que a natureza e intensidade das modificações se alteraram profundamente, pois o processo de globalização cultural interfere nas percepções e sentimentos individuais em relação a esta experiência.

AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O ENFOQUE TRANSNACIONAL

Para abordar os novos fluxos migratórios internacionais SCHILLER, BASCH e BLANC-SZATON (1992) sugerem a adoção da transnacionalização como um novo campo analítico para a compreensão da migração. Este conceito foi formulado a partir de pesquisas com vários grupos de migrantes para os EUA: caribenhos, haitianos e filipinos.

Realizando um breve histórico sobre os estudos de migração, as autoras afirmam que a palavra *migrante* sugere imagens de ruptura permanente, de abandono

de velhos padrões e aprendizado difícil de uma nova língua e cultura. Ao olharem para o imigrante sob esta perspectiva, como rapidamente assimilados ou aculturados pela sociedade de destino, semelhantes estudos obscureceram os dados sobre as ligações com o lar, o país de origem. Esta perspectiva é constatada também nos estudos brasileiros sobre imigração¹¹.

Segundo as referidas autoras, os "novos migrantes" movem-se num mundo cada vez mais globalizado, o que possibilita a emergência de múltiplas relações sociais entre o local de emigração e a sociedade hospedeira. Os imigrantes passam a ser chamados de *transmigrantes* quando desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que ampliam as fronteiras colocando em interrelação o global e o local (SCHILLER, BASCH e BLANC-SZATON : op. cit).

O enfoque transnacional portanto, enfatiza a emergência de um processo social que cruza fronteiras geográficas, culturais e políticas. No plano teórico, as autoras argumentam que, embora na literatura sobre migração tenham ocorrido algumas descrições e caracterizações no sentido de transnacionalização, tais estudos, por estarem centrados na sociedade hospedeira e na inserção do imigrante na mesma, não se constituíram numa nova abordagem para o estudo do fenômeno.

A caracterização dos emigrantes como rapidamente assimilados pelas sociedades hospedeiras conduziu a uma perspectiva nas ciências sociais que procurava explicar estes fluxos categorizando-os como imigrantes "temporários", "retorno de imigrantes", migrantes "permanentes". Estas categorias demonstraram que os estudiosos clássicos compreendiam que os emigrantes não rompiam definitivamente com a sociedade de origem. Entretanto, os cientistas não passaram do nível descritivo de análise, ao enfatizarem o caráter singular e distintivo de tais fenômenos, sem percebê-los como parte de um fenômeno global (BLANC-SZATON, SCHILLER E BASCH, op.cit p.06).

A crítica da perspectiva transnacional ao enfoque tradicional sobre as migrações, pode auxiliar-nos a compreender as caracte-

terísticas que o fluxo migratório Governador Valadares-EUA tem em comum com outros fluxos de imigrantes estrangeiros nos EUA.

As relações que os emigrantes estabelecem entre os EUA e Governador Valadares envolvendo desde os familiares, às agências de turismo e lojas de construção civil, bem como as várias idas e vindas, sugerem que o enfoque transnacional pode ser pertinente para explicar este fenômeno evidenciando o caráter transnacional do mesmo.

É importante destacar que existem diferenças significativas entre os brasileiros imigrantes e outros fluxos de portugueses, caribenhos, indianos e filipinos nos EUA que impõem limites à utilização deste conceito. Os brasileiros não contam, como outros grupos de imigrantes estrangeiros, de políticas no país de origem direcionadas para captar os investimentos. Além disso, o fato do fluxo ser relativamente recente e organizado de forma mais difusa, faz com que os brasileiros sejam classificados como uma "minoría invisível" (MARGOLIS:1994).

Ao procurar analisar o fluxo Governador Valadares-EUA, a partir do enfoque transnacional, pretendo problematizar as classificações do mesmo como "minoría invisível", como emigrantes temporários ou permanentes, enfatizando os laços que se mantêm com o Brasil e as redes de sociabilidade que recriam identidades brasileiras num contexto de culturas em contato.

Diferentemente da observação de MARGOLIS, que colocou os imigrantes brasileiros visíveis apenas em pequenos espaços na rua 46, em New York, em Boston pude perceber a presença brasileira espalhada por várias localidades. Na área de Allston, onde realizei parte do trabalho de campo, os estabelecimentos comerciais se concentravam em alguns quarteirões, em lojas de produtos brasileiros, agências de remessa de dinheiro, pequenas lanchonetes. A maioria dos estabelecimentos exibia uma bandeira brasileira na porta e dentro destes podia-se encontrar, desde coxinha e pão de queijo, a jornais e revistas brasileiros. Da mesma forma, encontrei em outras localidades, Cambridge, Soumerville, Framingham,

estas mesmas lojinhas. O aspecto destas lojas contrasta com a modernidade das lojas americanas, pois se assemelham em estrutura aos armazéns brasileiros conhecidos como "secos e molhados", onde se encontra de tudo um pouco. Ao entrar nelas atravessamos uma fronteira ao encontro de nossa brasilidade.

Além do comércio, pude também observar que já se organizam festas religiosas, tanto católicas quanto protestantes. Presenciei, em Cambridge, uma festa de nossa Senhora Aparecida, na qual a imagem da santa padroeira do Brasil, foi carregada por uma criança vestida com a camisa da seleção brasileira. As igrejas protestantes, por sua vez, enviam pastores a Governador Valadares para dar conforto espiritual ao parentes que vivem a espera.

Por fim, as noites brasileiras nas boates em Newark, onde se pode encontrar alguns petiscos bem brasileiros, como o churrasquinho, ouvir música brasileira, ou ainda assistir ao show de algum músico brasileiro - ou em Boston, onde também ocorrem noites brasileiras em alguns bares e boates -, são evidências de uma comunidade que de forma espalhada e dispersa começa a se organizar.

Pode-se sugerir que o estabelecimento de redes de sociabilidade através das Igrejas, de pequenos comércios, de agências de remessa de dinheiro, de bares, assim como as fitas de vídeo que chegam toda semana com notícias, e os telefonemas e cartas enviadas ao Brasil, tudo isso revela a constituição de uma comunidade brasileira nos EUA. Essas redes de sociabilidade apontam para a recriação de um "lugar brasileiro nos EUA" possibilitando aos

emigrantes permanecerem nos EUA e manterem suas ligações com o Brasil.

Segundo SALES (1995), essas redes de sociabilidade indicariam que o fluxo estaria deixando de ser temporário e se tornando permanente. Para a autora, o emigrante brasileiro que, em meados da década de 80 só pensava em juntar dólares para retornar, hoje já está mais realista quanto à sua condição de estrangeiro, o que pode ser evidenciado pela solidificação dessas redes de apoio.

Se por um lado, o estabelecimento destas redes pode indicar que o fluxo está se estendendo no tempo, perdendo seu caráter temporário, por outro, o fato que gostaria de salientar é que, segundo os depoimentos dos emigrantes, alguns há mais de 30 anos nos EUA, a perspectiva do retorno se mantém presente. É por isso que investem em sua terra natal e mantêm o contato com os familiares.

Os dados de SOARES contribuem para esta afirmação na medida em que indicam que "somados pendulares, aos temporários e retornados, pode-se dizer que 49,0% deles não se integraram definitivamente ao contexto das relações sociais de adoção (1995:24)" como demonstra a tabela abaixo.

Estes dados indicam que pensar os valadarenses como transmigrantes pode ajudar-nos a compreender estas relações estabelecidas entre os emigrantes e aqueles que ficaram no Brasil.

Os dados também demonstram que há um sentimento de ambigüidade que caracteriza esta identidade construída entre fronteiras culturais, políticas, econômicas e sociais.

Nos EUA, um imigrante valadarenses há sete anos na "América", expressou esta ambigüidade ao falar-me sobre o desejo de voltar e de sua infelicidade na América:

"Estou muito deprimido não tenho vontade de ficar em dois trabalhos desde que meus pais retornaram ao Brasil. Sempre que vem alguém aqui a gente tem vontade de voltar. Aqui na América é lugar para juntar dinheiro, não para viver! Não sou feliz aqui. No final deste ano se tudo der certo vou comprar minha casinha e retornar, mas tenho medo da readaptação. (...) A gente acostuma com o estilo de vida aqui nos EUA, tenho dois carros, um bom salário, como vou conseguir isto no Brasil? Tenho TV, filmadora, compact disc, microwave, brinquedos para o meu filho; não teria tudo isso no Brasil, mas lá é minha terra, tenho saudade, eu tenho que tentar voltar se não sempre ficarei pensando como teria sido" (José Mário, 26 anos).

Viver esta fragmentação representa para o emigrante ter este sentimento ambíguo, em relação à terra natal e a de imigração, que faz com que esta nunca se efetive por completo. O emigrante mantém-se ligado com o local de origem: constrói uma casa, investe dinheiro, gasta fortunas com ligações internacionais, traz presentes, leva parentes e amigos, cria redes de imigração, tem saudades da terra. E a despeito de todas as dificuldades que possa enfrentar como emigrante ilegal: as dificuldades com a língua, a moradia, o trabalho, a vida disciplinada, a discriminação e às vezes o racismo, também constrói relações na sociedade de imigração ...

O emigrante, aquele que partiu e já não pertence apenas ao local de origem, reconstruiu uma identidade multifacetada que se reafirma nos EUA, no sentimento de brasilidade de saudade da terra, ao mesmo tempo já começa a "estranhar e temer a volta" para a terra que, um dia, já foi a sua única referência. Neste momento, em que a vida já se estrutura entre os dois lugares, a saudade da terra e o desejo de retornar misturam-se à experiência de estar lá - nos EUA.

Este contexto de culturas em contato, a vida cotidiana nos EUA, as várias idas e vindas ao Brasil, fazem com que o projeto

TABELA 1 Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses de acordo com a condição migratória

CONDIÇÃO	ABSOLUTA	PERCENTUAL %
Pendulares	1714	6,3
Temporários	7537	27,7
Definitivos	8163	30,0
Retornados	4082	15,0
Outra	544	2,0
Condição Ignorada	3265	12,0
Não forneceu informação	1905	7,0
TOTAL	27210	100,0

Fonte: SOARES, W. (1994) Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para países estrangeiros e impactos no mercado imobiliário.

de migração temporária se estenda e à medida que os anos passam vai se configurando uma identidade transnacional. Pode-se ainda argumentar que, esta ambigüidade - estar aqui e estar lá - é característica dos emigrantes de primeira geração. Com o passar dos anos os emigrantes já não sentiriam tanta falta da terra natal e já se sentiriam completamente integrados à sociedade hospedeira. Entretanto, o que o enfoque transnacional propõe é justamente que, dadas todas as possibilidades de comunicação e transporte contemporâneos, torna-se efetivamente mais fácil manter-se em contato. Esta seria a identidade multifacetada do emigrante dos novos tempos.

OS PROJETOS PARA RETORNAR AO BRASIL

Nos EUA, onde realizei parte do trabalho de campo desta pesquisa, o retorno era uma perspectiva que estava sempre presente na conversa dos emigrantes. Quando questionados sobre sua situação se classificavam como imigrantes temporários e falavam dos planos de retorno ao Brasil. A volta é, quase sempre, programada para o final do ano, pois é o período das festas natalinas quando as famílias se reúnem. Para os imigrantes esta é "a época mais difícil de se agüentar" nos EUA.

Entre o desejo de "ir embora" e o que efetivamente acontece, há um vácuo. Alguns tiram apenas férias no Brasil, outros não conseguem, pois não têm coragem de voltar sem conseguir alguma coisa e, enquanto isso, o tempo vai passando...

Os trechos que se seguem, extraídos de cartas dos emigrantes, indicam estes projetos e as dificuldades de execução dos mesmos:

"Queremos passar o próximo Natal juntinho de vocês, vamos fazer aquela festa. Diga ao Sr. ...Que em breve estaremos aí para contar tudo sobre os Estados Unidos". (Amiga de Maria Lúcia¹², carta destinada a seus pais com objetivo de tranquilizá-los, 16.11.92)

"Aqui estamos todos bem de saúde graças a Deus. Trabalhando muito para podermos um dia voltar para o Brasil. (...) quanto a ir aí passear acho difícil, pois

quando formos embora não pretendemos mais voltar aqui. Para mim ir aí e deixar o Estevão sozinho eu não posso porque ele trabalha muito e precisa de mim aqui para cuidar dele." (Maria Cândida, carta destinada à mãe, 23.01.92).

"Eu tenho a impressão de que este ano vai ser decisivo para minha volta ao Brasil, mas como sempre vou precisar muito da ajuda de vocês aí. Primeiro para comprar a casa que vai ser o passo mais importante para a nossa volta; Segundo arranjar emprego para mim e para minha esposa: terceiro na nossa adaptação na volta ao Brasil. Sabe pai quando a gente deixa o Brasil a gente pensa que está fazendo a coisa mais difícil da vida, mas pode ter certeza que a volta é muito mais difícil que a vinda e é por isso que nós vamos precisar tanto do apoio de vocês e eu sei que sempre posso contar com vocês ...Com relação a casa espero mandar o dinheiro pela nossa amiga em dezembro e espero que o senhor consiga comprar a nossa casinha por no máximo uns vinte mil dólares" (José Mário, carta destinada ao pai - 94).

As cartas e entrevistas realizadas com os emigrantes revelaram um outro aspecto interessante: que as festividades de Natal são as que mais despertam saudades do Brasil. Quando se aproxima o final do ano, os emigrantes sentem-se deprimidos, desanimados, pois mais um ano se passou e o retorno mais uma vez não foi além do desejo. Uma emigrante valadarense disse-me; "todo final de ano é assim, esse pessoal fica dizendo que vai no final do ano e ano que vem tá aqui de novo".

Entretanto, o retorno à terra natal está condicionado à realização dos projetos de comprar um carro, uma casa e montar um negócio, bens que significam o sucesso do projeto de migrar. Além desses bens, os emigrantes precisam demonstrar este sucesso, trazendo para os familiares presentes que podem ser "quarquer coisinha" desde um óculos de sol Ray-ban, a uma máquina de fax, secretária-eletrônica, ou aparelhos de compact-disc. estes presentinhos afirmam que os emigrantes "estão dando certo na América". Por isso, mesmo que estejam voltando apenas temporariamente, esta torna-se uma despesa necessária para demonstrar no Brasil sua

mobilidade social ascendente. Segundo FELDMAN-BIANCO (1992:42), faz parte da cultura migratória despender tempo e dinheiro com presentes, para por meio deles afirmarem simbolicamente sua mobilidade social nos EUA e sua proeminência na terra natal.

A compra da casa própria aparece como a concretização dos sonhos dos emigrantes de retorno ao Brasil. É interessante observar que a aquisição da casa se faz nos bairros de origem dos emigrantes (ver SOARES, op.cit) o que evidencia que a casa, além de um bem material, afirma no plano simbólico a ascensão social do emigrante na cidade de origem. É em sua terra natal que o emigrante demonstra o sucesso de seu projeto, por isso em Governador Valadares, ao longo dos anos 80, o setor imobiliário e a construção civil atraíram grande parte dos investimentos dos emigrantes e deram uma nova face à cidade.

Uma experiência vivenciada no começo do trabalho de campo demonstra a importância desses investimentos. Ao retornar a Governador Valadares encontrei abandonada uma casa que se localizava ao lado da minha. Durante toda a minha infância acompanhei as várias idas e vindas dos moradores dessa casa, cujos filhos na década de 70 já trabalhavam como imigrantes nos EUA. Era uma casa alegre e exótica, pois quando os filhos de D. Maria chegavam sempre traziam novidades da "América": aparelhos de som, bonés, suas crianças falando inglês, roupas e pinturas extravagantes, tudo americano.... Passados alguns anos os filhos retornaram, mas não conseguiram mais viver bem aqui, e voltaram para a "América". Mais tarde, a casa foi alugada por um casal cujo marido, depois de um tempo desempregado, descobriu a "solução" para sua vida - ir para a "América" deixando a mulher e o filho. Atualmente a casa, após uma reforma, pertence a um imigrante valadarense nos EUA. Este fato evidencia como a emigração tornou-se parte da vida cotidiana da cidade atravessando décadas, vidas e espaços. Ao "olhar" para esta casa, agora com o distanciamento de pesquisadora, percebi outros significados desse bem material - nela estavam estampados também - o sucesso ou fracasso do projeto, a dor da partida, a expectativa do retorno.

Retornar portanto, é um projeto que, para se concretizar, exige do emigrante uma vida disciplinada e muito trabalho nos EUA, para que possa - um dia - retornar ao Brasil. Após alguns anos nos EUA, assim como para outros grupos de imigrantes nos EUA, a terra natal se torna a terra da utopia. Para voltar os emigrantes contam com o apoio dos pais e amigos pois, como foi salientado nos relatos, "voltar é mais difícil que partir". O grande temor dos emigrantes é voltar a viver num país "sempre em crise econômica"¹³. Além disso temem também a readaptação ao Brasil, aos amigos, aos familiares. Embora a saudade seja o sentimento que mais os incomoda nos EUA, o convívio com a sociedade americana "onde a lei vale para todos", as "pessoas ligam antes de vir a sua casa", a privacidade, o acesso à sociedade de consumo "onde posso comer morangos com o salário de entregador de pizzas", "onde os homens aprendem a cuidar da casa e dividir as tarefas com as mulheres" fazem com que o emigrante tenha sentimentos ambíguos em relação à volta para uma sociedade relacional como a brasileira.

Dois fatos ocorridos nos EUA exemplificam esse temor:

Num jantar na casa de José Arthur e Maria Carolina, estando também presente seu primo Felipe, conversou-se sobre a vida nos EUA e os planos de retorno ao Brasil. Quando começamos a falar sobre o retorno foi um momento particularmente emocionante. José Arthur e Maria Carolina, casados quando José Arthur já se encontrava nos EUA, pretendem retornar ao Brasil com uma fonte de renda garantida e para realizar o sonho de se casarem no religioso. Para isso, estão construindo uma pousada no Brasil. Embora a volta seja um projeto que é compartilhado em cartas e telefonemas com os pais, que ficaram no Brasil administrando os investimentos, José Arthur e Maria Carolina falaram do temor de regressar e perder tudo que haviam investido, devido à instabilidade econômica do país.

Felipe também falou da volta... estava construindo um prédio junto com o irmão e pretendia voltar até final de 94, tendo adiado o projeto para meados de 95. Revelou também o temor do regresso e da não adaptação

à vida daqui.

Quando estava na casa de José Mário e Joana, juntos assistimos a uma fita da última vez que José Mário estivera no Brasil e a esposa se perguntava:

"...estas pessoas sempre rindo com essa música (baiana), será que vou me acostumar com todo mundo assim participando da vida da gente?" (Joana- 33 anos - set/1993).

"Será que vão se acostumar?" É a grande pergunta que todos eles se fazem. O desejo de voltar ao país, se iguala ao medo que todos têm de fazê-lo: "e se não der certo como começar tudo de novo?" - disse-me Joana. Esta pergunta, que não foi feita no momento da partida, é colocada a todo instante por emigrantes que tentam voltar. Uma das emigrantes disse-me ainda:

"Quando estamos aqui, pensamos que o melhor lugar do mundo é o Brasil, lá temos os amigos, os parentes, a família, mas quando a gente chega lá está tudo diferente, sinto-me um peixe fora d'água".

Entre estar aqui e estar lá, o emigrante vai construindo uma identidade transmigrante. Encontrei, nos EUA, também pessoas que não desejavam retornar. Apesar da saudade, dizem que a "América é um bom lugar para se viver".

Entretanto, mesmo que a volta não se concretize, este é o desejo predominante entre os emigrantes entrevistados e nas cartas analisadas. Neste sentido, as cartas, os telefonemas, as viagens dos pais aos EUA para "dar uma força", os vários retornos ao Brasil, a tentativa dos emigrantes de legalizar-se conseguindo o "green-card" (para poder ir e voltar quantas vezes desejarem) revelam que os emigrantes mantêm múltiplas relações com o Brasil.

Estas ligações com o Brasil revelam que, na realidade, os emigrantes permanecem nos EUA com suas relações familiares e afetivas no Brasil e seus sonhos de retorno à terra natal se traduzem em investimentos na cidade de origem. Portanto, ao estruturar sua vida entre dois lugares os emigrantes não se tornam nem emigrantes permanentes, nem temporários, mas sim, transmigrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Osemigrantes, ao partirem para os EUA, o fazem movidos pelos mesmos sonhos de uma vida melhor que impulsionaram os emigrantes que vieram da Europa para "fazer a América" no início do século. Entre a longa viagem de navio e as facilidades de comunicação do mundo contemporâneo, os emigrantes novos ou velhos compartilham de um mesmo desejo - voltar à terra natal.

A intenção que norteou este texto foi problematizar este projeto de retorno demonstrando como que as categorias "temporário", "permanente" ou "retorno de imigrantes" devem ser utilizadas com cautela quando se trata das complexas relações que o emigrante contemporâneo estabelece tanto na sociedade hospedeira, quanto na sociedade de origem.

Ao iniciar este artigo percebi que falar do retorno, era analisar o próprio significado do projeto de migrar e seus desdobramentos.

Estar aqui...e estar lá...expressa esta construção de uma vida entre dois lugares demonstrando como, ao longo do processo migratório, os emigrantes valadarenses recriaram suas relações afetivas, familiares, econômicas, num contexto de culturas em contato, mantendo ligações com a terra natal. Estas relações foram apenas indicadas pelos dados da dissertação. Este artigo se propôs a discutir, a partir da questão do projeto de retorno dos emigrantes, alguns desses dados, que se constituem em pistas para buscarmos compreender esses "passaros de passagem" que nos encantam e nos instigam pela sua capacidade de cruzar tempo, espaço e lugar construindo uma identidade transnacional.

Neste sentido, observar a vida cotidiana dos imigrantes está me instigando a pensar este contexto transnacional como um projeto econômico, afetivo e familiar que envolve aqueles que partiram e aqueles que ficaram nesta experiência migratória. Podemos pensar numa transnacionalização no plano da afetividade quando percebemos que os emigrantes estruturaram suas vidas entre duas sociedades.

* Gláucia de Oliveira Assis é Mestre em Antropologia Social - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC.

NOTAS

1- Este artigo é uma versão do capítulo 4 - O Brasil nas migrações Internacionais da dissertação de mestrado "Estar Aqui, Estar Lá...uma cartografia da vida entre dois lugares." Florianópolis. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1995. Agradeço à Fundação Ford que através da ANPOCS forneceu-me recursos que possibilitaram o trabalho de campo nos EUA e ao CNPq.

2- Título de um painel da "World Mídia" publicado pela Folha de São Paulo em 1991

3- Ver os comentários de SALES (1991) e FORJAZ, (1993), sobre "como" se deparam com a problemática da emigração brasileira para os EUA. A surpresa de encontrar brasileiros trabalhando nos fast-foods e nos serviços de limpeza instigou estes acadêmicos a ouvir os relatos dos projetos de fazer a América, das dificuldades e do desejo de voltar ao Brasil.

4- Ao iniciar a pesquisa em 92, haviam poucos trabalhos acadêmicos publicados especificamente sobre o tema ver SALES (1991) e MARGOLIS (1989; 1990; 1992)

5- A cidade é conhecida como "Valadólars" devido ao significativo fluxo de valadarenses para os EUA e seus investimentos na terra natal. Ver: BICALHO (1989), GOZA (1992) MARGOLIS (1994) SALES (1991,1992,1994,1995) SOARES (1995), e ASSIS (1995).

6- SCHILLER, BASCH & BLANC-SZATON, 1992, p.04.

7- Na Europa as políticas restritivas expressam uma nova retórica de exclusão anti-imigrante - o fundamentalismo cultural conforme STOLCKE, 1993:27. Os EUA, país com políticas migratórias mais flexíveis, também tem procurado adotar medidas mais restritivas que vão, desde um maior rigor na fronteira com o México, à elaboração de projeto de lei, recentemente aprovado no Estado da Califórnia que proíbe o acesso à escola pública dos filhos de imigrantes ilegais; bem como atendimento hospitalar a imigrantes ilegais; o projeto de lei é polêmico e gerou protestos dos imigrantes nos EUA.

8- Ver BAILY E RAMELLA (1988) , THOMAS e ZANNANIECKI (1984). Os autores analisam os relatos de emigrantes italianos e poloneses, através de suas correspondências com os familiares e demonstram como, diante do cotidiano da vida na "América", a volta vai se tornando cada vez mais difícil e a terra natal, aos poucos, torna-se uma utopia. Ver também BIANCO (1993) os relatos de imigrantes portuguesas nos EUA sobre a saudade da terra natal, que com o passar dos anos, vai se tornando a terra da utopia, à medida que o retorno definitivo vai se tornando distante e difícil.

9- Para a discussão do encolhimento do mundo ver WOLF (1982) , RIBEIRO: (1994 :14), e HARVEY (1993:25).

10- Diferentemente dos filhos de emigrantes nascidos na Europa, quando nascem nos EUA os filhos de imigrantes são considerados cidadãos americanos .

11- FAUSTO (1991), numa análise da historiografia

sobre a imigração estrangeira para São Paulo, destaca que os estudos sobre a interação do imigrante com a sociedade nacional estão marcados pelos enfoques onde a assimilação e a aculturação são as premissas básicas para compreender os imigrantes. O autor analisa tendências recentes como o estudo de Giralda Seyferth que introduziu o conceito de etnicidade para analisar as relações entre os imigrantes e a sociedade local. O autor neste ponto dialoga com as modificações nos enfoques teóricos sobre migrações internacionais nos EUA onde saiu-se da noção de "Melting pot" para a de pluralismo cultural colocando-o como perspectiva adequada para os estudos migratórios por não partirem a priori da noção de assimilação ou aculturação.

12- Para garantir a não identificação dos entrevistados todos os nomes que aparecem citados são fictícios.

13- As mudanças econômicas decorrentes do Plano Real têm provocado uma reavaliação destes temores devido a retomada do crescimento, a desvalorização do dólar e a estabilidade dos preços. Alguns emigrantes já pensam em antecipar o projeto de retorno. Estas observações, de natureza qualitativa, foram realizadas por imigrantes com os quais mantenho contato nos EUA.

#####

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Gláucia O. *Estar aqui , estar lá...uma cartografia da vida entre dois lugares*. Florianópolis. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social . UFSC, 1995, 234p.

- BICALHO, José V. *Yes, eu sou Brazuca*. Governador Valadares, Ibituruna/FUNSEC. 1989, 106p.

- FAUSTO, Boris. *Uma historiografia da imigração estrangeira para São Paulo*. São Paulo. Ed. Sumaré, FAPESP. 1991.

- FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G. BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. *Towards transnational perspective on migration*. *Annals of the New York academy of Sciences*. New York, 645, 1992, p 145-73.

- & HUSE, Donna. A saudade cultural e experiências de imigrantes portugueses na interseção cultural. *Identidade, Imigração e Memória*. Publicação do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, Maio, 1993, p.45-61.

- GLICK-SCHILLER, Nina & FOURON, Georges. "Everywhere we go. We are in danger": Ti Mamo and the emergence of Haitian transnational identity. *American ethnologist*. V.17, n. 2, may 1990 p. 329-47.

- GOZA, Franklim. A imigração brasileira para a América do Norte. *Revista Brasileira de estudos de população*. v.9 n.1 jan/jul 1992.

- HARVEY, DAVID. *A Condição Pós-Moderna*. Loyola, São Paulo, 1993. 185-290.

- MARGOLIS, Maxime L. An New Ingredient in the melting Pot: Brazilians in New York City" *City and Society* 3 (2): 179-187. 1989.

- ----- An American in Governador" *The Brazilians*. N 18 (september);4. 1990

- ----- "From Mistress to Servant: Downward mobility among Brazilians in New York City" *Urban anthropology* 19 (3): 215-231. 1992

- ----- *Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. New Jersey, Princeton University Press, 1994, 329p.

- MARTINS, José S. "O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil". In: *Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo..* 2 ed, Petropolis, Vozes, 1988. p 43-62

- PORTES, Alejandro. & RUMBAUT, R. *Immigrant America: a portrait*. Berkley: University of California Press. 1990.

- RIBEIRO, Gustavo L. Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n. 18, ano 7, fev/1992, p.30-40. ----- Explorando fragmentos das fronteiras da cultura. FONSECA, Cláudia (Org) *Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 09-21.

- SALES, Tereza. Novos Fluxos da população brasileira. *Revista Brasileira de estudos de população*. São Paulo. v. 8, n 1/2. Jan/dez, 1991.

- ----- Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo. v. 9 n.1 jan/jul 1992, p 50-64.

- ----- O Brasil no contexto das migrações internacionais. *Travessia: revista do migrante*. CEM. ano VIII, n.21, janeiro-abril/95. p 5-8.

- SAYAD, Abdelmalek. Uma pobreza "exótica": a imigração argelina na França. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. N 17. Ano 6. out/1991 p 84-107.

- SOARES, Weber. *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses*. Projeto de dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional da UFRJ. Mimeo. Janeiro de 1993.

- ----- Ser valadarenses: a conquista de nova posição no espaço social e a "(re) territorialização" na origem. *Travessia - Revista do Migrante*. Publicação do CEM - ano VIII, n.21, janeiro-abril/95. p23-27.

- STOLCKE, Verena. Cultura européia: uma nova retórica da exclusão? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, n. 22 . ano 8. jun-1993. p 20-31,

- WALLERSTEIN, Immanuel. A World-System Perspectives on the Social Sciences. *British Journal of Sociology*. vol. 27. N3. 343-352. 1976.

- ----- Culture as the ideological Battleground of the modern World-System. In: FEATHERSTONE, Mike (Org) *Global Culture*. London. Sage. p 31-56. 1990.

OS MOVIMENTOS DE REPATRIAMENTO

Marcia Anita Sprandel*

Neste artigo, procuro chamar a atenção para um fenômeno recente no panorama das lutas sociais no campo: a reivindicação, pelo movimento social, do repatriamento de camponeses brasileiros que residem e trabalham em território de países limítrofes.¹ Destaca-se o Movimento pelo Repatriamento dos Brasiguaios (MRB), criado em 1992, tendo como palavra de ordem "Brasil, uma Pátria para os Brasiguaios".²

Os chamados **brasiguaios** surgiram, como grupo étnico e político, nos primórdios da Nova República. Em julho de 1985 mais de mil famílias de pequenos produtores rurais brasileiros que haviam passado até mais de 20 anos residindo e trabalhando em terras localizadas na vizinha República do Paraguai, retornaram de forma organizada ao Brasil, alegando dificuldades econômicas e maus tratos em território paraguaio. A identidade **brasiguaios**, que funde em si os adjetivos pátrios do Brasil e do Paraguai, serviu como instrumento importante na luta pela reivindicação de terras, diante da possibilidade então concreta de realização de uma reforma agrária no Brasil.

Este primeiro contingente de retornados foi assentado no Projeto de Assentamento Novo Horizonte, em Ivinhema (MS), o qual, após seis anos, obteve sua emancipação política, tornando-se o município de Novo Horizonte do Sul.³ Depois destas, outras famílias retornaram de forma organizada ao Brasil. A cada experiência com menos êxito, devido aos desdobramentos conhecidos da política fundiária no país.

Em maio de 1992, um novo grupo de **brasiguaios**, formado por 400 famílias, ergueu um acampamento em Amambaí



Foto: Arquivo CEM

(MS). Ali sofreram pressões para retornar ao Paraguai e foram vítimas de atos de violência (prisões, invasões de acampamentos) por parte do governo estadual.⁴ Em carta que os acampados divulgaram à opinião pública, apareceu, pela primeira vez na história daquele grupo social e mesmo na história das lutas camponesas no Brasil, a sugestão de que seriam **refugiados** aqueles camponeses tradicionalmente percebidos como “migrantes” ou como parte constitutiva de processos de formação de novas fronteiras agrícolas. No mesmo documento, os chamados **brasiguaios** reivindicaram ao governo federal seu **repatriamento**:

“O Brasil já nos rejeitou há mais de três décadas, quando nos arrancou da terra e nos obrigou a buscar refúgio no Paraguai. Hoje o Paraguai, da mesma forma, não nos dá condições de sobrevivência e uma cidadania digna. Estamos sem Pátria e sem terra. Nem Brasileiros (pois não temos nossos direitos reconhecidos) e nem Paraguaio. Somos os Brasiguaios e lutamos pelo direito de regressar ao Brasil e dar aos nossos filhos uma pátria que nos receba.” (Carta dos Brasiguaios Acampados em Amambai, 25.05.92)

Nota-se que, desde as primeiras mobilizações dos chamados **brasiguaios**, e na própria construção desta identidade, houve uma ênfase na nacionalidade e nos direitos de cidadania que esta deveria fornecer. Diante das dificuldades enfrentadas em 1992 - a aparente impossibilidade de acesso a terra e a insensibilidade do poder local - os camponeses acampados ressaltaram ainda mais a natureza específica e emergencial de sua condição. Não se tratava de *mais uma* reivindicação por reforma agrária, e sim por **repatriamento**, mesmo que o objetivo final permanecesse sendo a terra:

“O problema dos Brasiguaios extrapola, nesse momento, a questão da terra. É uma situação de repatriamento. Eles lutam para resgatar sua cidadania e essa luta passa pela reforma agrária. É um contingente de cidadãos sem terra e sem pátria e que deveriam ser acolhidos pelo Estado como indivíduos que regressam a sua terra na busca de melhores condições de vida que não conseguiram ter no es-

trangeiro. E, no entanto, são recebidos à bala, humilhados, marginalizados e segregados em campamentos. O repatriamento é um direito universal garantido pela Constituição Brasileira e está contido na Declaração dos Direitos Universais do Homem, assinada pela ONU, da qual o Brasil é signatário”. (ibid.)

O MRB foi criado no Estado do Mato Grosso do Sul, escolhido como ponto de chegada para os **brasiguaios** que retornam mobilizados pela facilidade da fronteira seca e pelo trabalho de mediação ali realizado. Seus membros apoiam política e estrategicamente os grupos de camponeses que desejam retornar ao Brasil e aqueles já acampados, e divulgam suas reivindicações. O movimento é formado por sindicatos, entidades, organizações e partidos políticos sul-matogrossenses.⁵

A articulação política do MRB é feita pelo Comitê Binacional dos Brasiguaios, criado em 1991, do qual fazem parte entidades sindicais, partidos políticos e ONGs do Brasil e do Paraguai, envolvidos diretamente na defesa dos interesses dos chamados **brasiguaios** e no apoio a sua organização e às mobilizações de retorno ao Brasil. Atualmente tem como representantes brasileiros o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a Central Única dos Trabalhadores, a Secretaria Agrária do Partido dos Trabalhadores e o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Marçal de Souza. Do lado paraguaio temos a Federación Nacional Campesina (FNC), a Coordinadora Interdepartamental de Sin Tierras (CIST), a Organización de Lucha por la Tierra (OLT), o Comité Popular por los Derechos Humanos (CPDH) e o Partido Democrático Popular (PDP). Em determinadas situações, há uma fusão das duas representações, e documentos são assinados pelo “Comitê Binacional pelo Repatriamento dos Brasiguaios”.

Além de publicar encartes que circulam junto ao **Jornal dos Sem Terra**, o MRB reúne-se anualmente durante a realização dos “Seminários sobre os Brasiguaios”, cuja sexta edição aconteceu em junho de 1994, em Assunção, capital paraguaia. Cabe ressaltar aqui a importância e o ineditismo do trabalho realizado pelo Comitê Binacional dos Brasiguaios,

que tem se firmado como força política respeitada no Brasil e no Paraguai, como mediador preferencial em situações de conflitos (sejam estes trabalhistas, de terra ou étnicos) na fronteira internacional. O conhecimento localizado que seus integrantes possuem lhes permite inclusive sugerir políticas públicas para a região, como veremos adiante.

Uma outra proposta de **repatriamento**, geograficamente diversa, com outro nível de mobilização e de complexidade, apareceu em julho de 1994, quando o Conselho Nacional dos Seringueiros anunciou sua intenção de lutar pelo repatriamento de 15 mil brasileiros - denominados localmente “brasivianos” - que estariam trabalhando em seringais bolivianos. O levantamento da situação destes brasileiros foi feito em 1991 pela Diocese de Rio Branco e pelo Vicariato de Pando⁶, e em 1992 por uma Comissão de Deputados da Assembléia Legislativa do Acre. As representações sobre os motivos de saída do Brasil e as dificuldades enfrentadas na Bolívia lembram os relatos de história de vida feitos pelos chamados **brasiguaios**:

“Para ter um rebanho bovino estimado em mais de um milhão de cabeças, o Acre pagou um alto preço ambiental: entre as décadas de 60 e 70, desmatou milhares de hectares de florestas, destruiu seringais inteiros e obrigou cerca de 15 mil brasileiros a migrarem à cidade de Pando, na Amazônia boliviana. (...) Na Bolívia, os brasileiros são obrigados a pagar renda mensal aos donos da terra onde trabalham e vivem irregularmente no país. Comissão de deputados da Assembléia Legislativa do Acre constatou, em novembro de 1992, que muitos brasileiros eram humilhados e alguns torturados por policiais bolivianos, por não conseguirem pagar as taxas escorchantes exigidas pelos proprietários”. (Jornal do Brasil, 06 de julho de 1994).

O Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) estaria contando com o apoio do Banco Mundial para organizar o repatriamento, que seria uma das metas do programa da entidade de representação para a proteção das florestas na Amazônia. Conforme a notícia, os seringueiros provenientes da Bolívia seriam incorporados ao plano de expansão produtiva da reserva

extrativista Chico Mendes. Em contato telefônico feito em agosto de 1994, um dirigente do Conselho esclareceu, no entanto, que a proposta de repatriamento não objetiva assentar seringueiros na RESEX Chico Mendes, tratando-se de uma reivindicação mais ampla.

Da mesma forma que os chamados **brasiguaios** desde 1985 têm voz e voto nos congressos do Movimento Sem Terra, também os chamados "brasivianos" têm tido voz e voto nos congressos do CNS. O fato do indivíduo estar além de uma fronteira física não significa, pois, que não esteja participando do movimento social em seu país de origem, ou aliado de seus direitos políticos, como o de votar. O que está em jogo, não é a emigração para outro país, mas sim a busca de novas terras ou, no caso dos seringueiros, novas **colocações**.

Os camponeses brasileiros no Paraguai ou os seringueiros brasileiros na Bolívia não poderiam ser considerados, desta maneira, "refugiados" no significado clássico do termo. O fato de "buscarem refúgio" nestes países limítrofes também não se refere à idéia biológica de "refúgio" como habitat. Trata-se, antes, da idéia de "refúgio" conforme percebida pelo senso comum, como abrigo, segurança circunstancial a um momento de crise. "Repatriamento", quando aparece nas suas reivindicações, é fundamentalmente uma bandeira de luta emprestada ao discurso do direito e das agências internacionais.

Veremos, a seguir, o que significa formalmente **repatriamento**, e porque tem sido reivindicado naquelas situações de conflito social envolvendo cidadãos brasileiros que circulam pelas fronteiras de países limítrofes. Como funciona esta categoria em tais situações sociais, sendo ou não percebida por aquela sua irmã, refugiados?

O Repatriamento na Literatura Diplomática e no Direito Internacional

As categorias **repatriamento** e **refugiado** estão intimamente ligadas aos conflitos armados da primeira metade do século XX, e foram construídas e conceituadas

através de atos jurídicos. **Repatriamento** é, segundo o **Encyclopaedic Dictionary of International Law** (1988), o termo empregado nas leis de guerra para referir-se ao retorno de pessoas para seu país de origem.⁷ **Refugiados**, conforme a mesma fonte, seriam pessoas assim consideradas pelas diversas legislações⁸, por possuírem medo bem-fundado de perseguição por razões de raça, religião, naturalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, e que estivessem fora de seu país de nacionalidade.

Em outubro de 1921, finda a Primeira Guerra Mundial, os países vencedores, organizados através da Liga das Nações⁹, criaram a **League of Nations High Commissioner for Refugees**, a cargo de Fridtjof Nansen. O órgão teve como principal tarefa apoiar - através de emissão de documentos e procura de empregos - refugiados da revolução soviética de 1917 e do conflito grego-turco de 1922. Em 1933 aconteceu o êxodo de refugiados da Alemanha, obrigando a Liga das Nações a estabelecer um escritório para o Alto Comissariado. Em 1938, por iniciativa do presidente Roosevelt (USA), foi criado o **Intergovernmental Committee for Refugees (IGCR)**. Funcionou até 1947, tendo como preocupação as centenas de milhares de refugiados da Segunda Guerra Mundial.

Em dezembro de 1944, surgiu a **United Nations Relief and Rehabilitation Administration (UNRRA)**, que tinha um propósito essencialmente prático: planejar, coordenar e administrar medidas de apoio às vítimas da guerra em qualquer área sob controle das Nações Unidas, através do fornecimento de comida, roupas, abrigo e outras necessidades básicas. Diferentemente das organizações anteriores, seu trabalho foi todo realizado em campo, ajudando os governos aliados a repatriar mais de 6 milhões de pessoas.

Com o final da guerra, o problema dos refugiados permaneceu, entre outros motivos, porque mais de um milhão deles não quisera ser repatriado. Havia a necessidade de se criar uma organização que centralizasse as tarefas do antigo Alto Comissariado da Liga das Nações, do IGCR e da UNRRA. Surgiu a **International Refugee Organization (IRO)**, que funcionou de 1947 a 1951. Destaca-se na leitura de seu termo de referência a preocupação

em definir o status de refugiado, significativamente por exclusão. A IRO tinha um interesse constitucionalmente limitado a determinados grupos e categorias de refugiados, que deveriam satisfazer certas condições antes de utilizar-se de seus serviços.

Em 1º de janeiro de 1951, começou a funcionar em Genebra o escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), ou **Office of the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHGR)**. Sua tarefa era a de dar proteção a todos os refugiados então reconhecidos oficialmente (125 mil) e a qualquer outra pessoa que deixasse seu país por medo de perseguição ou que não desejasse retornar, pelo mesmo motivo. Foi elaborada uma Convenção em 28 de julho de 1951, cuja adesão por 24 países significou a possibilidade de fornecimento de um status legal para os refugiados.¹⁰ Este instrumento, originalmente limitado a pessoas que tinham se tornado refugiadas como resultado dos acontecimentos anteriores a 1º de janeiro de 1951, foi ampliado através de Protocolo de 1967, que tornou suas ações aplicáveis às novas situações, a despeito de qualquer data limite¹¹.

Pode-se dizer que, a partir de 1967, como parte de um processo de reformulação das políticas do ACNUR, a categoria **refugiados** deixa de estar exclusivamente ligada a conflitos armados. Para GORDENKER (1987) haveria um problema de insuficiências definitórias tanto na Convenção quanto no Protocolo. A definição de "refugiados" na Convenção de 1951 determina a perseguição deliberada por parte de um governo como motivo para se adquirir este status. Para o autor, a especificidade deste argumento excluiria os efeitos das ações governamentais que ameaçam a existência de indivíduos e grupos sem tomar a forma de punições ou ameaças explícitas. **A definição, desta forma, não incluiria muitos dos resultados de políticas sociais que estariam envolvidos em grandes êxodos ou migrações forçadas.**

Se, em 1951, o ACNUR estava preocupado em dar proteção a indivíduos e grupos de famílias que haviam se tornado refugiados como resultado da Segunda Guerra Mundial, a maior parte europeus, hoje precisa pensar também em comunida-

des inteiras, e mesmo grupos étnicos e tribais (a maioria parte do chamado "Terceiro Mundo")¹², um universo de mais de 22 milhões de refugiados por motivos econômicos e políticos. Há uma reavaliação na própria função contemporânea do Alto Comissariado, qual seja: fornecer "proteção internacional" a refugiados e propor soluções permanentes aos seus problemas. Conforme o próprio órgão, a "proteção internacional deve ser pensada como algo dinâmico, e não como um conceito estático, aplicado rigorosamente" (UNHCR; 1971:42).

O ACNUR funcionaria, atualmente, como mediador entre os refugiados e o governo local, ou, no caso de repatriamento, entre o país de asilo e o país de origem. Assim que recebe um apelo por ajuda, um representante do Alto Comissariado é indicado para avaliar a situação, discutindo-a com autoridades locais e agências voluntárias, ou outras organizações envolvidas. Sendo concedido pelo país de primeiro asilo o status de refugiados para um indivíduo ou grupo de pessoas, o ACNUR apresenta três possibilidades de solução para o problema: o repatriamento, o reassentamento no país de primeiro asilo ou o reassentamento em um terceiro país.

No caso dos chamados **brasiguaios**, ou dos seringueiros na Bolívia, não houve formalmente a requisição do status de **refugiados** ao ACNUR. Avançaram diretamente para a reivindicação de **repatriamento**, a qual não passa ainda pelas agências internacionais, sendo dirigida aos aparatos de estado do Brasil. Trata-se de uma apropriação, por parte dos camponeses envolvidos em tais situações sociais, de uma categoria e de um discurso ao qual ascenderam através de negociações políticas com representantes da diplomacia brasileira, encarregados oficialmente de seu conforto em país estrangeiro. O departamento consular do Itamaraty vem se destacando como nova e fundamental agência na cadeia de interlocução que os mediadores do movimento social precisam percorrer na busca de resolução para os conflitos envolvendo cidadãos brasileiros, em sua grande parte camponeses, que vivem em territórios de países limítrofes.

Quando do surgimento do primeiro acampamento dos chamados **brasiguaios**,

em 1985, o fórum escolhido para a resolução do problema foi o Grupo de Cooperação Consular Brasil-Paraguai. Dele fazem parte diplomatas e funcionários de órgãos estatísticos, policiais e fundiários dos dois países. Na Segunda Reunião, realizada em Brasília (DF) em outubro daquele ano, constatou-se a inexistência de dados confiáveis sobre o número de brasileiros residentes no Paraguai e chegou-se à conclusão que a raiz do problema seria a documentação pessoal dos imigrantes. Destacou-se a necessidade de garantir a propriedade da terra e de assegurar os direitos daqueles arrendatários ou parceiros, tanto em imóveis de paraguaios como de brasileiros. As repartições consulares brasileiras no Paraguai foram autorizadas a manter livros para registro de títulos de propriedade de terra e de contratos de arrendamento ou parceria dos camponeses brasileiros, o que lhes permitiria defender os direitos dos mesmos diante das autoridades paraguaias.

Em meados de 1986, realizou-se em Assunção, capital paraguaia, a Terceira Reunião do Grupo de Cooperação Consular Brasil-Paraguai. Na agenda de trabalho, estavam o exame dos requisitos legais vigentes para registro dos nacionais de cada país no território do outro; censo de cidadãos brasileiros residentes em áreas rurais no Paraguai e de cidadãos paraguaios residentes no Brasil; formação de recursos humanos na área aduaneira e na área policial e a instalação de comitês de fronteira em Guairá (PR) - Salto del Guairá (PY) e em Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY).

Apesar dos representantes dos chamados **brasiguaios** não terem assento nas reuniões, abriu-se um canal de comunicação através do envio de cartas, denúncias e solicitação de audiências e reuniões com funcionários do Itamaraty. Foi o início de uma interlocução nova tanto para a diplomacia como para o movimento social. No caso da primeira, naqueles países onde os cidadãos brasileiros que devem proteger são em sua maior parte camponeses que vivem em área limítrofes à fronteira com o Brasil, criou-se a necessidade de deslocamento de funcionários dos escritórios consulares urbanos e burocráticos para áreas de conflito. Quanto ao segundo, o aprendi-

zado de uma mediação política que passa necessariamente pelos departamentos consulares. Tal aprendizado foi lento e pressupôs a consciência, por parte dos chamados **brasiguaios** e seus representantes, de sua condição de estrangeiros em um país vizinho.

Depois de diversas tensões e tentativas frustradas de aproximação, aconteceu, em fevereiro de 1993, em Ciudad del Este (PY), uma reunião histórica entre representantes consulares brasileiros, entidades sindicais, políticas e de apoio aos chamados **brasiguaios** (as mesmas que conformam o MRB), além de membros das comunidades locais. Da reunião resultou um decálogo de propostas objetivas, enviado à chancelaria brasileira. Além do repatriamento, estas propostas referem-se ao bem estar e à resolução de conflitos envolvendo brasileiros que permanecem em território paraguaio. Um ano e meio depois, durante a realização do VI Seminário sobre os Brasiguaios, em Assunção (PY), o Cônsul Geral da República Federativa do Brasil naquele país relatou quais as propostas que foram factíveis de execução, e quais seus resultados.

O primeiro item refere-se a um esforço para regularizar a situação documental de camponeses brasileiros no Paraguai, como primeiro passo para um plano de ajuda que incluiria assistência médica e educacional. O segundo, previa a implementação com a máxima urgência, de um sistema de visitas consulares itinerantes, tendo sido indicadas duas colônias prioritárias: Bernardino Caballero e Nueva Esperanza, no distrito de Ybiahú, Departamento Concepción. O argumento da escolha, por parte do consulado, exatamente o oposto ao argumento do movimento social, foi a facilidade de acesso e a não possibilidade de conflito.

Foram realizadas três missões consulares itinerantes, nas quais funcionários da Secretaria de Estado e do consulado brasileiro se deslocaram para as áreas escolhidas. Houve distribuição de cartilhas consulares e o esclarecimento de que ali estavam para ouvir e orientar os cidadãos brasileiros. Funcionários do consulado cadastraram os brasileiros e registraram os nascimentos. Apenas num dia, em Nueva Esperanza, foram cadastrados 201 brasi-

leiros e registradas 8 crianças. Também em um dia, em Bernardino Caballero, foram cadastrados 191 brasileiros e registradas 52 crianças. No relato da chefe desta missão, há a categorização desta nova modalidade de atendimento consular como “uma verdadeira aventura, nada burocrática, mas gratificante sob todos os aspectos” (PUGLIA; 1993:1).

As cartilhas consulares distribuídas em Concepción foram uma reivindicação do movimento social na reunião de Ciudad del Este, qual seja: “elaboração de uma cartilha consular em linguagem didática com informações sobre documentação e direitos assegurados aos colonos brasileiros”. Há dois tipos de cartilha, a **Cartilha Consular Brasileira - informações básicas para cidadãos brasileiros residentes no Paraguai e Informações Básicas para Cidadãos Brasileiros Residentes no Paraguai a Respeito da Concessão de Documentação Paraguaia para a Permanência Legal no País**.

O trabalho de missões itinerantes realizado pelo consulado brasileiro no Paraguai está sendo considerado um modelo para situações congêneres, como o acompanhamento de brasileiros nos EUA, durante a realização da Copa do Mundo e poderá ser adotado pela chancelaria paraguaia na orientação aos milhares de cidadãos paraguaios que vivem na Argentina. Configura-se como uma vitória para a diplomacia brasileira e para a sociedade civil organizada, resultante de um exercício muitas vezes tenso, porém insistente, de interlocução.

Não obstante seu alcance geograficamente e socialmente reduzido, as missões consulares itinerantes marcam uma nova fase no papel da diplomacia em conflitos sociais em regiões de fronteiras político-administrativas internacionais. O Cônsul Geral do Brasil em Assunção, Sr. Luis Brun de Almeida e Souza, chama esta nova fase de “Diplomacia Consular Social”, uma percepção diversa das responsabilidades consulares, que em parte teria nascido do problema dos chamados **brasiguaios**. Brun destacou, em relato feito no VI Seminário, a importância da presença consular nas áreas de campo, levando em conta além dos casos de corrupção de autoridades locais, outras situações sociais que caracterizam esta região de fronteira (con-

trabando, narcotráfico, roubo de carros):

“É impressionante a diferença que é estar lá e não estar lá. Estas unidades móveis consulares que chegam causam uma grande transformação na área de atendimento. A melhor maneira de combater uma situação de corrupção ou um esquema clandestino, nestas áreas é a presença! Porque as pessoas que trabalham ilicitamente o fazem aproveitando a ausência de autoridade governamental”. (Conferência realizada em 23 de junho de 1994, durante a realização do VI Seminário sobre os Brasiguaios, em Assunção, Paraguai).

O Cônsul destacou, ainda, a necessidade de treinamento de funcionários para estas novas atividades consulares e o atendimento de uma outra reivindicação do “decálogo”, a extensão da assistência jurídica aos brasileiros no interior do Paraguai. O consulado contratou um consultório de advocacia em Assunção para prestar assistência jurídica em casos de conflitos de terra, conflitos com cidadãos paraguaios, e demais situações que envolvam autoridades daquele país. O repatriamento, demanda do movimento social, não foi discutido pela autoridade diplomática naquela reunião.

A participação das chancelarias brasileira e paraguaia no VI Seminário demonstra, outrossim, uma aproximação maior entre a diplomacia e o movimento social nas regiões de fronteiras internacionais. Quando se dá o retorno organizado ao Brasil, e os camponeses se encontram face a face com autoridades locais brasileiras pouco propensas a atender suas demandas por terra, é a diplomacia que mais uma vez vão recorrer, utilizando-se de categorias que lhes são próprias, como aquela de **repatriamento**. Resgatam sua condição de “refugiados econômicos” e realizam uma forma diferente e organizada de “migração de retorno”.

As Fronteiras internacionais no contexto da globalização

No processo de organização das mobilizações camponesas e dos planejamen-

tos públicos nas fronteiras internacionais brasileiras verifica-se um deslocamento constante da percepção de “fronteira” em jogo. Quando os camponeses entram em território paraguaio ou boliviano em busca de terras ou **colocações**, a fronteira político-administrativa internacional é relativizada. Quando surgem as mobilizações pelo retorno, esta passa a ter um papel fundamental na construção de identidades étnicas e nas estratégias de luta.

De parte dos aparatos de poder, também percebe-se uma dualidade. De um lado, geopolíticos nacionalistas atribuem historicamente às regiões fronteiriças um caráter ofensivo e defensivo, considerando-as espaços periféricos a serem resguardados (vide Projeto Calha Norte). Por outro lado, governantes e funcionários das novas agências que estão envolvidas, entre outras questões, na implantação do Mercado Comum do Sul, apostam na relativização destas fronteiras, através do conceito de “regionalidade”.

A idéia de regionalidade aparece no Projeto de Protocolo Regional firmado em 11 de agosto de 1987 entre seis províncias argentinas (Entre Rios, Corrientes, Misiones, Santa Fé, Chaco e Formosa) e os estados brasileiros de Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina:

“Se considera (a fronteira) como uma área ou sub-região na qual se entrecruzam diversas forças que convergem no lugar (políticas, econômicas, sociais) e geram um sistema dinâmico. De tal maneira, a ocupação e organização do espaço se deve transformar numa identidade, na qual sem perder seus perfis próprios, ambas nações se somam na luta pela concretização de objetivos comuns. (...) A (sub)região é o espaço no qual se vinculam ou inter-atuam duas populações. Este contato se reflete no espaço e dá identidade própria a (sub)região. Daqui se extraem duas consequências importantes: a (sub)região fronteiriça excede o limite político e se estende a uma franja que inclui a ambos os países; a (sub)região fronteiriça não seria dividida por limites políticos, mas sim permite o seu tratamento como um todo”. (RECONDO; 1988:42-43)

Como concretização desta subregionalidade, são apontados os chamados Comitês de Fronteira, “organismos

mos oficiais integrados por representantes do setor público que tendem a promover a cooperação e o desenvolvimento regional nas subregiões ou áreas de fronteira e a proporcionar soluções ágeis e pragmáticas aos problemas de tráfego fronteiriço” (RECONDO; *ibid*:35). Além da regularização operativa do tráfego de pessoas, veículos e mercadorias, previam na sua

criação a instalação de um fórum para o tratamento de problemas e conflitos fronteiriços.

Em fevereiro de 1995, os governadores argentinos de Entre Rios, Corrientes, Misiones e Chaco, e os governadores brasileiros de Paraná e Santa Catarina (os governadores de Formosa e do Rio Grande do Sul não compareceram, mas deverão

fazer parte da iniciativa), reuniram-se em Foz do Iguaçu, no Paraná, e decidiram pela criação de um fórum que discutirá o desfogamento das aduanas, a integração das infra-estruturas, a criação de um banco de dados regional, a criação da Universidade das Américas e a **coordenação de polícias estaduais para coibir a imigração ilegal**.

Foto: SPM



O processo de integração carrega em si esta aparente contradição: na mesma medida em que propõe a livre circulação de bens produtivos e a criação de uma cidadania mercosulina, os aparatos de estado investem no controle fronteiriço, e reforçam o poder local de grupos econômicos e políticos. Por outro lado, parece extemporâneo aos mecanismos da globalização econômica o surgimento de identidades e categorias étnicas tais como **brasiguaios**, “brasivianos” ou “bolitos” (bolivianos que vivem na Argentina)¹³. Mesmo as categorias “refugiados” e “repatriamento”, consideradas características do mundo contemporâneo, onde sociedades nacionais estão sendo internacionalizadas, tornam-se “soltas” quando reapropriadas pelo movimento social.

Os grupos sociais cobertos por tais identidades configurariam “uma população tipicamente transnacional, gerada pelo capitalismo transnacional” (RIBEIRO; 1992:33-34). Ribeiro utiliza a noção de “segmentação étnica do mercado de trabalho” para refletir sobre estas situações sociais. Ao levar em conta os processos migratórios provocados em escala global pela expansão capitalista, o autor demonstra como determinadas etnias ocupam posições definidas justamente por sua origem (seja ela nacional, regional ou racial)¹⁴. No novo quadro ocupacional transnacional que se estrutura em função do Mercosul, temos registros de grupos nacionais sendo utilizados como mão-de-obra mais barata, fragilizando as conquistas sociais dos trabalhadores locais. Destacam-se os casos dos operários da construção civil brasileira em Quilmes, Montevideo e Punta del Este; os assalariados agrícolas brasileiros trabalhando sem documentação nas fazendas produtoras de arroz, algodão e soja (a maior parte de proprietários brasileiros) em território uruguaio e paraguaio; além

dos cortadores de cana brasileiros que disputam o mercado com os uruguaios em Bella Unión, sendo usados para baixar o preço do corte.

Para BRIGHT & GEYER (apud MARCUS 1991), e todos que se preocupam com os novos rumos da história mundial, é necessário deter-se na análise da interação entre as forças que promovem a integração global e as forças que recriam uma autonomia local. Estas últimas, onde se enquadram os grupos sociais que estamos analisando, tendem a ser vistas pela visão "moderna" como retrógradas ou reacionárias. Para os autores, elas têm uma importância fundamental exatamente por estarem estabelecendo os termos de uma participação autocontrolada e autodeterminada nos processos de integração global e na luta por uma ordem planetária.

Considero de Stuart Hall (1993) a mais clara reflexão sobre estas contradições, ao questionar a noção de globalização como um espaço não contraditório e incontestável. As novas formas de globalização e homogeneização, concentradoras de capital, afirma o autor, só governam através de capitais locais, junto com elites políticas e econômicas locais, assimilando as particularidades e especificidades do local, inclusive as diferenças de gênero. Ao se implantarem estas novas formas de globalização - como o Mercosul - dá-se a emergência de novos sujeitos, novos gêneros, novas etnicidades, novas regiões, novas comunidades. Através da luta, estas adquirem os meios de falar por si mesmas, ameaçando o discurso do poder. A etnicidade - seja ela de **brasiguaios**, "brasivianos" ou "refugiados" - seria o local necessário de onde as pessoas podem falar neste final de século marcado pela implantação de macro-mercados.

É nesta perspectiva que se pode recuperar o significado contemporâneo da categoria "refugiados". Não obstante tratar-se de uma categoria datada, seu sufixo tornou-se rotativo, significando sempre excluídos de alguma coisa e afastamento compulsório. Existem referências a "refugiados do desenvolvimento", conforme Mimi Kleiner, do Environmental Found, ao referir-se às pessoas deslocadas pelas obras do progresso, tais como barragens, portos e áreas reservadas militares. Na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças

Climáticas, que aconteceu em Berlim em março de 1995, especialistas do Instituto do Clima, de Washington, afirmaram que a deteriorização do meio ambiente criou pelo menos 25 milhões de refugiados no mundo inteiro, obrigados a emigrar por fatores predominantemente ambientais. Seriam os "refugiados ecológicos". Como excluídos de um processo global, os "refugiados" são ao mesmo tempo parte e ameaça.

Os movimentos de repatriamento de grupos sociais cobertos por categorias étnicas, como os chamados **brasiguaios**, **seringueiros**, ou ainda, **brasivianos**, precisam ser analisados tendo como pano de fundo estas novas formas de globalização, inclusive suas propostas de administração das questões fronteiriças. O retorno de camponeses de áreas de países limítrofes para seus locais de origem, de forma desorganizada e individual, permanece acontecendo. Mas as peculiaridades da nova situação internacional, com aumento do espaço de negociação política com agentes transnacionais, novas propostas de organização sindical também transnacionais, e o aumento do controle de migrações nas fronteiras nacionais, exigem, permitem e condicionam a emergência de novas formas de migração de retorno, na qual os sujeitos não se consideram mais meros "migrantes" em um eterno processo de deslocamento movido por motivos econômicos e sociais.

Sabe-se que grande parte dos refugiados, dos sem-pátria do mundo contemporâneo, começaram por ser sem-terra. A reforma agrária nos países de origem seria a solução para os problemas de milhares de camponeses brasileiros, bolivianos, paraguaios e chilenos que circulam pelas fronteiras do Cone Sul em busca de terra e trabalho. A implantação do Mercosul significou um novo desafio para os trabalhadores sul-americanos, na medida em que implementou o diálogo entre as diversas centrais sindicais e entre estas e novos aparelhos de poder. Em nível local, os conflitos inter-étnicos são negociados por organizações camponesas dos países envolvidos (como no caso da atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e da Federación Nacional Campesina nos conflitos entre camponeses brasileiros e paraguaios). Neste quadro complexo,

entidades como o Movimento pelo Repatriamento dos Brasiguaios e o Comitê Binacional dos Brasiguaios destacam-se como agentes sociais imprescindíveis.

A diplomacia também enfrenta seus desafios, ao tornar-se parte atuante em um diálogo com colegas dos outros países signatários do Mercosul, com empresários, centrais sindicais e parlamentares, entre outros grupos sociais que estão sendo afetados pela integração dos mercados. Em entrevista concedida durante a realização da Cúpula das Américas, em dezembro de 1994, Fernando Henrique Cardoso declarou que o Itamaraty, tradicionalmente voltado para si mesmo, "tem um pouco de receio de se abrir, um pouco da visão antiga de que os assuntos dele são assuntos de Estado. Hoje, não se tem mais assuntos de Estado, todos os assuntos são da nação, da sociedade" (Folha de São Paulo, 18/12/94).

Roberto da Matta, em recente artigo, fez a defesa da sensibilidade de alguns diplomatas para problemas culturais, no que se aproximariam do trabalho dos antropólogos:

"(...) As viagens, que são a marca registrada da diplomacia e da antropologia, promovem uma leitura mais generosa do mundo. Pois elas revelam que o conhecimento não é somente uma concepção que permite realizar alguma coisa prática - um juntar de armas ou dinheiro; mas é acima de tudo, uma experiência humana. (...) Diferentemente das viagens turísticas que confirmam todas as superioridades, trata-se de uma viagem (...) na qual quem se deseja em causa é o próprio viajante. Viajante que abre mão de ser único foco de entendimento e o fiel exclusivo da balança do que viu, que aprendeu e viveu." (DA MATTA; 1993:1-2)

Políticos, religiosos, sindicalistas, camponeses, e mesmo antropólogos, fazem parte de um campo político e de conhecimento que se localiza na articulação entre o global e o local. No caso das fronteiras internacionais brasileiras, dele também fazem parte latifundiários, narco-traficantes e contrabandistas, que controlam os deslocamentos fronteiriços e têm grande força nas eleições regionais. A diplomacia aponta como novo e fundamental agente não somente pela qualidade de sua presença entre as populações fronteiriças, mas

também por sua ação mediadora nos conflitos sociais que lhes atingem.

Numa conjuntura internacional de relativização das fronteiras e de esvaziamento do papel dos estados-nacionais, em que a noção de Pátria parece estar perdendo muito de seu valor, seria mínima a possibilidade de vitória para grupos sociais que têm como bandeira de luta justamente a nacionalidade. Funcionários consulares, na medida em que tradicionalmente tiveram como função a proteção de cidadãos brasileiros em países estrangeiros, estão se transformando em interlocutores privilegiados junto aos movimentos de repatriamento e diante das demandas de brasileiros que desejam permanecer residindo e trabalhando em países limítrofes. Desta relação poderá resultar a garantia aos direitos fundamentais de cidadania, entre eles o de retornar ao país de origem.

* *Marcia Anita Sprandel é historiadora e antropóloga.*

NOTAS

1. Atualmente, a autora está ligada ao projeto "Trabalho, integração e conflito entre grupos étnicos, nacionais e estrangeiros, no nordeste argentino", desenvolvido no Museu Nacional/UFRJ através de convênio com a Universidade de Buenos Aires, e financiado pela Fundação Vitae. "Vitae não compartilha, necessariamente, dos conceitos e opiniões expressos neste trabalho, que é de exclusiva responsabilidade do autor".
2. Vivendo em sua maioria nos Departamentos paraguaios de Alto Paraná, Canindeyú e Amambay, limítrofes com o Brasil, os brasileiros com admissão permanente eram, conforme censo paraguaio de 1990, 2.144 pessoas. Em 1985, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil registrara 37.713 brasileiros residindo legalmente no Paraguai. Desde a década de 70, cálculos de entidades confessionais, ONG's e da imprensa em geral, estimam em 400.000 este número.
3. Sobre a construção da identidade **brasiguaios** e as características étnicas e políticas da organização que elaboraram, ver: SPRANDEL, Marcia Anita - *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Dissertação de Mestrado defendida no PPGAS/Museu Nacional - UFRJ, 1992.
4. Sobre as denúncias de violências e prisões, ver *Brasil, uma Pátria para os Brasiguaios - Boletim do Movimento pelo Repatriamento dos Brasiguaios*. Nº 1. Mato Grosso do Sul e Nº 2, novembro de 1992, Mato Grosso do Sul.
5. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Central Única dos Trabalhadores, Secretaria Agrária do Partido dos Trabalhadores, CDDH Marçal de Souza, Comissão Pastoral da Terra, PCdoB, Associação dos Índios Desaldeados Kaguatêca, dezenas de sindicat

tos profissionais urbanos e ONGs. Também apoiam o MRB a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através do bispo de Dourados (MS), o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP), o Sindicato dos Químicos e o Sindicato dos Bancários daquele estado.

6. O resultado deste trabalho foi publicado no documento *Realidade dos seringueiros brasileiros na Bolívia*. Vicariato de Pando, Bolívia; Diocese de Rio Branco (AC), Brasil; CEPAMI, Ji-Paraná (RO), Brasil. Junho de 1991.

7. Os estados eram obrigados a repatriar, com o cessar das hostilidades, prisioneiros seriamente doentes ou feridos (arts. 109 e 118 da Convenção de Genebra relativo ao Tratamento de Prisioneiros de Guerra, de 12 de agosto de 1949). "Protected persons" também deveriam ser repatriadas, a não ser que sua partida fosse contrária aos interesses do estado (art. 35 da Convenção de Genebra, relativo a Proteção de Pessoal Civil em Tempo de Guerra).

8. Convenção Relativa ao Status de Refugiados de 28 de julho de 1951 e Protocolo de 1967.

9. A Liga das Nações foi criada em Versailes em 1919, e durou até 1939.

10. O status de refugiado é usualmente determinado pelas autoridades do país de asilo, com base em entrevistas pessoais, seguidas ou não da emissão de documentos de identidade e viagem. Cabe aos governos dos diversos países aceitar ou não a autoridade do Alto Comissariado e cooperar ou não com ele.

11. Todas as informações acima foram extraídas da publicação *A mandate to protect and assist refugees - 20 years of service in cause of refugees (1951-1971)*, publicado pelo UNHCR-Office of the United Nations High Comissiones for Refugees.

12. Destaca-se o caso africano. Sobre o problema do repatriamento no contexto das soluções contemporâneas duráveis aplicadas para refugiados africanos, as frustrações associadas com os exercícios africanos de repatriamento em termos de obstáculos culturais, econômicos e políticos enfrentados nos processos de repatriamento e na concomitante reabilitação de refugiados em suas áreas de origem, ver ROGGE e AKOL (1989), sobre o repatriamento dos sudaneses do sul, na década de 70.

13. Sobre a tendência ao acirramento de conflitos inter-étnicos na região, ver "Xenofobia na América - ódio a estrangeiros invade o Cone Sul", série de reportagens de Solano Nascimento (Prêmio Vladimir Herzog de reportagem 1994) publicada em *Zero Hora*, de Porto Alegre, de 28 de agosto a 1º de setembro de 1994.

14. Sobre a perspectiva transnacional dos movimentos de refugiados ver ZOLBERG, SUHRKE e AGUAYO (1986). Os autores estudaram casos de fluxos de refugiados iniciados na Ásia, África e América Latina, desde 1960. Concluíram que fatores internacionais influenciam direta ou indiretamente sobre os conflitos sociais que causam os movimentos de refugiados e tendem a exacerbar seus efeitos. Refugiados seriam produzidos por conflitos que são manifestadamente internacionais, mas que são ligados a conflitos sociais internos entre os antagonistas. Estruturas teóricas para analisar as causas dos movimentos de refugiados precisariam consequentemente refletir o caráter transnacional dos processos envolvidos.

BIBLIOGRAFIA

- DA MATTA, Roberto
1994 - "Diplomacia e antropologia". *ADB-Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros*. Brasília, Ano I, Nº 6, outubro. pp.1-2.
 - GORDENKER, Leon
1987 - *Refugees in International Politics*. New York, Columbia University Press.
 - HALL, Stuart
1993 - "The local and the global: globalization and ethnicity". In: KING, Anthony (ed.) *Culture, globalization and the world system*. Macmillan/Dpto. of Art and Art History-State University of New York at Binghamton.
 - LADAME, Paul Alexis
1958 - *Le rôle des migrations dans le monde libre*. Paris, Ed. Droz, 525 p.
 - MARCUS, Georges
1991 - "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial". *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, Nº 34. pp. 197-221.
 - PARRY AND GRANT
1988 - *Encyclopaedic dictionary of international law*. New York, Oceana Publications.
 - PUGLIA, Eliana da Costa e Silva
1993 - "Diário de uma missão consular itinerante". *ADB-Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros*. Ano I, Nº 7, novembro. pp. 1-2.
 - RECONDO, Gregório
1988 - "Comités de frontera: nuevos mecanismos para la integración regional". *Integración Latinoamericana*. Ano 12, Nº 132, marzo. pp. 35-47.
 - RIBEIRO, Gustavo Lins
1992 - "Bichos-de-obra: fragmentação e reconstrução de identidades". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Nº 18, Ano 7. pp. 30-40.
 - ROGGE, John e JOSUHA, Akol
1989 - "Repatriation: its role in resolving Africa's refugee dilemma". *International Migration Review*. Vol. XXIII, Nº 2, Summer. pp. 184-200.
 - UNHCR - Office of the United Nations High Comissioner for Refugees
1971 - *A mandate to protect and assist refugees. 20 years of service in cause of refugees (1951-1971)*. UNHCR.
 - ZOLBERG, Aristide, SUHRKE, Astri e AGUAYO, Sergio
1986 - "International factors in the formation of refugee movements". *International Migration Review*, Vol. XX, Nº 2, Summer. pp. 151-169.
- ## NOTÍCIAS DE JORNAL
- FARIAS, Orlando - "Plano quer repatriar seringueiros". *Jornal do Brasil*, 06 de julho de 1994.
 - LINS DA SILVA, Carlos Eduardo e ROSSI, Clóvis - "FHC quer fim das 'picuinhas' com EUA". *Folha de São Paulo*, caderno *Mais!* especial: "A nova geração do Itamaraty é neoliberal". 18 de dezembro de 1994. p. 5-6.
 - FELICIO, César - "Um fórum bilateral entre governadores". *Gazeta Mercantil*, 20 de fevereiro de 1995. p.7.
 - - "Refugiados ecológicos são 25 milhões em todo o mundo". *Jornal do Brasil*, 30 de março de 1995. p. 9.

ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE EMIGRAÇÃO E RETORNO NO NORDESTE

R. Parry Scott*

Como tradição historicamente estabelecida, a emigração desafia a criatividade de grupos domésticos para se organizarem localmente. Trabalhadores jovens, produzidos por estes mesmos grupos, constantemente se dispersam para regiões que prometem rendas maiores. Alguns mantêm contato com as suas famílias de origem e fazem remessas para ajudar, outros não. Depois de um período fora, alguns resolvem voltar.

Este movimento populacional contribui para a criação de condições demográficas sistematicamente diferenciadas entre regiões. A articulação de estratégias familiares nestes espaços regionais evidencia como as famílias de áreas de emigração arcam com os custos dos fluxos migratórios (Arizpe 1982, Woortmann 1984, Wood e Carvalho 1993, Scott 1984a, 1988).

Há uma inter-relação entre família, migração e estruturas de produção e de reprodução da força de trabalho. Enquanto a procriação e a obtenção de recursos que sustentam a vida constantemente renovam os grupos domésticos, levando a variadas composições e demandas materiais, a or-

ganização social de produção dominante limita severamente as opções abertas a membros da sociedade. Os empregadores lutam para diminuir os "custos da mão-de-obra". Ao mesmo tempo, os trabalhadores enfrentam o dilema de como suprir as necessidades materiais e sociais dos seus grupos domésticos com níveis de renda irrisórios. O custo da reprodução da força de trabalho torna-se um problema doméstico em que o uso de diversas fontes de sustento é um imperativo absoluto. Desta forma, a ubiquidade do grupo doméstico no seu empenho de sobreviver beneficia não somente a si, mas também aos grupos que empregam o seu trabalho (Meillasoux 1977). Como "reprodutores da força de trabalho" os grupos domésticos forçosamente organizam-se parcialmente de acordo com um nível supradoméstico de organização da produção na qual os interesses básicos das unidades produtoras divergem dos seus próprios interesses. Afinal de contas, não há balanço de empresa nenhuma cujo dado fundamental seja o bem-estar material dos trabalhadores.

A idade, sexo, número e parentesco das pessoas são os elementos com os quais os

indivíduos trabalham na formação de grupos domésticos com capacidades diferentes para a obtenção de recursos e para a reprodução. As variações nestes elementos obedecem regularidades reportadas nos estudos sobre migrações onde se pode identificar diferenças entre regiões de emigração e regiões de imigração. As estratégias de uso de trabalho elaboradas historicamente dentro de processos específicos de crescimento, acumulação de capital e concentração regional resultam numa separação entre contextos regionais para adaptação de grupos domésticos. Umhas regiões favorecem o trabalho assalariado e outras regiões favorecem formas não-assalariadas de obter recursos. Quase sem variação, é nas regiões "receptoras" de migrantes onde a oferta de emprego assalariado é favorecida. Nas regiões "emissoras" de migrantes os grupos domésticos são levados a articular estratégias de obtenção de recursos de fontes mais diversificadas. O assalariamento tem um peso relativo menor no total. A elaboração da política nacional de uso de trabalho realiza-se numa maneira em que as classes dominantes nas regiões receptoras possam impor a persistência da divisão regional entre concentra-

ções de trabalho assalariado e trabalho não-assalariado. A aplicação desta política evidencia-se na composição diferenciada dos elementos de idade, sexo, número e parentesco nos grupos domésticos nos dois pólos contrários dos fluxos migratórios.

As estratégias domésticas elaboram-se diferentemente de acordo com a promoção e reiteração da identificação de áreas de emigração como áreas "reprodutoras". A força de trabalho assalariada em áreas receptoras renova-se com o influxo de migrantes jovens e capazes, originários de áreas onde os grupos domésticos têm recorrido mais ao trabalho não-assalariado para sustentar-se. Desta forma, os custos de reprodução da força de trabalho, em grande parte, caem fora da esfera dos salários pagos a trabalhadores nas áreas "receptoras". Por um lado, com este fornecimento regular de trabalhadores produzidos à distância, as firmas podem pagar um salário insuficiente para cobrir o custo da reprodução da força de trabalho que de fato empregam, e assim podem incrementar as suas margens de lucro. Por outro lado, as famílias nas áreas de emigração são levadas a se organizarem com contingentes populacionais mais adversos à obtenção local de recursos.

Neste trabalho, examinam-se dados sobre grupos domésticos pernambucanos urbanos e rurais com experiência migratória inter-regional para ver como é que, numa região de emigração fortemente reforçada historicamente como reprodutora da força de trabalho, as famílias articulam emigração, contatos com migrantes e migrações de retorno para melhorarem o seu potencial de obter recursos.

Migrações, Remessas e Retornos entre Famílias Pernambucanas Rurais e Urbanas

Nas Américas, o contexto de migração inter-regional revela algumas regularidades, das quais a diáde Pernambuco-São Paulo representa um exemplo ilustrativo da clara desvantagem para famílias em áreas de emigração. Historicamente, nos últimos trinta anos, em ambos os estados

tem havido 1) um incremento na população acima de 60 anos, 2) um aumento no número de casas chefiadas por mulheres, 3) quedas significativas nos níveis de fecundidade, e 4) uma diminuição no tamanho do grupo doméstico. Na estrutura etária São Paulo acumula uma vantagem proporcional na redistribuição ocorrida como resultado da combinação de migrações e crescimento vegetativo. O seu aumento proporcional mais significativo tem ocorrido na faixa mais produtiva de 15 a 39 anos, enquanto em Pernambuco este aumento proporcional tem sido entre as faixas mais jovens e dependentes, até 14 anos de idade. A dinâmica deste rearranjo fica evidente quando se repara as idades do conjunto de membros do grupo doméstico mais sensível ao contexto econômico regional - os "outros" (irmãos, primos, pais, netos, outros parentes e não-parentes). Pernambuco, comparado com São Paulo, tem o dobro da proporção destes agregados na faixa mais jovem, até 14 anos. Quanto ao sexo da população, efetivamente, há uma predominância feminina maior no Nordeste, onde as cidades têm servido como destino para mulheres saídas do campo, fazendo com que haja 6 mulheres para cada 5 homens, e as mulheres destas cidades enfrentam o dilema de organizar os seus grupos domésticos com menos participação masculina. Na década mais recente, com o aumento da migração feminina, São Paulo tem começado a se aproximar à situação de Pernambuco. (Ver Scott 1988 para discussão destes dados no contexto das Américas).

Cabe perguntar, então, como é que os grupos domésticos pernambucanos, onde o contexto para estratégias econômicas domésticas é menos propício, usam a migração para tentar estabelecer uma base de recursos para operar no Nordeste? Mesmo que o processo migratório conduza diretamente para a exploração da força de trabalho produzida por grupos domésticos fora das áreas onde se concentram os empregos, pode-se inverter a migração de uma forma que ela se torne vantajosa a grupos domésticos nordestinos que a ela recorrem?

Ao examinar diferentes tipos de migração, a lógica doméstica das estratégias migratórias, contatos com migrantes e

migrações de retorno, deve-se esclarecer como algumas destas alternativas se articulam nas estratégias de captação de recursos. Os dados são de um levantamento direto de 1982/1983, incluindo questionários, entrevistas e observação feita junto a mais de quatrocentos grupos domésticos pernambucanos com alguma experiência migratória para fora da região (ver Scott 1984 para um relatório completo destas informações, e Scott 1986 sobre migrações de retorno). Duzentos questionários foram aplicados no distrito de Prazeres (Jaboatão) da Região Metropolitana do Recife e outros duzentos na área camponesa e pecuarista ao redor de Garanhuns, no Agreste Meridional. Entre 20 e 25% de todos os grupos domésticos na área camponesa de Garanhuns teve experiência migratória inter-regional. Em Prazeres, na área metropolitana, a proporção é apenas ligeiramente menor sendo de 18%.

Os camponeses insistem que as intenções ao sair são de ganhar dinheiro para poder mandar de volta às casas de origem. O discurso dos moradores da cidade não é tão explícito sobre esta finalidade. Entre os migrantes de Garanhuns e de Prazeres predominam os pais e os filhos maiores. Isto é especialmente claro entre as famílias de agricultores. "Pais" e "maridos" são os que mais frequentemente se engajam em "migrações circulares", tendo feito três ou mais viagens para trabalhar em São Paulo, voltando a Garanhuns para estadas de prazos variáveis. Do campo predominam os filhos homens entre os emigrantes, enquanto da cidade são as filhas (e mulheres em geral) que são as emigrantes principais. Uma vez em São Paulo, é mais provável que um emigrante de Garanhuns chame outro membro da sua casa de origem para residir junto com ele. Os emigrantes de Prazeres são menos propensos a usar esta estratégia. Em 1980, 16% de todas as pessoas natas nordestinas morava fora do Nordeste. Quando as mulheres saem para outra região, é mais provável que fiquem fora, e menos provável que estabeleçam um padrão de migração circular. Os migrantes de retorno são sobretudo homens, muitos dos quais saíram para São Paulo ou Rio noivos ou já casados com a declarada intenção de voltar (tabelas 1 e 2).

	Emigração		Migração Circular		Migração de Retorno	
	Recife	Garanhuns	Recife	Garanhuns	Recife	Garanhuns
Total de Migrantes (%)	56.0	59.5	8.5	15.0	49.0	40.0
Homens/total de migrantes(%)	45.5	60.5	76.4	92.3	74.4	79.8
Chefes como migrantes (%)	1.8	2.5	51.2	76.6	55.1	63.8
Filhos como migrantes (%)	30.4	51.3	17.6	16.6	17.3	13.7
Casados como migrantes (%)	31.0	29.4	52.0	80.0	43.8	47.5
Destino (%) São Paulo	63.4	84.9	64.7	100.0	59.2	83.8
Rio de Janeiro	13.5	7.6	-	-	28.6	3.8

Fonte: (Scott: 1984) pesquisa direta

Nota: As porcentagens referem-se a um conjunto de 400 grupos domésticos onde pelo menos uma pessoa do grupo tenha tido experiência com migração inter-regional.

	Recife	Garanhuns
Número de membros por grupo doméstico (média)	5.8	5.8
Média de idade de mulher chefe/esposa	45	45
Nascimentos vivos por mulher (chefe/esposa)	6.2	9.3
Homens para cada 100 mulheres	90	90
Grupo doméstico chefiado por mulher	19.5	12.4
Membros abaixo de 13 anos	42.5	47.5
Número de "filhos" por unidade	3.0	3.2
Número de agregados por unidade	1.0	0.6

Fonte: Tabela 2.1 (Scott, 1984) pesquisa direta

	Recife	Garanhuns
Atualmente chefe do grupo doméstico	69.4	72.5
Volta ao mesmo município	69.4	92.5
Retorno com dinheiro	61.2	61.2
Usa o dinheiro apenas para despesas diárias	20.0	30.4
Razões do retorno:		
Falta de emprego	12.2	22.5
Ganhos insuficientes	16.3	23.8
Saúde própria	23.7	38.8
Saúde de companheiros fora do NE	18.7	15.0
Saúde de membros dos grupos domésticos no NE	30.6	17.5

Fonte: Tabela 6.3 (Scott, 1984) pesquisa direta

Os grupos domésticos esperam que os seus migrantes continuem a mandar ajuda para casa ou que tragam dinheiro na sua volta. Isto é mais evidente em áreas rurais onde a esperança de investir os ganhos vindos de longe nos sítios e negócios acompanha a maior parte das mudanças para São Paulo. Na área metropolitana do Recife, onde os grupos domésticos detêm ainda menos acesso aos meios de produção, o discurso sobre as intenções migratórias ainda inclui o uso de uma noção da "união da família," priorizando o apoio à casa de origem. Este discurso é ainda mais forte entre os grupos camponeses.

Existem muitas formas alternativas de se manter em contato com, e receber apoio de membros do grupo dos que emigraram. Entre elas há cartas, remessas de dinheiro e de objetos e convites para dividir a residência na área de imigração com novos migrantes. Enquanto a maior parte dos emigrantes, e especialmente as filhas solteiras, escrevem, menos que a metade dos emigrantes de fato mandam dinheiro de volta. O dinheiro mandado tem um uso predominante não diferenciado de contribuições regulares de renda, sendo destinados às despesas cotidianas (sobretudo à feira). (Isto inclui 75% das remessas de emigrantes; 87,9% das remessas de migrantes circulares e 79,2% das remessas de migrantes de retorno quando estavam fora). São poucas as contribuições que de fato são usadas para investimento na terra ou na capitalização de negócios. Em Garanhuns quase a metade das remessas destinadas a despesas diferentes que às cotidianas foram destinadas a despesas com os dependentes deixados no local.

Diante dos discursos apresentados, é de admirar que não são os grupos domésticos camponeses que recebem apoio mais regular dos seus emigrantes. O apoio mais regular vem para os grupos domésticos urbanos assalariados. Sem experiência nos mercados de trabalho urbano, os migrantes de áreas rurais não conseguem ganhar tão bem em São Paulo ou no Rio. Somente 8,7% dos emigrantes de grupos domésticos camponeses e autônomos conseguiram mandar remessas mensais para as suas casas de origem e 65,5% não mandava nada. Em contraste, 20,3% dos emigrantes de grupos urbanos assalariados conseguiram

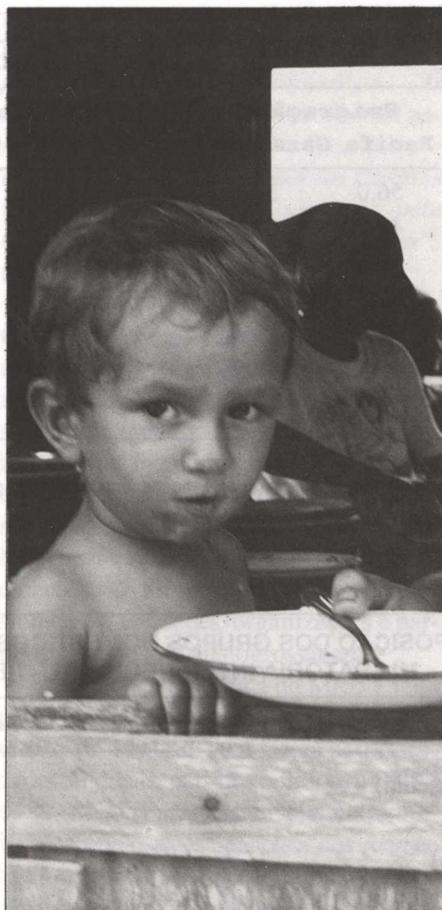


Foto: Pedrão

mandar dinheiro mensalmente. Destes grupos ainda havia 55,2% dos emigrantes sem poder ou sem querer mandar contribuições para casa. As casas chefiadas por pensionistas e aposentados foram as casas que receberam contribuições de emigrantes com a menor frequência.

O oferecimento de dividir a residência com emigrantes novos, frequentemente irmãos, é uma ajuda indireta que reforça outros contatos com a casa de origem. Juntar as rendas de irmãos que co-residem, ou residem próximos uns aos outros, permite a continuação de remessas que em outras circunstâncias poderiam ser interrompidas por causa de desemprego eventual ou despesas elevadas em São Paulo. Novamente são migrantes provenientes de casas de assalariados que usam estratégias de co-residência com mais frequência (28,1% destas casas, contra apenas 19,8% das casas da área rural).

Raramente os grupos domésticos de origem remetem dinheiro ou outras coisas para os migrantes. Quando se manda algu-

ma coisa, ou é dinheiro para resolver algum problema específico (como por exemplo, nos casos extremos, para comprar a passagem para voltar) ou, para fornecer itens que simbolizam a terra de origem, lembranças de casa entre as quais predominam o alimento "nordestino", símbolo máximo da "reprodução" da nordestinidade (Penna 1992, 1994 desdobra esta questão da identidade nordestina).

A migração de retorno é uma das maneiras mais claras de reafirmar a importância do grupo doméstico no lugar de origem. A maior parte dos migrantes de retorno não passaram muito tempo fora do Nordeste: em Garanhuns, a média era de quatro anos com 63% passando menos que três, e em Prazeres a média foi de seis anos com 58% passando menos que três. As grandes dificuldades econômicas passadas fora, as dificuldades de aceitação das condições de vida (frequentemente citados foram problemas de transporte, violência, e solidão) e problemas de saúde foram as grandes razões que levaram ao retorno. Sejam quais forem as razões da sua volta, estes migrantes de retorno voltam para trabalhar e fornecer renda para os grupos domésticos no Nordeste. Decepcionados com as oportunidades de ganhar a vida no Nordeste, investiram bons anos produtivos de trabalho em São Paulo e mais tarde voltam para se reintegrar às atividades econômicas nas áreas de emigração. Em Garanhuns, das casas com alguém com experiência migratória inter-regional apenas 40% tem migrante de retorno, enquanto que em Prazeres este percentual é de 49%. Isto pode ser interpretado como mais uma prova da dificuldade de elaborar estratégias de obtenção de recursos em áreas de campesinato. Para os poucos que voltaram, no entanto, 70% informaram ter investido o dinheiro que trouxeram em melhorias nas condições de vida. Inclusive há indicações que o dinheiro teve importância para alguns se estabelecerem como agricultores de uma forma mais segura da que podiam antes de ter migrado.

Este sucesso relativo destas estratégias migratórias é acompanhado por extrema dureza da parte dos próprios migrantes. Os migrantes de retorno ao campo demonstraram maiores problemas que os que retornaram à cidade. A satisfação com o

emprego e o ganho em São Paulo era menor e muitos sofriam de problemas de saúde (Tabela 3). Os migrantes de retorno em Prazeres voltaram mais frequentemente para ajudar com os problemas de saúde de familiares no Nordeste e queixaram-se menos sobre o emprego, o ganho e a saúde própria em São Paulo e Rio.

Tomando-se em conta os contatos e a migração de retorno, os grupos domésticos mais fecundos de Garanhuns sofrem mais severamente dos efeitos deletérios da emigração. São poucos os recursos obtidos fora do Nordeste que voltam. Localmente, reproduzem-se trabalhadores para serem empregados e superexplorados por empregadores paulistas. Os que voltam, voltam mais desgastados que os que voltam à cidade. Os migrantes de retorno no Recife, são mais numerosos e tiveram mais sucesso em terem remetido dinheiro para os seus grupos de origem. Voltam com avaliações mais positivas das suas experiências particulares e também com mais dinheiro para pequenos investimentos. O contato com o migrante e a reintegração dos migrantes de retorno servem como um contrapeso, mesmo muito leve para os custos regionais da reprodução da força de trabalho para estas casas urbanas.

As migrações de retorno continuam ocorrendo. No início dos anos noventa Amaral (1993) entrevistou centenas de migrantes de retorno e circulares e constatou que as razões para retornarem a Pernambuco continuaram sendo desemprego alto, custo de vida e violência em São Paulo, junto com saudades da família deixada em Pernambuco. Em geral, há indicações de um incremento significativo na quantidade de retornados diante do acirramento da crise econômica da última década no Brasil. A verificação maior desta tendência ainda resta para ser feita. Os dados novos do Censo de 1991 oferecem uma fonte excepcional para contribuir para a análise muito mais detalhada destes processos migratórios. Também são relevantes para a compreensão deste fenômeno a formação de novas rotas migratórias internacionais (Ver Travessia número 21) que mostram a força de reordenações espaciais que envolvem diádes bem específicas como a de Governador Valadares - Estados Unidos.

Considerações Finais

Do ponto de vista dos grupos domésticos de origem, no Nordeste do Brasil ou em outras áreas de emigração, mandar alguns membros de casa para outros locais faz parte da solução do problema de obter recursos em contextos locais desfavoráveis. Os grupos domésticos brasileiros que têm elaborado estratégias migratórias inter-regionais frequentemente têm encontrado obstáculos que pareciam insuperáveis. Em vez de receber remessas e integrar migrantes de retorno mais experientes e mais ricos, muitos nunca ou quase nunca, recebem qualquer ajuda dos seus migrantes, chegando, inclusive, a perder contato com eles. Quando de fato voltam, frequentemente, é como migrantes desiludidos, possivelmente adoentados, com memórias de trabalho árduo, ganho reduzido e aprendizagem de capacidade pouco relevante para as suas atividades na terra de origem. Mesmo assim, há sucessos. Alguns voltam melhor de vida, beneficiando as suas terras, negócios e residências. Outros recebem remessas regulares dos emigrantes que se deram bem longe de casa. Às vezes mandam mais dos seus filhos para procurar emprego. Nestas circunstâncias, é insuficiente conceber a migração como uma atividade malfadada e autoperpetuante, mesmo no Nordeste onde tem predominado a intensificação do papel de reprodutor da força de trabalho. A migração nestas circunstâncias constitui uma tentativa dos grupos domésticos descobrirem um espaço onde os seus membros podem se tornar efetivamente obtentores de recursos. Localmente não é viável. Precisa-se ainda de mais informações sobre como as estratégias migratórias são aplicadas diferentemente em grupos domésticos chefiados por homens e mulheres e por jovens e velhos.

Mas o que fica mais evidente é que cada grupo doméstico precisa descobrir formas em que as remessas e os retornos possam se tornar mais vantajosos, já que não se pode esperar inversões rápidas nos fluxos de migração. Os grupos domésticos que operam em áreas de emigração não têm a mesma flexibilidade para compor-se quanto os grupos em áreas de imigração. Fecundidade mais alta, populações mais

jovens, bem como agregados parentes e não parentes que consomem mais que produzem - estes fatores todos se juntam para formar contextos desfavoráveis à elaboração de estratégias domésticas sem recorrer-se à migração. O esforço isolado de grupos domésticos nunca poderá reverter este quadro. Envolve, sobretudo, decisões nacionais e internacionais sobre a direção do desenvolvimento e o estabelecimento de relações políticas entre regiões com usos diferentes de força de trabalho.

*R Parry Scott é mestre em Antropologia/UFPE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ana Elizabete Perrucci de
1993 "Características socioeconômicas e culturais da migração e do migrante de retorno para Pernambuco," Trabalho apresentado no III Encontro Regional da AIPISA, Recife, julho.
- ARIZPE, Lourdes
1982 "Relay Migration and The Survival of the Peasant Household" em Helen I Safá (Ed.) Towards a Political Economy of Urbanization in Third World Countries. Delhi: Oxford.
- MEILLASOUX, Claude
1977 Mujeres, Graneros y Capitales: Economía Doméstica y Capitalismo. México: Siglo XXI.
- MOTTA, Roberto e Parry SCOTT
1983 Sobrevivência e Fontes de Renda: Estratégias de Famílias de Baixa Renda no Recife. Recife: SUDENE/Massangana. (População e Emprego, 16)
- PENNA, Maura
1992 O que faz ser nordestino. Cortez: São Paulo
1994 "Caçando um lugar: a identidade regional no trajeto da exclusão," Travessia, Ano VII, Nº 19, maio-agosto, Centro de Estudos Migratórios: São Paulo, pág.17-19.
- SCOTT, Russell Parry
1984 Migrações Inter-regionais e Estratégia Doméstica UFPE/SUDENE/CEMO: Relatório de pesquisa.
1986 "O Retorno ao Nordeste - Refugio, Família e Reprodução" em Anais do V Encontro da ABEP Águas de São Pedro: ABEP, pág. 665-698.
1988 "Os custos da reprodução da força de trabalho para famílias em regiões de emigração latinoamericanas" trabalho apresentado no IV Encontro de Ciências Sociais no Nordeste, Salvador.
- TRAVESSIA
1995 Ano VII, Nº. 21 (Emigração), janeiro-abril.
- WOOD, Charles H. e José Alberto Magno de CARVALHO
1993 A Demografia da Desigualdade no Brasil. Vol 27, PNPe/IPEA.
- WOORTMANN, Klaas
1984 "A Família Trabalhadora", Ciências Sociais Hoje. São Paulo: ANPOCS/CORTEZ.

“Eu morria de saudade de ver as quaresmeiras”

No dia 13 de abril passado, após o expediente de trabalho, um nisei, mais de documento do que de semblante, pai de família, 49 anos, administrador de empresas, morador do Bairro Campo Limpo da cidade de São Paulo, ao invés de retornar para sua casa dirigiu-se à redação de Travessia. Finalidade, uma entrevista. Mordomia nossa? Muito mais gentileza dele.

Eram por volta das 19 horas quando começamos o papo; surpresa foi quando olhamos para o relógio: quase meia-noite! É verdade que ele se havia acostumado a fazer muitas horas extras no Japão, mas foi preciso interrompê-lo. Não fosse a distância da residência, o gravador rodaria por muito mais tempo. Foram momentos de escuta, sorvidos pelo Sidney e eu, em que o tempo transcorria imperceptível.

Sérgio Kamada, este o seu nome, que já havia matado a saudade das quaresmeiras - na confissão que nos fez, segundo suas próprias palavras - não conseguiu driblar a emoção ao reviver sua experiência de migrante retornado.

Infelizmente, por motivos de espaço, não foi possível transcrever toda a conversa. A tarefa mais difícil, de proceder a uma seleção, foi delegada ao Dornelas, e a entrevista ganhou forma de fala.

Na fala: Sérgio Kamada

Na escuta: Sidney Silva e Dirceu Cutti

A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA

Eu sou filho de Yochitaro Kamada e meu pai nasceu aos 06/06/1899, no Japão. Quando completou por volta de 20 anos de idade, durante o período do recenseamento do arroz, ele foi um dos voluntários a deixar o país, por solicitação do imperador, e tomou o navio pra vir pro Brasil.

(...)

Fizeram uma estimativa de que o arroz não daria para todos, na ocasião, e muitos teriam que deixar o país para o próprio bem dos que permaneceriam. Meu pai era violinista e tinha uma vida muita boa mas decidi, não sei muito bem porque, ser um dos voluntários e embarcou no navio e veio desembarcar aqui no Brasil. Inicialmente ele ficou na região de Sorocaba onde trabalhou, como todos os japoneses, na terra, como lavrador.

Como todo japonês, meu pai também mudou muito de cidade porque na ocasião havia a história de que aqui era melhor ou ali era melhor. E sempre em busca de se adaptar melhor ele acabou fazendo várias mudanças. Uma coisa importante que eu queria falar é que ele deixou o Japão com um segredo: que este corpo, fabricado por Deus, ele se acostuma a qualquer trabalho forçado e a qualquer clima. Esse era o segredo dele, que ele poderia se esforçar, trabalhar e se matar que o corpo se acostumaria. E foi assim que ele acabou decidindo vir como todos.

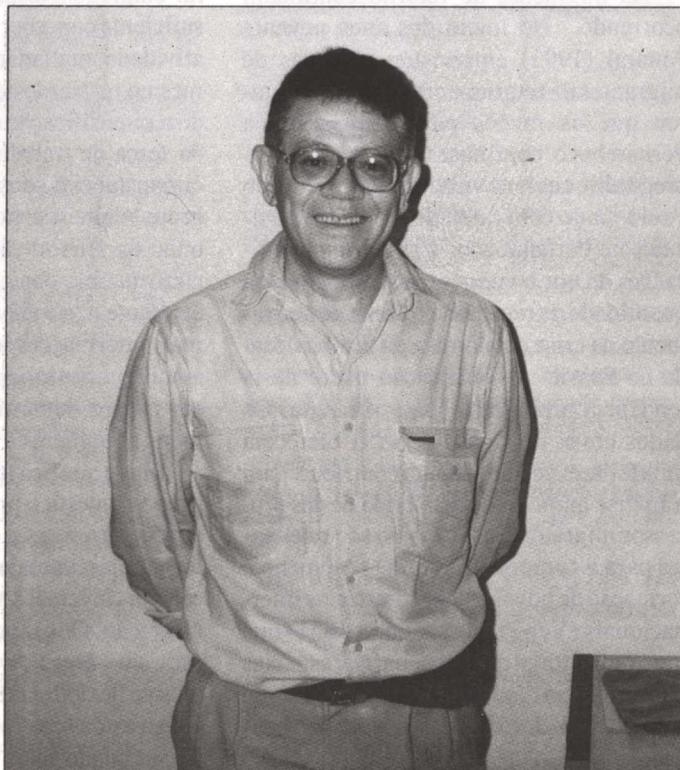


Foto: Sidney Silva

Uma parte dos meus irmãos nasceram em Sorocaba, outra parte em Piedade, e daí ele deve ter mudado para mais umas duas cidades antes de chegar em Taubaté, onde eu nasci. E lá ele permaneceu um bom tempo. Os filhos menores foram crescendo e já mudando para a cidade grande, pra São Paulo, todos estudados, em trabalhos melhores como escritório, mecânica e serviços afins, melhorando o nível de vida. E meus irmãos acabaram transferindo ele do campo para a cidade.

Ele sempre tinha uma grande saudade de voltar para o Japão. Um pouco da doença dele, minha mãe sempre dizia, tinha a ver com a saudade do Japão, daquela cultura, do nível que ele tinha lá, da vida que ele tinha lá... E ele expressava muito esta saudade do Japão através das músicas tristes que ele tocava no violino que fazia toda a família chorar. Isso aí, eu que era novo na época, ainda lembro muito das canções de violino dele. Mas ele perdeu um pouco da saudade logo quando os amigos dele que estavam no Brasil e que já tinham retornado, já estavam de volta pro Japão e já tinham se despedido dele pra ir embora definitivamente - e ele tinha esperança de um dia também voltar pro Japão levando toda a família -, estes amigos, chegando lá no Japão, encontraram um Japão de pós-guerra totalmente diferente. Já não encontravam nem a família mais.

Estes que retornavam, acabavam não encontrando mais os amigos, conhecidos, pessoas iguais a eles; um Japão totalmente diferente, com uma estrutura familiar totalmente diferente, que era o Japão do pós-guerra. Então, esses amigos, voltando contavam que agora dava saudade era do Brasil. Eles haviam acabado construindo aqui no Brasil o lar deles, com família e tudo o mais. Então meu pai acabou se tornando um pouco mais alegre, e veio pra São Paulo e o trabalho dele foi então tocar samba no violino de forma um pouco mais alegre. E aqui ele faleceu de câncer e a família continuou normalmente levando a cultura japonesa. Até os sete anos de idade eu falava muito pouco em brasileiro, muita coisa em japonês e eu não sabia distinguir o que era japonês e o que era brasileiro. Foi exatamente a escola, o primário, que foi orientando para distinguir o que era brasileiro e o que era japonês.

A VIAGEM PARA O JAPÃO

Estava trabalhando. Eu era administrador de empresa, sempre fui. Aliás, sempre não, mas há muito tempo exerço o cargo e vinha exercendo também na ocasião e no final, em 30 de novembro de 1991, quando tive a primeira esperança de poder voltar para o Japão, eu pedi a conta. Mas aí levou meses até eu provar que era realmente japonês. Pois, desde 89 que estava tentando me alistar e não conseguia porque, como não tenho nada parecido com japonês, eu me alistava e dizia que era japonês e queria ir para o Japão e os entrevistadores falavam assim: se o senhor é japonês eu sou Napoleão! Você não tem nada de japonês! No final, depois de muita insistência, consegui formar toda a documentação exigida, que seria o passaporte do meu pai, documentos do meu pai, tradução de todos esses documentos, provar que meu pai só teve uma esposa, que foi casado, examinar pra ver se meu pai não era casado no Japão, porque se ele for casado lá, vier aqui e se casa e tem um filho não tem direito, perde o direito. Depois de exigirem toda a documentação e depois que eu estava seguro que ia pra uma

agência honesta - que é uma agência da própria Isuzu Motors do Japão -, sabendo que eles realmente trabalhavam pra própria empresa que eu ia trabalhar no Japão, já com promessa certa de contrato de trabalho lá, então eu decidi. Saí como turista daqui pra depois obter no Japão o visto de trabalhador.

Parti na ilusão de que poderia levar minha esposa, breve, meu filhos; eu tinha uma filha, na ocasião com dezesseis anos, e um filhinho de dois. Uma separação com a família, com a esposa, seria bastante difícil, mas como pretendia ficar pouco tempo, um ano a dois no máximo, ainda iludido de que se poderia dentro de três, quatro meses levar também minha esposa e filhos, eu decidi ir mesmo. E também pelos ganhos lá que eram altos na ocasião, três mil e quinhentos a quatro mil dólares, com hora extra e tudo. E aqui, também, no Brasil, se enfrentava um desemprego violento. Então, todos os empregos, embora eu fosse administrador experiente e tudo, os salários aqui eram bastante baixos mesmo. E tudo isso, uma vida melhor, acabou me convencendo que lá seria melhor. Nas continhas que eu fiz daria pra mandar dinheiro pra família viver bem, guardar uma boa bolada e viver bem lá. Tudo era um encanto! Tudo era uma maravilha!

A CHEGADA

No início foi tudo bem, uma maravilha! Uma viagem espetacular, principalmente porque a gente passa por outros países ocidentais, os Estados Unidos, e então é tudo uma beleza! Mas chegando lá, já no aeroporto de Tóquio, ou de Narita? é de Narita, já é o grande primeiro impacto. Como todos os que vão, poucos sabem da língua japonesa, e leitura zero, já começa o grande impacto. A gente não consegue ler nada, é quase tudo em japonês. O local pra onde a gente vai se dirigir é por seta, a gente segue seta na tentativa de chegar em algum lugar. Me falaram que era fácil encontrar a minha empresa porque havia um tradutor me esperando com uma bandeira da empresa, levantada! E eu fiquei mais de duas horas perdido no aeroporto porque não conseguia nem ler o que era saída, o que era entrada, nada. (...)

Só havia setas...setas, chegando ao cúmulo de seguir uma seta até bater numa porta que era fechada, sem saída! Quando eu parei na seta, vi que tinha outras pessoas me seguindo, seguindo a seta. Aí eu falei em português e eles também eram brasileiros, de outras cidades aqui. Aí juntou uma turma de seis procurando o mesmo bendito tradutor que esqueceu de levantar a bandeira. Como o aeroporto já estava mais ou menos vazio, em seis tentamos localizar e começamos a distinguir outras pessoas que não se pareciam tanto com japonês e que tavam sem fazer nada no aeroporto. Aí sim, o grupo que já somava aproximadamente umas vinte e cinco pessoas, que já estava acumulado procurando o tradutor, ele me viu, e viu que eu não era japonês, eu que acabei me identificando, ele viu e levantou a bandeira. Aí ele contou quantos estavam lá, eram só homens, não tinha mulher, porque senão os cuidados seriam maiores, porque mulheres, geralmente, sofrem o perigo de serem raptadas no aeroporto mesmo por quadrilhas já especializadas em raptos de mulheres, onde eles tomam o passaporte e obrigam a fazer trabalhos paralelos no Japão. Coisas como prostituição, tráfico de drogas, tráfico em geral, revistas pornográficas, filmes pornográficos, toda essa área

ligada à máfia japonesa - **Yakusa**.

Bom, nos primeiros dias eu não notei muita diferença, ou seja, eu estava habituado com comida japonesa, mas só que quando eu pedia comida à vontade, não tinha! Era só o **gohan** (arroz pronto para ser servido) mesmo. A comida é muito racionada lá, a gente percebe que a reserva de alimentação do Japão é bem escassa. Não é tão à vontade, abundante quanto é no Brasil. Nos primeiros dias nós tivemos aulas de costumes japoneses, fomos morar num alojamento, pra homens, porque lá existe a grande diferença de alojamentos de homens e de mulheres. Continua ainda, no Japão, o controle da natalidade iniciado já na época do meu pai e, até hoje, ainda continua um grande controle. Homens morando num alojamento, e grande, nosso alojamento era de cinco mil pessoas, e outros alojamentos só para mulheres, sem perigo de mistura e nada. Fomos morar no alojamento e recebemos as primeiras aulas de costumes japoneses e também já começamos os grandes impactos. Acho que até meu pai estranharia os atuais costumes. Os costumes de antes da guerra e pós-guerra estão totalmente diferentes, a gente nota isso e, principalmente, de constituição familiar. Eu morava num alojamento e, de início, pensava que só eu ou só nosso grupo morasse. Não é não! Depois percebemos é que a grande maioria de japoneses, aos quatorze anos já vão pra alojamento e acabam se desligando da família. Uma muito pequena faixa da população é que continua morando em família, mas a maioria já mora em alojamentos mesmo.

Aos quatorze anos, quinze anos, o japonês já vai pro alojamento da escola e depois daí pro alojamento do trabalho definitivo e a visita à família se torna escassa, escassa, e quase há uma perda de contato. Pudemos perceber isso com grande clareza porque também tínhamos lá companheiros japoneses. Meu chefe, em um ano e meio, tinha visitado a família uma vez, o que pra nós aqui seria até um absurdo, não é?! morando próximo, lá, porque o Japão em si é pequeno, o Japão inteiro é do tamanho do Estado de São Paulo.

(...)

Dormiam quatro num apartamento de mais ou menos quatro por quatro. Agora, como daria para caber quatro? Dois durante o dia e dois se revezavam à noite. A fábrica já é conjugada com o alojamento, de forma que se te mudarem o horário na fábrica, eles vão te mudar também de alojamento. Então, você está em dois Japões diferentes, um no diurno e outro no noturno. Isso a gente aprende também logo no início dos costumes, que você vai ter o teu **hantai-ban**, que é o teu oposto, que você nunca vai encontrar, que você nunca vai ver. Você vai ver vestígios dele, só vai poder se comunicar com ele através de bilhetinhos, mas você nunca vê o rosto dele, e ele faz exatamente o que você faz. E a gente soube que a maior parte do Japão, noventa por cento, segue o mesmo ritmo: tanto restaurantes, como fábricas, como comércio, como..., tudo, tudo ...

O TRABALHO

A expectativa daqueles dias era muito grande, era uma expectativa em que eu lembrava do segredo de meu pai, que o corpo se acostuma a tudo, mas eu, como administrador, e outros colegas, também, ficavam numa grande expectativa. Muitos nunca tinham tido experiência com trabalho braçal. E o trabalho era feito por sorteio, quem caía na fundição ou num trabalho mais pesado ou menos pesado, era por sorteio. O presidente da empresa é que iria selecionar, na hora, no ato, no primeiro dia, aquele que faria o quê. Aquilo era até engraçado porque chegava e dizia: fulano vai pra cá, cicrano vai pra lá. Bom, por que aquilo era assim? Ninguém sabia! A gente procurava sempre saber através de um chefe maior mas ninguém podia garantir pra onde a gente iria trabalhar.

(...)

Quando se vai ao banheiro acende uma luzinha, toca um alarme, e isso incomoda muito, então você não precisa de supervisor, nem nada, você sai correndo mesmo. E outros tipos de supervisão que são feitas no Japão e que é diferente da supervisão daqui. Lá

existe o profissional, acidentado do trabalho, que ele recebe o cargo de olheiro; ele vai marcar se você sentou ou se abandonou o trabalho ou alguma coisa desse tipo de natureza e ele vai apontar e vão efetuar o desconto disso em folha mesmo e talvez perda de prêmio. Isso é muito comum em todas as fábricas do Japão. Aqui, o que a gente chama de olheiro, que é um traba-

lho vergonhoso aqui, mas lá, com o tempo a gente aprende que é um trabalho normal, uma rotina normal. Os olheiros passeiam em bicicleta e têm a função de acompanhar o pessoal que está em experiência, principalmente. Durante os primeiros meses ele tem que visitar a todos e ver se eles estão realmente trabalhando e naquilo que se comprometeram trabalhar. A gente sofre essa olhadinha que pra eles não é supervisão de chefia não!

(...)

O salário é quase equilibrado, sabe! Serviços assim: de escritório, administração, é de mil e oitocentos dólares, não passa disso, porque é um trabalho limpo. Eu tentei outros tipos de trabalhos, como o de solda de terminais, solda de cabos, em firmas americanas, mas não compensava em matéria de rendimento. Porque pra trabalhar com solda você senta e então passa a ser um trabalho não considerado pesado; é trabalho limpo, porque você vai usar um avental e não é perigoso porque você pode usar uma máscara, e a solda mesmo ela não exala nada.

(...)

Depois de quatro meses que eu já tava lá, e já tinha um pouco de experiência, tentava, como outros que nunca estão satisfeitos e acham que podem encontrar um trabalho melhor, e começa a migração de um pra cá e outro pra lá! Os próprios brasileiros que

estão permanecendo, eles já passaram por vários tipos de trabalhos na tentativa de encontrar algum com que vai se adaptar melhor. Mas essa busca é sempre em vão, é sempre pra pegar trabalho sujo, perigoso e pesado.

(...)

...Depois, quarenta e cinco minutos pro almoço. O rigor é tanto que quando a gente é sorteado para um trabalho, há um grande grito de alegria quando um camarada pega um trabalho de um setor próximo ao restaurante ou próximo ao banheiro. Ele vai ganhar tempo e descanso com isso e ele vai poder aguentar mais do que os outros. Tudo isso é contado. E o meu trabalho ficava exatamente a três minutos do refeitório, e isso já era motivo de alegria porque possibilitava chegar rápido e sentar e descansar um pouco mais pra voltar à rotina dura, do trabalho da tarde, e desgastante. Carregar peso, levantar caixas... Nunca é mais que vinte e cinco quilos, uma caixa de lixo, de material de fagulhas de metal, essas caixas nunca pesam mais que vinte e cinco, mas imagina carregar cinquenta vezes essa caixa até o lixo!!! E isso é um dos tipos de trabalhos que você faz lá dentro, além de carregar essas peças pra lá e pra cá, o resto do lixo você tem que pegar e limpar o chão, acondicionar peças em carrinhos adequados, somando mais ou menos uma produção diária de mil eixos, aproximadamente, ou mais de mil, dependendo do volume de horas extras.

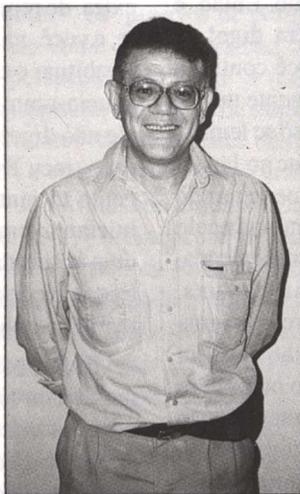
(...)

Eu, por sorte, fazia duas horas e meia extras por dia. Deixa te falar: quando um japonês gosta de um funcionário, ele dá mais trabalho, portanto, maior ganho! E eu devia agradecer muito por isso, embora, na hora tinha vontade de chutar tudo pro alto, mas tinha que agradecer muito porque ele tava contente com o meu trabalho e então ele resolveu me premiar com mais de duas horas de extras. Se ele tivesse descontente, ele daria só o expediente normal, ou quinze minutos, ou uma hora, ou uma hora e quinze, pois é contado minuto de hora extra.

O LAZER

Existe, existe! E é assim, tão relâmpago, porque lá a gente pega o hábito de japônes também, de comprar uma filmadora e fotografar tudo o que vê, e é um hábito que a gente acaba ficando até fanático por ele. Mas há, há encontros. E eu também participei. Entretanto, normalmente se dá pra cada um apenas um descanso de um sábado e um domingo juntos, no mês. Não venham me dizer que alguém ganha mais do que isso! Se for verdade é porque não ganhou as horas extras dele, tá relaxando, ou acabou se pendurando na Previdência. Também existe isso, do camarada que vai pra lá e acaba se pendurando na Previdência. E outra, vamos contar também que vai dois tipos de japonês pra lá: aqueles que vão com um objetivo, como eu fui, mas existem também aqueles que são verdadeiros encostos da família japonesa aqui no Brasil, com vícios gravíssimos, não trabalham nem nada, e acabam conseguindo uma documentação pra eles e mandam pra lá. Esse aí vai

fazer lá o que fazia aqui e acaba arranjando um meio de pegá um gancho na Previdência e aí ele tem o tempo livre todo pra organizar tudo o que ele quiser lá. E esses aí até acabam sendo de forma útil, organizavam reuniões, pois na GM, lá tem um clube, e nesse clube tinha campo de futebol de salão, tênis de mesa e tudo. Eles organizavam os times pra jogar de domingo e eu fui jogar e nesse jogo tem aquele churrasquinho rápido lá, aquela cerveja de lá mesmo e tal. A gente fazia, mas é tão rápido, porque veja só, no fim-de-semana é o dia da troca de turno. Se você trabalhou durante o dia no sábado, você vai tá bem pra jogar, mas vai ter que se cuidar porque à noite vai pegar no serviço. Porque lá tem a antecipação da segunda, que começa no domingo à noite. Enfim, resumindo tudo, você tem metade do time que tá voltando do trabalho e outra que tem que ir pro trabalho com a preocupação de ir pra casa correndo e dormir senão não vai dar conta do serviço. Então a gente acaba matando a saudade de jogar futebol, futebol de salão se jogava muito lá, mas era tudo muito rápido, com fotos e filmes e daí a pouco todo mundo se despede e ninguém queria ver o outro mais e cada um correndo de volta pro seu objetivo. É claro que a



fita permanece como uma grande festa, bebedeira, todo mundo se reunindo, os amigos, mas mal você vai lembrar depois se você não rever a fita. Existe, então, o lazer, existem até os barzinhos lá, frequentados por brasileiros. E muitos, antes de voltar correm e passam lá pra festejar, mas são todos momentos, não é uma coisa habitual, constante e de mesmas pessoas alegres. Não é aquela alegria normal que existe aqui no barzinho, onde a gente pode estar lá, pelo menos uma vez por mês, estar lá à vontade, voltar pra lá e praticar isso. São passagens, é um movimento que começou e até pode acontecer de cento e cinquenta mil brasileiros passarem por lá, mas uma vez só, e nunca mais! E outra, lá a gente tem consciência disso. Se a gente for lá é uma vez pra conhecer e nunca mais.

(...)

Claro que estavam fazendo em algumas cidades grandes propagandas em cima da possibilidade de brasileiro trabalhar e aquilo seria muito veiculado. Mas nunca mostrariam o geral mesmo, o resto ia pastar grama mesmo e não ia ter essa chance nunca, porque é pra ser levado a ferro e fogo mesmo. Como eu, com a minha cara de brasileiro que tenho, quando eu entrava num supermercado, eu era notificado via altofalante, e eu me acostumei com isso rapidamente, e não ligava muito, e não foi isso que me maltratou não, era notificado e vinha um segurança pra me acompanhar, porque o brasileiro tinha fama de ladrão. E o segurança disfarçava? Não! Pra todo mundo ver, (Sérgio se levanta da cadeira e reproduz a postura do segurança), ele andava nessa posição, com todo o respeito, porque ele também tem um pouco de medo de brasileiro, e eu com minha cara assustava mais (risos), na distância de dois metros. Se eu parasse pra olhar um chinelo, ele ficava atrás e me acompanhava pelo supermercado todo, nessa posição, até que eu desistisse, e me acompanhava até a porta. E isso na minha cidade era comum, como em todas as

outras cidades onde estiveram colegas meus, exceto onde tão fazendo propaganda de brasileiros, porque lá o supermercado já tá em português, o trabalhador lá é brasileiro e tudo o mais. Mas isso é uma propaganda, que existe mesmo, visivelmente, clara, pra atrair mais pessoas pra lá e mostrar que eles não tão mentindo não! E quando se contrata aqui, falam assim: **gohan** à vontade! O que você entende? Oh, comida à vontade! Chega lá e não, arroz branco à vontade!

A ROTINA

Pra passar o primeiro dia, ele parece a vida toda, porque no fim do dia o desgaste é tão grande! tão grande! carregar toneladas e toneladas, ficando o dia inteiro em pé, e não pode parar, correndo pra cá e pra lá atrás da máquina, porque a máquina são robôs, tornos automáticos e trabalham com tanta rapidez e você tem que acompanhar de qualquer maneira e ter aquela habilidade de não estragar peças, de dar conta do teu trabalho, que um dia acaba parecendo mais de um ano. Você sai mais ou menos entorpecido pelo trabalho com vontade de chegar em casa rápido e jogar tudo fora, tirar o macacão..., tudo incomoda, até o sapato de segurança, o capacete e luvas..., e voltar a ser o que você é mesmo. Então, é um desgaste violento. Pra passar uma semana, nem digo! Já parecia centenas de anos porque no dia seguinte você continua entorpecido ainda. Você acorda pelo alarme, aliás, a gente mal se lembra como chegou no primeiro dia no alojamento, só se lembra que você seguia a massa. E é fácil seguir a massa porque no Japão, devido ao seguro de acidentes de trabalho, você tem que seguir do alojamento até o local de trabalho por uma trilha determinada pelo seguro. Então você é obrigado a andar pela mesma calçada, atravessar sempre a mesma faixa, seguir por determinada faixa, atravessar determinados faróis todos os dias, numa rotina constante, corredores, e etc. Se tiver um acidente de trabalho no outro lado da rua, que você atravessou pra comprar cigarro ou pra dar um telefonema, ou pra tomar água, qualquer desvio o seguro não vai te indenizar por isso. Portanto, pra chegar ao trabalho ou retornar pra casa, é seguindo a trilha mesmo ou a orientação que deram nos primeiros dias que mal você conseguiu prestar atenção.

Bom, os primeiros dias você tá tão preocupado em acostumar o corpo, que é o primeiro objetivo, acostumar o corpo ao trabalho, que você mal tem tempo de pensar na bendita saudade. E quando eu saí daqui pra lá, eu pensei: puxa vida, saudade é um sentimento! Isso aí é só aguentar e depois passa. Mas não é nada disso! Depois que o corpo acaba, isso foi uma verdade de meu pai, viu! castiguei o corpo e perdi dez quilos, exatamente! nas três primeiras semanas. E no final cheguei até a passar mal com isso.

A SAUDADE

Quando você tem o primeiro descanso daquela primeira semana, quando tem tempo pra pensar, a saudade bate de tudo, de todas as formas, de todo jeito e a gente começa a comparar a vida que tem lá com a vida daqui, que são os valores, a diferença de valores! Por exemplo, o que a gente gosta aqui, coloca em primeiro e segundo lugar, nota que lá é diferente. Ai começam os choques. E a gente vê porque os outros começaram a entrar em crise lá. Já

nos primeiros dias tem saudades do pãozinho daqui cortado da maneira habitual, cortado no meio, lá nunca você vai receber um pãozinho assim, ele vem cortado de atravessado. Então, toda manhã você come um pãozinho diferente, normalmente frio, se você quiser. Se não, tem que habituar a uma refeição logo pela manhã, às seis horas. Já começa, então, a dar saudade das coisas. Família? Família já deu na primeira semana. Recordações! Saudades dos filhos! E o entorpecimento da coisa, quando bate a saudade, começa a bater com maior força! Você acaba cheirando a tua mala, você acaba lembrando do Brasil e aquilo começa a te abater de forma muito forte. E chegando aos sessenta dias, tem pessoal que chegam à crise emocional violenta mesmo. E eu cheguei numa delas, sabe! Eu já estava bastante magro, já sonhando com o cheirinho do café daqui, a falta da esposa, a falta de coberta meu Deus do Céu! Lá, até cama é diferente! O hábito do Japão, lá, é dormir em cima de um acolchoado e se cobrir com outro!

E a dificuldade de se acostumar ao trabalho, pois é uma semana diurno e outra noturno. Na hora que você se habitua, no fim da semana você tá bem no trabalho diurno e cumprindo a hora extra, de repente vem um descanso semanal, um descanso somente, e você, na outra semana, tem que começar o trabalho noturno. Reabituá-lo o corpo a dormir de dia e trabalhar à noite. Almoçando à meia-noite, e aquilo parece um almoço de ressaca, o estômago, ele não digere, não aceita; acostumar a um jantar logo de manhã cedo, meu Deus do Céu! Pra gente é estranho! E na hora que a gente tá jantando, tamos jantando junto com aqueles que tão iniciando um trabalho, porque lá são três refeições durante o dia, uma às seis da manhã, outra meio-dia e outra às seis da tarde. São três refeições somente, sem o cafezinho daqui. Lá o cafezinho da manhã é **gohan**, com sopa, já é diferente daqui!

Então, os hábitos, tudo isso, começa a bater a saudade que eles me diziam lá, **sabishii** mesmo, é a saudade violenta que bate. E essa saudade é tão forte, de tudo o que existe aqui, que a gente acaba ficando num estado, em tamanha depressão, que começa a afetar batimento cardíaco, pressão, crise de choro, queda de potássio e tudo, e eu acabei parando, por volta dos sessenta dias, pela primeira vez no médico. Fui, praticamente, arrastado, porque comecei a ter pesadelos e sonhos do Brasil... (Choro)

(...)

É uma saudade inexplicável, sabe! Ela é uma saudade que chega de fundo e te domina até nos sonhos. Você passa a ter sonhos em forma de pesadelo com coisas que você nunca imaginou na vida. Formas que você nunca pensou em ter! E o abatimento vem no corpo também, ele passa a sentir tudo aquilo. Quando você vai pro trabalho, todos percebem que você está naquele estado. E esse foi um dos impactos que eu estranhava. E os japoneses sabem da saudade dos brasileiros. Tanto é que eles dizem pra nós, nas aulas de costumes, que temos que aguentar os primeiros sessenta dias, porque depois disso passa. Mas como eu tinha que seguir pela mesma calçada, para o trabalho, eu cruzava com aqueles que tavam voltando do trabalho. A expressão daqueles que tavam voltando era tão horrível, tão feias, de olhos inchados, sombras violentas nos olhos, corpos emagrecidos, que choravam já desca-

radamente na rua, que você acaba tendo uma má impressão, pensando: puxa! esse aí deve ter deixado alguma coisa grande no Brasil! E pensava: quando eu cheguei eu devo ter deixado também alguma coisa de grande no Brasil, alguma coisa que não tou entendendo, sabe?! Mulheres? Dá medo! Porque elas são as que mais sentem mesmo e você mal consegue conversar. Na verdade, você tenta muitas vezes ajudar, mas os hábitos japoneses são de nunca conversar com mulher, elas são classificadas com valor lá embaixo! De valor, primeiro, pros japoneses, dizem eles que é Deus! Depois o trabalho e depois os bens materiais, carro..., e isso abertamente, publicado! Carro e aquilo que ele conseguiu de posses, e depois o filho homem; mulher nem tá na lista deles, nos primeiros! Mãe? Pai? Nem se comenta! E isso também é um grande choque pra gente que chega e acaba entristecendo bastante.

CHOQUE DE VALORES

O que a gente notou, é que é independente de qualquer coisa, mas também a gente notou que existe uma pequena faixa de japoneses, mas muito pequena, que ainda vive em família. Então, claro, essa mulheres devem ter um tratamento diferente ou nem saem na rua, ou são proibidas até de sair na rua, de conhecer o mundo em geral ou de ter qualquer tipo de cultura.

(...)

Todos os japoneses que tinham uma mentalidade mais aberta, na minha opinião, acho que todos já saíram de lá. Então, a discriminação é grande. O japonês discrimina tudo, tudo, tudo..., até entre eles a discriminação é grande e a gente procura relevar, não ligar muito pra isso. A gente acha que vai superar tudo isso, mas quando se vê uma discriminação a um outro ser humano, a gente já começa a sentir, puxa vida! Se você é discriminado, você já não liga, porque já tem um monte de palavras que te ajudam a superar; ah! eu tô aqui por causa dos meus dólares, esse cara que vá pros quintos dos inferno e até já dá uma xingada em português mesmo, ele não entende! Você releva! Entretanto, o teu semelhante, um outro, vai sentir, e é isso que às vezes a gente não leva em consideração. Se você vê um outro colega seu sendo maltratado, você acaba interferindo porque teus valores internos você não muda. Você pode enganar, pode tapiar e tudo mais..., mas tem muita coisa que você não muda, até o ponto de você sentir saudade de Igreja católica. Pergunta se aqui no Brasil eu vou à Igreja todo domingo? Mas a minha casa eu já sinto que é uma igreja, formada de acordo. Eu posso chegar na minha cama, sozinho, e eu vou orar. No Japão, você não tem essa liberdade!

(...)

A saudade dos primeiros sessenta dias foi muito grande que eu cheguei ao ponto, de quando tava voltando do trabalho, à noite, e passava pelos novatos, eu notava que já me olhavam com piedade. Eu já apresentava um sinal de emagrecimento bastante forte, olheiras profundas, já não continha as lágrimas, o choro..., então eu notava que já estava igual àqueles que tinha visto no início. Eu rezava muito pra tentar superar aquela fase tão amarga, tão violenta que parecia que estava às vésperas da morte ou de algo muito grave. (Novamente um silêncio)... Mas, também, senti

muita falta na ocasião de poder orar, de um local privativo, eu pedia por uma igreja, alguma coisa assim, de forma que eu notei também que outros colegas se encontravam nas mesmas condições. E chegamos até procurar uma igreja semelhante lá, pra gente ir lá conversar com padres, bater papo, expor nossa situação e chorar à vontade!!! (Silêncio) E eles expressaram que nós estávamos sentindo muita falta de Deus, que parecia que Deus não chegava do outro lado do mundo, ou alguma coisa assim; piadas a esse respeito existem em quantidade muito grande.

(...)

Eu tinha um tradutor no quarto, por isso que eu era bastante privilegiado, que tudo o que eu não entendia em japonês eu tentava conversar com ele, e aí sempre havia o choque de valores e muita dificuldade e ele traduzia tudo, mas existia muita coisa que não se traduz, que é aquilo que eles entendem que é o quê, sabe! Aquilo que eles classificam como só sendo classificação de valores e não discriminação, pra nós não, pera aí, aí mexe com valores universais. Pra eles não, o orgulho tá numa faixa muito acima, a humildade pra eles é uma coisa bem diferente! A nossa é perante Deus e perante ao semelhante e tudo. Lá não, é uma confusão! Chega até a embaraçar a gente sobre o que é o quê, embora eu veja o embaraço de todos os outros até pra explicar; eu tenho até muita dificuldade pra explicar o que a gente sente no fundo da gente. Mas a gente sente assim que vai morrer longe de tudo, no esquecimento, longe da família e sem poder voltar correndo... (choro)... e explicar pra todos o grande mal que a gente acabou fazendo depois de uma separação destas. (silêncio) O sonho de meu pai, eu mal conheci meu pai, e um dia sonhei com meu pai. Aí falei pra ele: Oh! Você falou pra gente que o corpo acostuma a tudo mas não falou da cabeça! E numa crise dessas, eu que nem lembrava mais bem da imagem do meu pai, ele apareceu pra mim meio nervoso dizendo: Meu filho, eu saí daqui e estava bem, deixei todo o dinheiro do mundo pra constituir minha família e deixar vocês livres disto e você volta pra cá (choro) por causa do dinheiro!!!... (choro).

"O BOM AMIGO JAPONÊS"

Nessa fase eu cheguei num ponto tão grave que..., como os valores dos japoneses são diferentes, então eles pensam assim: como o trabalho está em primeiro lugar, é o máximo, se um amigo meu não está conseguindo exercer esse trabalho, eu devo ajudá-lo, seja de que forma for. Então, eu senti que um dia, já esgotado do meu trabalho, na hora do intervalo de trabalho, alguém me ofereceu um copo de refrigerante diferente daquele que eu tava acostumado a tomar no meu intervalo de cinco minutos. Quando cheguei na mesa, vi um copo e o tradutor falou: Olha, isso aqui foi deixado pra você e falaram que foi um amigo que deixou! Eu peguei aquele refrigerante, que parecia normal, e tomei. Mas aquilo tinha algum estimulante que me deu um vigor maior. Voltei do descanso trabalhando mais do que qualquer um, cantando, praticamente, e notei que alguma coisa estava estranha. Há várias semanas eu já estava quase sem sentir o corpo, entorpecido!, como qualquer pessoa que volta do Japão expressa. Parece que a gente tá trabalhando no fundo do mar e vê o mundo através

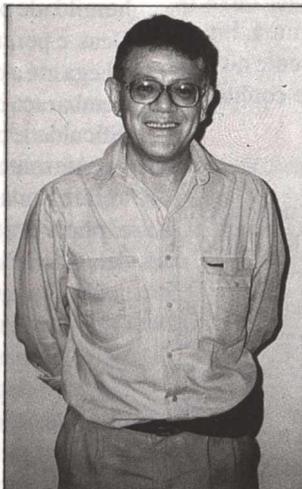
de uma máscara submarina. Só vê em frente e mal percebe, mal sente, e só vê a mão da gente subindo com martelo, com chave de fenda, pegando peça, como se aquelas mãos não fossem da gente. Sabe, a gente mal vê, os ouvidos da gente param de ouvir por muito tempo, a vista se reduz, o campo de visão se limitando apenas a um pouquinho de centímetros à frente da gente, a vista também encurta bastante, o senso de responsabilidade de ter que vencer, não poder fracassar, não deixar a família em maus lençóis, de contrair dívidas, de fracassar..., é uma série de coisas que a própria natureza da gente e a própria educação deu, e o preparo durante a viagem - o fracasso... o fracasso! Se você voltar, Deus me livre! Nem pensar nisso. Você fra..., outro tá muito bem lá no Japão, então aquelas histórias... que você acaba tentando se esforçar o máximo naquele sentido. E um copo daquele, mal percebi que devia ter alguma coisa, de repente a visão se abre, o teu corpo se reanima muito mais do que o normal. Passei a trabalhar com gosto, quase assobiando e músicas brasileiras vieram à minha cabeça, cantei ao ritmo normal de música e parecia que tinha passado toda aquela fase, chegando ao ponto de eu ser tão rápido com as minhas peças de eu pará e olhá em volta e achá aquele meu trabalho bonito, as peças bonitas! De repente, tipo cinco horas da manhã, eu fiquei até meio encantado com a luz do sol que penetrava pelo teto da fábrica, pois já tava amanhecendo, com aquele monte de pó que antes eu via que era poluição violenta, e aquilo tudo com brilho metálico! Cheguei a olhar com encanto, achando tudo bonito! Ah! o sol! Que beleza! E voltei diferente pro alojamento e, momentaneamente, achando que tudo aquilo que eu tinha passado já tinha me acostumado e iria vencer. Alguns dias passei assim. De forma que aquele fim-de-semana foi bonito até, tomando aquele copinho do amigo que deixou, que na intenção dele é de ajudar alguém que não tá conseguindo trabalhar, mas que pra nosso valor não é não!

Espera aí, eu fui enganado! Mas aquilo me causou um efeito muito violento também, pesadelo, que depois eu vim entender que é aquela ressaca de algum entorpecente que você tomou, que são pesadelos fortes..., e eu dormi, dormi do sábado pela manhã até o domingo à noite, sem comer, sem beber. Só me lembro que eu levantava muito zozzo e voltava. Levantava e acordava com o corpo totalmente flácido. Me lembro que com a mão eu tocava meu quadril e sentia todos os meus ossos e todos os buracos, e isso não é sonho! Eu tava tão magro e tão flácido que passava a mão pelo corpo todo e sentia todos os ossos. A minha bochecha lateral ela escorria e formava um volume flácido, molenga mesmo, e os ossos totalmente aparecendo mesmo. No contato com a mão, a gente notava que poderia colocar a mão dentro dos olhos sem que sentisse dor. As costelas, o estômago, podia colocar a minha mão por dentro da pele e tocar o coração assim por volta. Esse foi o estado que eu fiquei e nem gosto de lembrar, por isso que eu fiquei nesse estado muito forte de emoção... (Choro/Silêncio)... que parece o fim de tudo!

A DOENÇA E O PROJETO DE RETORNO

Eu acordava de madrugada sentindo uma enorme falta de ar, com soluços e palpitações fora do normal. Então recorri ao médico e no eletrocardiograma deu que eu estava com extra-sístole de vinte e um por cento e isso até hoje eu carrego, e eu não conhecia isso. Agora eu preciso fazer regularmente um eletro, porque o normal que a pessoa pode ter é sete por minuto e eu tava com vinte e um, e o médico, muito gozador, falou assim: Bom! se você tá com vinte e um por cento e tá vivo, então você deve agradecer a quem quiser porque tá vivo. E isso aí, em vez de conforto passa a ser uma preocupação muito grande. Falei: Estou vivo! mas até quando isso pode aguentar, doutor? Ele falou assim: Se você já aguentou um dia, vai aguentar o resto. Mas você fica pensando: espera aí! se eu ficar tentando aguentar mais, posso voltar aleijado! Aí você começa a pedir a Deus pra que a saúde volte e recupere.

Então, a gente passa a começar a trabalhar pra voltar, porque



eu, depois de quatro meses, aquela luta é quase que diária, vencer mais um dia, vencer mais um dia... É claro que eu cheguei num ponto de conseguir me enganar até por uma semana. Mas, logo de cara, eu pedi pra minha esposa que se correspondesse comigo, pelo menos que me mandasse uma carta por semana, porque eu jamais queria ficar como aqueles que eu via lá, que perderam noção de tudo. E que se eu comesse a não telefonar, ou a telefonar só contando vantagem, alguma coisa mecânica, daquilo que eu estava treinado por eles, a ligar pra família e dizer: Tudo bem, os carros daqui são bonitos, andei de trem-bala, conheci a Disneilândia..., se comesse a falar com esse papo de sempre, se ela visse que eu comesse a perder aqueles hábitos normais, por favor que ela disparasse um certo esquema que eu tinha pré-combinado, que era mandar fotos e

coisas cheirando a Brasil, porque eu vi que isso poderia me ajudar a retomar os meus hábitos porque o meu medo era de perder um pouco a memória ou qualquer coisa semelhante. E minha esposa, realmente, me ajudou muito! muito! muito!, com cartas, correspondências. Eu escrevi pra ela contando tudo o que eu tava passando, o que eu via, pra aguentar! Então, ele me aconselhou para que eu anotasse tudo o que eu achava diferente para contar a ela depois, e foi aí que comecei a contar das coisas que me incomodavam, desde o corte do pãozinho, do formato da lua - eu gosto muito de astronomia - e alguma coisa, lá fora no céu, me deixava estranho! O formato da lua! Como nós estamos num outro hemisfério, ele é o contrário, meu Deus do céu! Depois que eu tive que reparar e explicar pra ela! E isso tudo foi me ajudando a ganhar tempo. E mais, a sensação de a gente sempre achar que tá indo prum lugar e ia dar no contrário! Uma brincadeira dos japoneses com os brasileiros é de fazer os brasileiros se perdê na fábrica. É só largar ele sem guia e mandar ir pro setor. Ele se dirige sempre ao oposto do setor. Lá, pela mudança de hemisfério, a gente perde o instinto nosso e perde a noção do espaço. O sol, dá

impressão de nascer e caminhar ao contrário. As constelações, eu não reconhecia uma! Ficava querendo ver isso e aquilo e lá não via nada, é bem diferente daqui! Até a água que caía no ralinho da pia ela gira ao contrário daqui, e assim uma série de diferenças que acabam te incomodando, coisas que normalmente não aparecem no normal. E nesse sentido minha esposa me ajudou muito a não perder a memória, o sentido das coisas! Porque eu chegava a ter pesadelos e eu acordava tão preocupado com o pesadelo que chegava a passar dois dias sem sequer me lembrar de quem era eu exatamente. Sabia que tinha vindo de lá, tão distante! Brasil? Aquele paiszinho lá que todo mundo mete o pau, porque não vou meter pau também?! Sabe, a nossa saída pra lá, pra quem deixa filhos e esposa, há uma ligação muito forte! Na ida, eu sentia o jato se distanciando, indo tão longe e cada vez mais longe, mais longe, vinte e sete horas, isso te deixa tão frágil que você pensa: Ah, meu Deus do céu, se vou ter alguma coisa aqui como é que eu volto pra casa? Quanto tempo vai demorar pra voltar pra casa? E quando você chega lá que não entende um letreiro! O medo é de nunca mais poder voltar pra trás. Se me largam aqui, como é que vou voltar? Não sei! O que que vou falar na embaixada! Mas em que lado fica a embaixada, se eu já me dirijo sempre ao contrário? O trânsito lá é o contrário. Sempre que eu ia tomar o trem eu ia para embarcar no lado errado. Acostumar a andar na contra-mão, é tudo engraçado! No começo a gente levava tudo com graça, mas quando chega nos sessenta dias a gente fica "P" da vida, aquilo te incomoda e você chora tanto e aí você entende porque os outros tavam sofrendo tanto! Agora, ou você tem um branco total, como às vezes eu acordava em branco total, meio entorpecido com uma série de coisas, ou você tem que voltar, porque a saudade e os valores te cutucam com muita força. E chega num ponto de você achar que dinheiro não vale nada mesmo, é aquilo que meu pai apareceu em sonho e disse: Rapaz! eu saí daqui e larguei tudo e por que você volta aqui atrás de bem material? Aí você começa a comparar valores, recomparar. Lá no Japão você tem tudo, dinheiro, tem tudo! Entretanto, você sofre demais por um prato de comida. Você perdê o **gohan**, como já aconteceu comigo na fábrica, acabou o **gohan**! E não acabou só na minha fábrica! O engraçado é que quando acaba o **gohan**, acaba na cidade toda, no país todo, e é aquela preocupação. Acabou o **gohan**, meu Deus! vou morrer de fome aqui! Fora os terremotos, que são habituais. Eu passei por muitos deles, pequenos terremotos e é até engraçado, eu ri muito deles, porque eu tava do lado do alarme e eu não sabia. Mas isso acabava não preocupando mais nada, mas o **gohan**, aquilo me deu uma preocupação violenta. Entrei na fila e todo mundo batendo prato e pedindo **gohan** e eu não sabia muito bem daquilo. Aí fui pra lanchonete, comi lanche, chocolate, e me distraí e voltei pro meu trabalho mas sem saber que aquilo tinha sido em geral. Não foi só na fábrica... - depois vou num bar da esquina -, não! Quando acaba, acaba mesmo!

A DECISÃO DA VOLTA

Só pelo fato de eu ter ido ao médico, voltado para o setor de produção e lá me lembrar que o meu antecessor teve parada cardíaca - Sakamoto-san, brasileiro também, foi o antecessor na minha máquina -, ele teve uma parada e uma queda, e quando

foram cuidar dele disseram que ele já sofria do coração e ele não tinha percebido! O japonês tem desculpa pra tudo, desculpa esfarrapada pra tudo. Eles dizem, quando falam, assim: "Dizem...", é mentira! "Dizem que...o grande número de suicídio japonês é em decorrência do grau elevado de...", qualquer coisa quando eles falam com "dizem!...", é mentira! Já pode desclassificar que isso eu aprendi lá! Então, quando eles falam: "Dizem que já sofria do coração aqui no Brasil e não percebeu, por isso que teve... mas não foi culpa do trabalho e não sei o quê...e agora ele pretende retornar...", a gente já sabe que a verdade é outra. E o Sakamoto, ele se despediu de mim com grande alegria de saber que ia voltar! Então, quando eu tive essa parada e tudo o mais, eu acabei lembrando de tudo isso e tomei a decisão de voltar. Aí eu me reanimei. Então, as fumaças foram embora e eu não tomava mais nada oferecido por um bom amigo japonês. E comecei a me sentir outro, até o final, pois trabalhei dois meses após ter tomado essa decisão. Não, um mês e meio.

Foi o tempo para preparar a minha esposa, disse a ela para que guardasse todo o dinheiro porque não ia ter mais, que o que eu tinha guardado lá já dava pra levar alguma coisa no bolso, da muita força de vontade pra começar qualquer trabalho aqui e vencer, e contei também pra ela a dificuldade de ter comida lá, porque aqui no Brasil, se existem quatro desempregados ou que ganham mal, se a gente se junta e diz: Vamos fazer um churrasquinho?! Um traz meio quilo de bife, outro a linguiça e sei lá, e sai o churrasquinho! E isso é comum no Brasil. Existe muito aqui, de gente com pouco poder aquisitivo, ainda conseguir pagar um churrasco pro outro com certa facilidade. Lá a carne é racionada. A gente compra cento e vinte e cinco gramas de carne, coisa assim, quando vai fazer em casa, porque lá a gente se habitua a comer tudo pronto por causa do ritmo corrido. É claro que os brasileiros acabam se reunindo e fazendo um churrasco, mas a carne não é o mesmo gosto, não se encontra sal igual daqui, não dá pra fazer igual.

Aí, na hora que tomei esta decisão, muita coisa foi embora, aquela saudade que mata passou a ser uma recuperação das cartas que eu já tinha lido, e eu já estava começando a ler lucidamente e tentar a me lembrar o máximo possível do que eu estava tentando buscar no Japão. Aprender e notar claramente que aquilo que meu pai me ensinava em casa, os costumes, é claro que ele trazia muita coisa da honra, dos Samurai e aquele negócio, que em parte era muito bonito, de valores, no pós-guerra já era bem diferente! Ou o japonês com aquela mentalidade igual de meu pai, que foi pro mundo, que se alistou, que teve coragem pra se alistar como voluntário e saiu, talvez já não exista mais. Construíram um outro japonês, com outra mentalidade, aquele que fica e luta pelos bens materiais, aquele que discrimina, que se suicida quando as coisas apertam, sei lá?! Não sei qual a explicação que eu dou! Enfim, já não é aquilo que meu pai me contava.

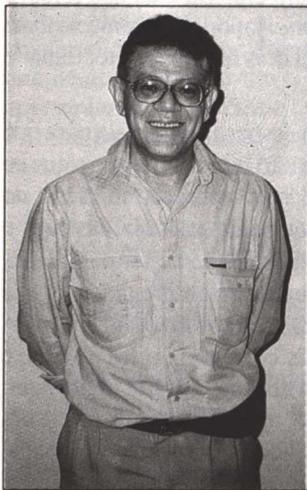
A PREPARAÇÃO DA VOLTA

Tive que arranjar, é claro, um meio, e aquele exame médico já me abriu um grande caminho. Mas a quem procurar? Aí eu descobri que um tradutor, não aquele que morava comigo, um

outro de mais experiência, que já tinha presenciado ataques, crises, mortes, pessoas em estado de botá sangue pela boca..., se eu conseguisse conversar com ele, ele ia me ajudar a me preparar. Ele era japonês, se chama Hirai-san, inclusive o filho dele era o responsável pelos Recursos Humanos da empresa aqui no Brasil, e ele já conhecia muito bem os hábitos do Brasil, ele já estava no Brasil há muito tempo e foi só como tradutor, solicitado pelo pai dele para que acompanhasse essas turmas que iam pro Japão. Ele me deu um grande apoio pra tudo, era um camarada que eu podia recorrer a ele pra qualquer coisa.

(...)

Então no momento que eu achei adequado, eu fui conversar com esse Hirai-san e me abri com ele: Não aguento mais! Passei no médico e ele falou que eu tenho alguma coisa e gostaria que você visse isso, se você duvidar, mas um dia você me disse que se eu precisasse mesmo, que eu conversasse com toda sinceridade, e eu tou aqui pra isso, quero que você me ajude a voltar!



(...)

Aí, esse colega meu, que era o outro tradutor, me ajudou muito, e me deu um telefone de uma agência que atendia em português, uma agência de viagem. Então eu já cuidei de ver se tinha vaga para a época em que eu pretendia

voltar, porque era só terminar o mês e no dia seguinte voltar. Ai ele falou: Não, Sérgio! Você precisa de um dia pra dar baixa no visto, devolver a identidade... Ai eu calculei certinho e já pedi a passagem. Eu tinha dinheiro pra pagar à vista; a da vinda, que tava sendo descontada em folha, eles já quitaram e, inclusive, eu tive até um prêmio. Se eu rescindisse o contrato antes dos seis meses eu perderia o direito a esse prêmio, mas eles me deram o prêmio proporcional. Foram bacanas nesse aspecto, isso graças a tradução que o camarada fez lá.

DE VOLTA AO BRASIL

O Japão, todas as árvores, tudo é igual: as ruas são iguais, as avenidas são iguais, casas são iguais!... É tudo assim uma sequência de coisas iguais. Quando floresce a cerejeira, uma vez por ano, e cerejeira tem no Japão inteirinho, então floresce tudo igual! E aqui, eu morria de saudade de ver as quaresmeiras (choro), flores de outra cor sem ser aquela mesma. A primeira vez que a gente vê é uma maravilha, mas chega um ponto de juntar com a saudade e aquilo lá é até triste. Então, a decisão de voltar, os preparativos para o retorno, tudo foi muito alegre. A viagem também foi muito boa, já sentindo no avião comidas brasileiras, ouvindo um pouquinho de inglês, que a gente entende um pouco, no avião; alguma coisa de inglês na televisão que a gente entende bem, e já começamos a ver carne na parada lá nos Estados Unidos,

e assim vai. E a recepção da família foi das mais alegres; estavam minha esposa, meus irmãos, meus filhos, todos no aeroporto me esperando. Os próprios tradutores, na hora de me preparar me disseram: Você não deve ir imediatamente! Nós vamos precisar de um tempo pra pegar teu visto e tudo... e você deve se recuperar ficando no alojamento, comendo bem e descansando mais. Mas eu achava que tava muito recuperado, eu ganhei peso! Da hora que eu decidi voltar até o retorno eu ganhei uns seis quilos e me achava muito bem. Puxa, que beleza, tou ótimo! (choro)... Eu me achava bonito, fiz barba, fui no cabeleireiro e me deixei impecável! Pus a melhor roupa pra descer no aeroporto e achava que eu tava uma maravilha. Foi alegre o retorno e todo mundo me viu. Mas, logo depois os comentários: Coitado! Como que você tá magro! Vai precisar se alimentar muito pra chegar ao que você era! Mas foi tudo uma maravilha. E a saudade é tão grande que você não quer mais largá da família e fica como uma galinha-choca, quase sem iniciativa pra voltar a procurar emprego. E aquilo você começa a deixar pro dia seguinte, embora tivesse trazido dinheiro para poder ficar talvez, no nível que eu tinha, um ano desempregado, mas sabendo que devia recomeçar logo, mesmo assim há quase uma perda de iniciativa, até que, graças a Deus, conversando muito com minha esposa, minha terapeuta, pude desabafar um pouco! Era a única pessoa pra quem eu pude contar alguma coisa, mas nunca assim! O sentimento lá dentro, do que se passou, é difícil de expressar! Aquilo que meu pai contava dos valores, que eu ia achar bonito, que ia participar... Puxa, vou participar de uma coisa que meu pai falava, de cerimônias de chá..., mas acabei encontrando tudo diferente, em matéria de organização e tudo o mais.

(...)

Naquela época tava bem mais difícil emprego do que agora. E isso foi em 92, no mesmo ano que fui. Eu voltei em julho e fiquei, praticamente, agosto, setembro..., até o final do ano curtindo a família. É claro, procurando emprego, enviando curriculum, aqueles anúncios raros que apareciam nos jornais, dentro sempre da minha área. Mas se terminasse o ano daquela forma, no ano seguinte eu pegaria qualquer coisa, com salário bem inferior, e foi o que eu fiz. Trabalhei junto com parentes, sendo gerente de pizzeria, um trabalho bem diferente, mas não deu certo, eu não gostava e não era esse o tipo de trabalho que eu procurava. Mas depois apareceu este trabalho no Hospital São Lucas, como chefe do Departamento de Pessoal, que eu peguei firme até hoje. E eu mudei até meus hábitos. Antes, talvez, eu não aguentasse condução, de Campo Limpo até o bairro da Liberdade, pendurado no ônibus! Talvez eu até achasse ruim, mas o Japão me deu pique pra isso, sabe, de suportar uma série de outras coisas, de malhar o corpo. Eu pesava por volta de oitenta, oitenta e cinco quilos, e eu cheguei até a sessenta e três quilos. Hoje tô com setenta e vou ficar nisso porque eu mantenho muita coisa do que meu pai me ensinou de acostumar o corpo e essas coisas. Mas, muita coisa do que é feita lá não vale a pena! Sacrificar um povo a caminho do desenvolvimento descontrolado, sacrificando os valores, não vale a pena! E eu tenho certeza que o próprio japonês, hoje, acha que isso não vale a pena. Se tivessem que recomeçar eles não fariam nada disso.

"Eles vão fazer comigo o que eu fiz com meus pais"

Heleno, mineiro da fala mansa, tem 43 anos e em 72 migrou para São Paulo onde se tornou mão-de-obra especializada. Em 92, após 18 anos "de casa" numa empresa metalúrgica, retornou para sua terra. Por ocasião da última Semana Santa, ele se encontrava em São Paulo em busca de um novo emprego, foi quando falou à Travessia do arrependimento pela decisão tomada.

Entrevista com **Helena**
Por **Dircen Cutti**

Travessia: Aqui na Vila todo mundo só conhece você por Heleno, qual o seu nome completo?

Heleno: Meu nome é Joaquim Heleno Costa.

Travessia: Sua idade?

Heleno: Tenho 43 anos.

Travessia: Onde você e seus pais nasceram?

Heleno: Eu sou nascido em Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. Meu pai nasceu em Ponte Nova e minha mãe também. Somos todos mineiros de lá mesmo, inclusive meus avós nasceram e se criaram em Ponte Nova.

Travessia: O que foi que o levou a deixar Ponte Nova e vir pra São Paulo?

Heleno: O que me levou pra São Paulo foram as condições de vida de lá que eram muito difíceis. E como São Paulo é o centro que puxa o pessoal do interior, eu também vim pra São Paulo pra ter uma vida melhor.

Travessia: Quantos irmãos são na família?

Heleno: Nós somos em cinco irmãos.

Travessia: Além de você, quem mais deixou Ponte Nova?

Heleno: Só eu, até hoje sou o único que saiu da família.

Travessia: Em que ano veio para cá?

Heleno: Em 1972.

Travessia: Fale um pouco de quando chegou em São Paulo, do trabalho...

Heleno: Chegando em São Paulo, de imediato já fui trabalhando. Morava no Jardim Prudência e lá mesmo comecei a trabalhar como ajudante geral, mas trabalhei um dia só nesse primeiro emprego. Trabalhei um dia na firma e o serviço não era aquele que eu pensava. Saí e já entrei numa outra firma, nas proximidades mesmo e trabalhei oito meses. Depois de oito meses saí dessa firma e fui trabalhar numa limpadora, serviço de faxina, e era no Palácio dos Bandeirantes, Palácio do Governo. Também não vi resultado. Aí, em 74, entrei numa indústria, na Brassinter, onde trabalhei até 92. Nessa firma fiz o curso do Senai, me tornei profissional, torneiro, ajustador mecânico e formei como ferramenteiro especializado. Uma ótima profissão! Um ótimo salário! Uma firma boa e estava bem. Se hoje eu estivesse na firma eu estaria ganhando uns dezenove salários mínimos. Então, esse é o arrependimento que eu tenho, de ter saído dessa firma. Eu pedi pra sair depois de

dezoito anos. Tudo o que eu tenho foi construído nessa firma. Por isso tenho o arrependimento de ter saído por justa causa, porque fui eu que pedi pra sair dessa firma.

Travessia: Por que pediu pra sair?

Heleno: Eu pedi pra sair pra experimentar o interior, a liberdade! Porque eu queria liberdade. Eu estava no sufoco do dia-a-dia de São Paulo. Então, eu fiz isso pra ter liberdade mesmo. Infelizmente me enganei, não era isso. A liberdade não é tudo, porque pra você ter liberdade você tem que ter condições financeiras e lá onde eu estou, você não tem condições de sobreviver. Em Ponte Nova não tem! Porque o maior salário de Ponte Nova é o salário mínimo. Quando você encontra emprego, é o salário mínimo e não tem emprego, infelizmente não tem emprego. E até hoje eu estou vivendo daquilo que eu adquiri na firma em que trabalhei. Não dispus de nenhum bem que eu tenho mas, infelizmente, tá chegando o momento que vou ter que retornar novamente pra São Paulo, porque não tem condições de viver no interior. Os governantes não te dão chances. Lá sou pequeno agricultor e nesse pequeno espaço que eu tenho não é suficiente pra mim criar minha família.

Travessia: Lá você mora no sítio?

Heleno: Eu moro na cidade, moro na cidade e toco o sítio de três alqueires. O que nós produzimos lá é milho e feijão, braçal, lá é tudo braçal. E as condições não ajudam porque quando você colhe não tem valor, quando você vai plantar é caro. Você gasta pra plantar e dificulta a gente trabalhar dessa maneira. E os filhos estão na fase de estudo, estão na escola.

Travessia: Quantos filhos você tem?

Heleno: Eu tenho três filhos e mais uma sobrinha que eu crio, e as condições pra estudar hoje estão muito difíceis, porque do jeito que eles vêm impondo, você não tem condições. Se você não tiver uma fonte pra sustentar os seus gastos, você não consegue manter seus filhos na escola, apesar que hoje estão dificultando pra você não estudar seus filhos mesmo. Mas não é isso que eu quero. Eu não quero que meus filhos passem o que eu passei e estou passando.

Travessia: Até que série você conseguiu estudar?

Heleno: O primário, primário só. E os meus filhos estão avançados já, a minha filha com quatorze anos já tá fazendo o segundo grau, coisa que eu não fiz ela já tá fazendo. E vai fazer mais ainda, pra que se torne alguma coisa. Mas lá eu não tenho condições pra sustentar isso,

infelizmente eu não tenho condições pra sustentar. Não digo que aqui em São Paulo eu vou ter, mas pelo menos fonte pra ganhar um pouquinho mais pra sustentar a eles eu acho que vai ser suficiente.

Travessia: *Aqui em São Paulo, você tem casa própria?*

Heleno: Tenho, tenho minha casa, aqui no Jardim Almeida Prado, Santo Amaro.

Travessia: *Em que ano retornou pra Ponte Nova?*

Heleno: Em 92.

Travessia: *Agora está decidido a voltar pra São Paulo?*

Heleno: Estou tentando.

Travessia: *Fazem três anos que retornou pra Ponte Nova; quando foi que você sentiu que iria ter que sair novamente?*

Heleno: Vai completar agora três anos que voltei pra lá. E comecei a pensar em voltar desde que você começa a perceber que o que você levou está acabando, entendeu?! Aí começa a apertar, você começa a ver que o padrão de vida mudou muito. E o primeiro ponto é a família, os filhos. Eles estão acostumados com um padrão de vida, não um padrão elevado, mas razoável, e de repente você ter que mudar! Por mim, tudo bem, mas os meus filhos não foram criados dessa maneira. Então, eu tenho que dar um conforto maior pra eles. E lá, eu não vejo um ponto positivo pra isso, porque lá, quem está estabilizado, está estabilizado. E eu não estou estabilizado, simplesmente eu tive uma ilusão e agora chegou a hora, eu percebi, de procurar alguma coisa a fazer.

Travessia: *Hoje, Sexta-Feira Santa, você está aqui em São Paulo e veio sozinho...*

Heleno: É, vim sozinho, deixei a família lá porque vim procurar emprego.

Travessia: *Há quantos dias está aqui?*

Heleno: Cinco dias.

Travessia: *Como está sentindo a praça, acha que vai ser fácil encontrar emprego?*

Heleno: Acho que vai ser difícil, por causa do sistema que tão usando. Hoje em dia, as empresas, as boas empresas, elas não estão contratando, elas estão pegando contratados. Elas não estão admitindo funcionários, mas contratados, então se torna mais difícil. Porque se você tivesse condições de entrar com um salário razoável..., mas não, você vai entrar com salário bem baixo, e isso aí dificulta pra gente também, do meu ponto de vista. E outra coisa, também, que eu vou ter dificuldade, é porque são três anos que eu estou sem atividade, entende?! Então eu acho que na hora que eu for procurar vai ter alguma burocracia. Mas é tentar superar e ver o que vai dar.

Travessia: *Heleno, voltando um pouco na sua história, como foi o seu retorno pra Ponte Nova?*

Heleno: É o seguinte, eu vou começar por onde você vai entender melhor. Todo ano eu ia passar férias em Ponte Nova. Então eu chegava e via aquele movimento e pensava: Puxa vida, como que o povo vive tão bem aqui e eu com tanta dificuldade lá em São Paulo! Aqui é ótimo!... E foi a minha ilusão. De repente eu fui - é ótimo, eu não posso reclamar, as amizades são ótimas, aquele pessoal novo... -, mas se você analisar bem você vê que é um pessoal que tá sem futuro. Não tem nada que incentiva os jovens de vinte anos, vinte e cinco anos, que precisam fazer alguma coisa na vida, aproveitar o tempo deles, porque quando chegar a idade, aí não tem mais tempo mesmo, e estão sem objetivo, porque não tem nada que a cidade oferece, a cidade não oferece condições pra você sobreviver, pelo menos condições para você viver uma vida melhor. Mas não, lá só faz você regredir. O meio da política faz com que as pessoas fiquem sem motivação nenhuma. As promessas, porque quando chega a época de eleição, lá é a mesma coisa daqui, o pessoal chega prometendo isso e aquilo, enfim, você é iludido e você não vê resultado. Criar empregos?... O pessoal promete muito, mas na hora do pega pra valer,

ilusão! Mas, o que fez eu voltar foi que eu ia, passava um mês, e era maravilhoso. Mas agora que voltei lá, convivendo o dia-a-dia, eu estou vendo as dificuldades que estou tendo.

Travessia: *A que distância de Belo Horizonte fica Ponte Nova?*

Heleno: Mais ou menos uns cento e setenta quilômetros.

Travessia: *O que movimenta o comércio de Ponte Nova?*

Heleno: Lá o forte é o comércio atacadista. Vem muita mercadoria, muitos produtos daqui de São Paulo e de outros lugares; são desembarcados lá e depois são levados para outras cidades e para outros Estados mesmo. Às vezes vai mercadoria de São Paulo pra Ponte Nova e retorna pra São Paulo mesmo, não dá pra entender. Mas é um tipo de jogada que eles fazem, mas o forte lá é atacadistas. Lá mesmo só tem uma fábrica de papel.

Travessia: *E a agricultura, tem gado, fazendas?*

Heleno: A agricultura é fraca, fraca. Tem poucas fazendas. Mais é pequenos sítiantes que plantam pro próprio consumo. Então é muito fraco. E a fonte de emprego lá é só a Prefeitura, infelizmente é só a Prefeitura, onde eu falo pra você que o salário é o mínimo.

Travessia: *Você está percebendo que tem gente saindo de lá?*

Heleno: A migração lá tá parada, e tá parada porque o pessoal está sem condições de sair. Porque, uma pessoa que tem família, como vai sair de Ponte Nova e vir pra São Paulo sem saber pra onde vai? Ninguém tem recursos pra sair e ninguém pode oferecer esses recursos pra sair. Lá, como eu conheço, um funcionário, faltando um ano, um ano e meio pra aposentar ele é mandado embora sem direito, sem receber nada. Eu estranho isso, na Prefeitura! Ele é mandado embora, sem nada, e onde ele vai trabalhar? Não tem onde ganhar e como vai sobreviver? Então, eu não quero esperar que aconteça isso comigo. Senão vou ter que dispor dos bens que eu tenho pra sustentar minha família.

Travessia: *Você tem informações de ex-colegas de trabalho seus que também voltaram pra terra deles? E lá em Ponte Nova conhece outras pessoas que também voltaram?*

Heleno: Não, não conheço.

Travessia: *E da época em que você saiu de Ponte Nova, você estava com 20 anos na ocasião, saiu muita gente?*

Heleno: Aquele pessoal com quem a gente estudou junto, a maioria está aqui e não fizeram a burrice que eu fiz.

Travessia: *Quando você estava aqui, teve necessidade de enviar recursos para a sua família?*

Heleno: Sim, tive. A casa de meu pai fui eu que fiz, comprei um pequeno pedaço de terra pra ele, um sítio, pequeno, fui eu que comprei. Quando eu saí da firma e voltei, eu já tinha também o meu sítio lá, e foi o que me iludiu mais pra voltar pro campo. Eu me arrependo, porque agora eu não estou sozinho, eu tenho uma família. A economia que eu fiz, já são três anos, então eu já estou fazendo milagres. Eu não tenho trabalho, fonte de renda. Eu não posso dizer: eu trabalhei e ganhei, não! Eu estou sobrevivendo do aluguel que deixei aqui e da reservinha que eu levei, mas não é fácil.

Travessia: *Quando tomou a decisão de voltar pra terrinha, como sua família reagiu?*

Heleno: A minha esposa reagiu bem porque os seus pais são de lá também. Mas os filhos não concordaram, não queriam ir pra lá de jeito nenhum. Mas agora já acostumaram. Tem dois que já acostumaram, mas tem um que quer vir pra São Paulo, o mais velho, porque tá chegando a hora de trabalhar e não tem campo de trabalho pra ele. E é o que me dificulta mais porque eu sei que quando chegar nos vinte anos eles vão fazer o que eu fiz com meus pais. Eles já falam: pai, olha, nós só vamos vir aqui no fim do ano, pra ver você e a mãe. Então, entende, eles já colocam a gente num xeque mate. E não é fácil, não é fácil!

SEJA UM COLABORADOR

Travessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento:

social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc.

A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, obedecendo aos seguintes quesitos:

Os artigos devem enquadrar-se, na medida do possível, dentro do tema geral de cada número, previamente anunciados;

Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;

Os artigos devem ser inéditos;

Tamanho: 250 linhas;

Intercalar o texto com intertítulos;

Breve identificação do autor e endereço com telefone para eventuais contatos;

Obedecer aos prazos para o envio das matérias, conforme estipulado ao lado.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

TRAVESSIA Nº 23
MIGRAÇÕES E
METRÓPOLES
(SET-DEZ/95)

Prazo para
envio
dos artigos:
(10/05/95)

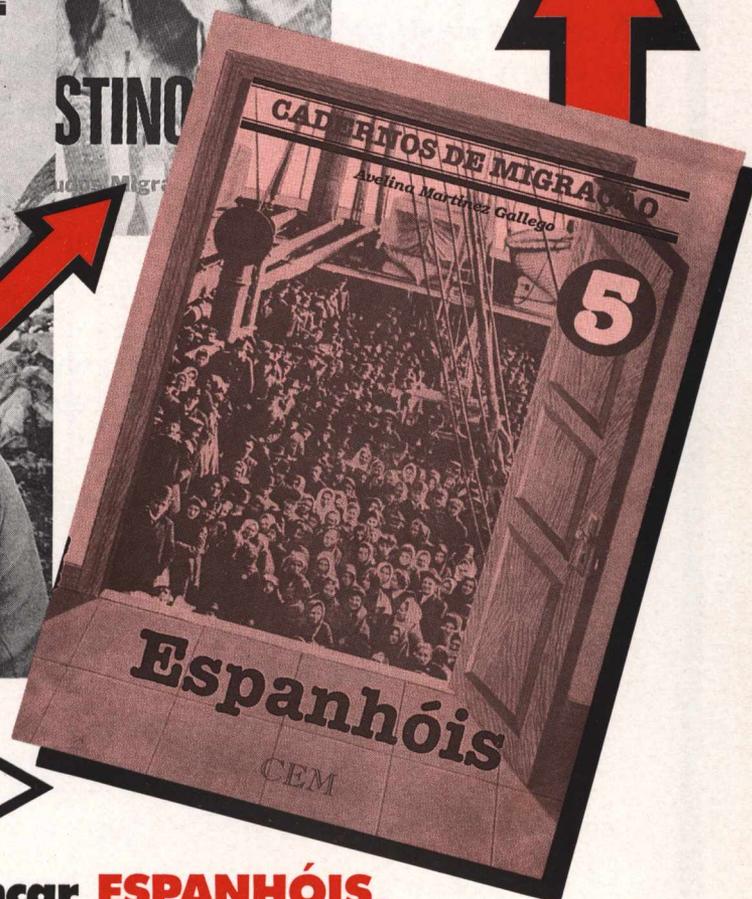
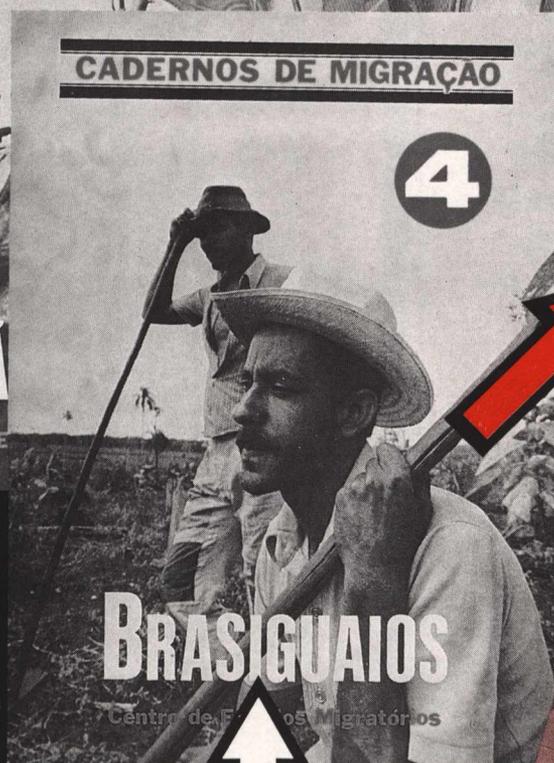
TRAVESSIA Nº 24
ÍNDIOS E
TERRITÓRIOS
(JAN-ABR/96)

Prazo para
envio
dos artigos:
(10/09/95)

TRAVESSIA Nº 25
DESLOCAMENTOS
COMPULSÓRIOS
E RESTRITIVOS
(MAI-AGO/96)

Prazo para
envio
dos artigos:
(10/01/96)

ESPAANHÓIS



O **CEM** acaba de lançar **ESPAANHÓIS**,
livreto nº 5 da série **CADERNOS DE MIGRAÇÃO**.

Nele a autora **Avelina M. Gallego** busca
entender as razões da ausência de marcos
culturais da imigração espanhola em nosso
meio. Um trabalho original que merece ser
conferido. Preço: R\$ 3,00 - Pedidos: **CEM**